

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

CELSO SENNA ALVES NETO

**O *PICO* DOS SURFISTAS E OS SURFISTAS DO *PICO*:  
SOCIABILIDADE, TERRITORIALIDADE E SURFE NA VILA  
DOS PEIXES**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Ciências  
Sociais da Universidade Federal de  
Santa Catarina para a obtenção do  
Grau de Bacharelado em Ciências  
Sociais  
Orientador: Prof. Dr. Rafael Victorino  
Devos

Florianópolis  
2011

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da  
Universidade Federal de Santa Catarina

A ficha catalográfica é confeccionada pela Biblioteca Central.

Tamanho: 7cm x 12 cm

Fonte: Times New Roman 9,5

Maiores informações em:

<http://www.bu.ufsc.br/design/Catalogacao.html>

CELSO SENNA ALVES NETO

**O *pico* dos surfistas e os surfistas do *pico*:  
sociabilidade, territorialidade e surfe na Vila dos Peixes**

Este Trabalho de Conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Ciências Sociais” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais

Florianópolis, 7 de outubro de 2011.

---

Prof. Dr. Julian Borba  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

**Prof., Dr. Rafael Victorino Devos**  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

**Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup> Alicia Norma González de Castells**  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

**Prof., Dr. Fernando Gonçalves Bitencourt**  
Instituto Federal de Santa Catarina



## AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa é resultado do trabalho coletivo de muitas pessoas. Cito abaixo algumas delas e deixo aqui minha gratificação a todo(a)s que me incentivaram e me ajudaram de alguma maneira.

A Deus, por tudo.

Aos meus pais, Ilda e Celso, pelo amor, pelo carinho, pelo afeto e acima de tudo por acreditarem em meu potencial. Poderia descrever páginas e páginas para tentar mostrar o quanto vocês são importantes na minha vida e mesmo assim não conseguiria. Através de seus ensinamentos e principalmente pelo amor dedicado a mim, hoje sou quem sou. Amo muito vocês !!!! Muito obrigado por tudo sempre!!!

Aos meus irmãos, Marcelo e Camila. Marcelo: acredito que me inseri nesse esporte te observando surfar, nossa pequena “competição” fez com que eu me apaixonasse cada vez mais pelo surfe e pelo mar, provavelmente você seja o maior responsável por esse meu “vício”. Camila pelos milhares de dicas, principalmente as dicas amorosas, e pela a alegria que você demonstra. Amo muito vocês e a distância faz com que esse amor aumente ainda mais.

Ao prof.Dr. Rafael Devos sinônimo de orientação. Foi paciente ao ler meus diários de campo, entrevistas e fichamentos. Soube me incentivar nos momentos em que eu não via mais importância no trabalho, acreditou desde o início na realização do mesmo e me ensinou muito sobre etnografia e antropologia. Graças a você aprendi a fazer etnografia e concluí (e iniciei) esse trabalho. Muito obrigado!

À minha namorada Andréa, que tem a maior paciência do mundo em me aturar, sinônimo de companheirismo. Muito obrigado pelo apoio, incentivo, carinho, amor e por estar do meu lado nos momentos de tristeza, de incerteza e de insegurança. Sempre sabendo falar e agir de forma a amenizar tudo isso, me deixando feliz e me ensinando muito nesse meu processo de profissionalismo. Amo muito. Aproveito para agradecer também minha cunhada “monstra” Lina e a fiel escudeira das gêmeas Fernandinha.

A todos os surfistas da Vila dos Peixes, em especial, ao Tadeu, Jorge, Frederico, Patrick, Joel, Michel, Adriano, Garcia, Roberto, Caio, Bruno, Mauro, Robson e todos aqueles que não apareceram no trabalho. Obrigado por abrir a casa de vocês, responder minhas perguntas no mar e me ensinar mais sobre o surfe.

Aos professores doutores Matias Godio e Fernando Bitencourt que participaram da banca de qualificação contribuindo muito para

continuidade desse trabalho. Obrigado pelas dicas de autores e estímulos nos corredores da(s) universidade(s).

À profª.Drª. Alicia Castells por aceitar participar da defesa de meu trabalho.

Aos meus amigo/as de Ciências Sociais: em especial Pepeu, Dú, Fugu, Roro, Bianquinha, Julinha, Didi (agora com a Rosinha e Chandi), Baby, Yuri, Marininha, Fran e Marcelinho. Com certeza vocês fazem parte da minha vida, aprendi muitas coisas com vocês, de vocês guardo as alegrias; de Sanja com quem morei na República Astor e vivenciei: Flick, Ludival (e Pri), Lafon, Pedrinho, Limão, Robertinho (e Juli Bolfi), Rodriguinho, Dylon, Homero, Japinha, Goulart, Biriba e Jonas. São tantas coisas que passamos juntos que fica difícil de escrever em um parágrafo.

Ao pessoal do PET- Geografia (UDESC), em especial à Maria, à professora Vera Dias e ao professor Maurício. Todo esse envolvimento que tenho com a pesquisa iniciou-se no PET. Ao/Às técnica/os-sociais da antiga Gerência de Desenvolvimento Urbano da CAIXA (Eliana, as três Rôs, Wil e Juliana) e às estagiárias (Fernanda e Aline) em especial a socióloga Marion que me ensinou muito sobre as políticas públicas e principalmente a atuação do cientista social fora da universidade, colocando nosso curso no “cenário” não acadêmico.

A todos os professores do curso de Ciências Sociais, que foram responsáveis pelo que chamo de meu “novo” olhar: mais crítico, que desconstrói tudo aquilo que é tido como dado, mais questionador e mais criativo. Ao coordenador do curso Julian Borba e as técnicas administrativas Dona Lurdes e Elaine.

À Micheli, por escutar todos os meus problemas. Ao Xico Carvalho e Marco Cohen pela elaboração de algumas das imagens desse trabalho.

A todos que de alguma forma contribuíram para o desenrolar desse trabalho e que não teve o espaço gravado nessa página.

Muito obrigado a todo(a)s vocês !!!

“O esporte [surfe] é tão maravilhoso, tão integrado com a natureza, que tu te sente tão dentro da natureza que o leva para uma posição alienante [...] tu fica meio fora, te aliena, por ser tão maravilhoso [...]”

Tadeu, surfista. 2011



## RESUMO

O presente trabalho trata de um estudo etnográfico sobre territorialidade e as relações de sociabilidade entre surfistas de uma praia no Brasil. Essa pesquisa teve como objetivos específicos: analisar as categorias de identidade utilizadas para classificar e hierarquizar o “outro” surfista - *local*, *haole* e *nativo*; estudar a formação da(s) territorialidades(s) de surfê, conceituadas nesse trabalho como pico, e a apropriação das fronteiras simbólicas e dinâmica do mar pelos praticantes; ponderar os diferentes discursos sobre o fenômeno do *localismo* para os adeptos do surfê nessa praia. Utilizou-se da participação observante e de entrevistas formais e informais como metodologias para o trabalho. Observou-se que todas essas categorias e territorialidades são fluidas no tempo e no espaço e tal caracterização ocorre devido: 1) a rede de sociabilidade; 2) o pertencimento ao pico; 3) código de emoções partilhadas; e 4) as técnicas corporais.

**Palavras-chave:** Surfê. Pico. Territorialidade. Sociabilidade.



## GLOSSÁRIO

**Beach break:** Bancada de areia no fundo do mar. Proporciona a formação das ondas.

**Cair:** 1) Ir surfar; 2) Cair da prancha na onda.

**Calmaria:** Momento que não vem onda.

**Crowd:** Excesso de surfistas em determinada territorialidade.

**Direita:** Onda que proporciona surfar do mar a praia para a direita.

**Dropar:** Descer a onda.

**Esquerda:** Ver definição de direita e foto III e IV

**Gorda:** Característica da onda. Ver foto III e explicação anterior a foto. Também conhecida como *onda cheia*.

**Haole:** Surfista “de fora”. Ver discussão sobre esse conceito no capítulo 2.

**Inside:** Territorialidade marítima mais próxima à areia da praia. Ver foto V

**Local:** Surfista pertencente à determinada praia e às redes de sociabilidade. Ver discussão sobre esse conceito no capítulo 2.

**Localismo:** Na Vila dos Peixes é a atitude e a ação coercitiva de pertencimento objetivada para a preservação da prática de surfar dos *locais* (*nativos* ou não) no *pico*. Ver discussão sobre esse conceito no capítulo 3.

**Manobra:** Movimento realizado pelo corpo e prancha do surfista na onda.

**Maral:** Vento que sopra do mar para a praia

**Mexido:** Mar prejudicado pela forte ação dos ventos.

**Nativo:** Surfista que nasceu e cresceu em determinada praia. Ver discussão sobre esse conceito no capítulo 2.

**Outside:** 1) territorialidade marítima mais afastada à areia da praia; 2) espaço marítimo onde as ondas iniciam a *quebrar* – onde os surfistas aguardam as ondas. Ver foto V e foto VII

**Parede:** Parte da onda que é possível surfar e “caminhar” nas ondas.

**Pico:** Territorialidade móvel, fluida e flexível, que surge a partir das condições oceânicas e é delimitado pelas relações de sociabilidade entre os surfistas. Ver cap. 3.

**Quebrar:** 1) Quando o ápice da onda forma a espuma (referente à onda); 2) Surfista que soube aproveitar a onda executando manobras reconhecidas pelos outros (“aquele surfista *quebrou* a onda”).

**Rabear:** Entrar na mesma onda que alguém está surfando. Ver figura II

**Série:** *Conjunto de ondas*

**Terral:** Vento que sopra do continente para o mar.

**Tubo ou tubular:** Ver foto IV e explicação anterior a foto.

**Vala:** 1) Onda; 2) *pico* onde estão as ondas.



## LISTA DE FIGURAS

Figura I: Orla Marítima da Vila dos Peixes.....	31
Figura II: <i>Rabear x contornar</i> .....	83
Figura III: “ser de fora”.....	95
Figura IV: Definição de haole para os surfistas da Vila dos Peixes.....	99

## LISTA DE FOTOS

Foto I: Entrada da trilha.....	33
Foto II: O mirante.....	33
Foto III: Onda <i>esquerda e gorda</i> .....	39
Foto IV: Onda <i>esquerda e cavada/tubular</i> .....	39
Foto V: O <i>inside</i> e o <i>outside</i> .....	41
Foto VI: “Olhar de fora e de longe” e vista do mirante.....	43
Foto VII: “Olhar de perto de dentro”.....	43
Foto VIII: Em cima da prancha do lado esquerdo.....	109
Foto IX: Em cima da prancha do lado direito.....	109



# SUMÁRIO

## GLOSSÁRIO

## LISTA DE FIGURAS/FOTOS

## INTRODUÇÃO 27

## CAPÍTULO 1 - DESCONSTRUINDO O FAMILIAR: A VILA DOS PEIXES, OS SURFISTAS E O PESQUISADOR. 30

### 1.1 A VILA DOS PEIXES 30

### 1.2 METODOLOGIA DE PESQUISA E O PESQUISADOR EM CAMPO. 42

### 1.3 OS SURFISTAS DA VILA DOS PEIXES. 50

## CAPÍTULO 2 - OS SURFISTAS DO *PICO*: SOCIABILIDADE MARÍTIMA NA VILA DOS PEIXES. 62

### 2.1 O *NATIVO* DO SURFE E DE SÃO PEDRO DA COSTA. 64

### 2.2 *LOCAL*: REDE DE SOCIABILIDADE E PERTENCIMENTO À VILA DOS PEIXES. 65

#### 2.2.1 Trajetória individual, *projeto* e *habitus*: ser *local* na Vila dos Peixes 69

#### 2.2.2 *Nativos* e *locais*: sociação, interação e conversação na Vila dos Peixes 72

#### 2.2.3 Aprendizagem pelo corpo: emoções, regras e condutas na Vila dos Peixes 80

### 2.3 *HAOLE*, O SURFISTA “DE FORA”. 89

#### 2.3.1 Interpretando e modelando as ações: *ethos*, visão de mundo e respeito para os surfistas da Vila dos Peixes. 89

#### 2.3.2 O caráter simbólico do *haole*. 92

2.3.3. A relação *estabelecidos-outisders* de Elias e a relação *local(nativo)-haole* no surfe na Vila dos Peixes 100

**CAPÍTULO 3- O PICO DOS SURFISTAS:  
TERRITORIALIDADE, CORPORALIDADE E LOCALISMO  
NA VILA DOS PEIXES. 102**

**3.1 A CRIAÇÃO DO PICO. 105**

**3.2 AS DELIMITAÇÕES DO PICO: “NOSSA RAÇA TÁ LÁ NO PICO”. 108**

**3.3 O LOCALISMO NA VILA DOS PEIXES. 114**

3.3.1 A apropriação do *pico*: a utilização do corpo pelos *locais*. 115

3.3.2 A preservação da prática do surfe *nativo/local* no *pico*. 118

3.3.3. Ciúmes, irritação e invasão: emoções entre os surfistas da Vila dos Peixes. 119

**REFERÊNCIAS 123**

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um estudo etnográfico sobre territorialidade e as relações de sociabilidade entre surfistas da Vila dos Peixes (nome fictício dado a uma praia no Brasil). Essa pesquisa teve como objetivos específicos: analisar as categorias de identidade utilizadas para classificar e hierarquizar o “outro” surfista - *local*<sup>1</sup>, *haole* e *nativo*; estudar a formação da(s) territorialidade(s) de surfe, conceituadas nesse trabalho como *pico*, e a apropriação das fronteiras simbólicas e na dinâmica do mar pelos praticantes; ponderar os diferentes discursos sobre o fenômeno do localismo para os adeptos do surfe nessa praia

O resultado desse trabalho de conclusão de curso nada mais é do que a tentativa de conciliar dois *projetos*<sup>2</sup> individuais. O primeiro *projeto* encontra-se no âmbito acadêmico/profissional de ter o privilégio de concluir o curso de graduação em Ciências Sociais. O segundo *projeto*, que ao longo da graduação caminhou paralelamente ao primeiro, situa-se em meu lazer, especificamente no mar, surfando. Confesso que esse segundo *projeto* é mais prazeroso para mim, no entanto, o primeiro é mais gratificante, enfatizo que o fator surfe (ou praia) foi essencial para estar nessa cidade, concluindo a graduação e o fator estudo/profissional foi fundamental para estar surfando. Portanto, esses dois *projetos*, que compõem a vida desse pesquisador, anteriormente a pesquisa, eram colocados em prática contrapondo-se, isto é, quando não estudava/pesquisava/trabalhava eu surfava (ou mesmo fazendo coisas relacionadas à prática) e vice-versa. Assim sendo, esse trabalho é fruto de uma tentativa ousada de interagir dois *projetos* individuais para compreender o universo simbólico do surfe que vivencio.

O primeiro capítulo é resultado de um exercício de estranhamento do familiar (VELHO, 1981), onde questionei todos os movimentos, falas, percepções, atos, impressões e pressupostos naturalizados em mim, isto é, meu *habitus* (BOURDIEU, 2007) durante todos esses anos de prática de surfe. O primeiro capítulo “Desconstruindo o familiar: a

---

<sup>1</sup> O *itálico* nas palavras usar-se-á tanto nos conceitos dos surfistas como nos conceitos antropológicos e sociológicos. As “aspas” serão usadas para expressões e citações.

<sup>2</sup> Gilberto Velho, influenciado por Alfred Schutz, afirma que “no nível individual [o projeto] lida com performance, as explorações, o desempenho, e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade” (2003, p.28) e define o projeto como “[...] conduta organizada para atingir finalidades específicas” (2003, p.40)

Vila dos Peixes, os surfistas e o pesquisador” é uma descrição densa (GEERTZ, 1989) do espaço físico, das trajetórias individuais e da metodologia e técnicas abordadas no trabalho. A primeira parte desse capítulo é uma breve caracterização da cidade, do bairro e da Vila dos Peixes, abordando os trajetos, os percursos e algumas apropriações do espaço físico dessa localidade pelos surfistas. Trago nessa parte o olhar que o surfista tem ao caracterizar a onda e a prática e como em determinados lugares em terra ocorrem as relações de sociabilidade entre os surfistas. Na segunda parte enfatizo a importância da *participação observante* (WACQUANT, 2002) e do *olhar de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002) do pesquisador ao analisar a prática esportiva: relato o porquê optei por realizar a maior parte da minha pesquisa (e também a parte inicial) no mar surfando, em uma praia de um município e o porquê das escolhas de entrevistar (tanto formal como informalmente) determinados surfistas. Na terceira parte trago os sujeitos, *locais*, *nativos* e *haoles*, da Vila dos Peixes. Vale frisar, que a escolha de modificar os nomes deu-se de forma a preservar os entrevistados, deixando-os mais a vontade para apresentar suas percepções sobre os conflitos, enquanto forma de sociabilidade, especificamente sobre o *localismo*.

No segundo capítulo intitulado “Os surfistas do *pico*: sociabilidade marítima na Vila dos Peixes” exponho as categorias de identidade que os surfistas utilizam para classificar e hierarquizar o “outro” surfista: *local*, *haole* e *nativo*. Coloco como minha inserção no campo empírico e a interação com os surfistas propiciaram uma ruptura no dualismo *local/haole* que tinha enquanto surfista de finais de semana. Mostro nesse capítulo como 1) as relações de sociabilidade – interações, conversação, sociações (SIMMEL, 1983), 2) o pertencimento - dado pelo nascimento e assiduidade na prática ou freqüentação à Vila dos Peixes, 3) o código de emoções partilhadas, no sentimento de ser *local*; e 4) as técnicas corporais – delimitando o surfista que é *bom* ou *ruim* são fundamentais para categorizar o surfista como *nativo*, *local* e *haole*.

Demonstro nessa categorização o caráter coletivo do surfe, rompendo com idéia de individualização no esporte e do caráter único dado a “sociedade dos surfistas”. Friso que essas categorizações podem atuar simultaneamente, não tendo caráter de exclusão (ou seja, há *locais-nativos*, *nativos-não locais*, *locais haoles* etc), existindo a hierarquização nas próprias categorias apresentadas. Portanto, essas categorias - *haole*, *local* e *nativo* – atuam como mediadores na construção de identidades e

são essenciais para a compreensão de uma territorialidade ligada ao surfe e ao próprio surfe.

Exatamente sobre essa territorialidade que trago o capítulo 3 “O *pico* dos surfistas: territorialidade, corporalidade e *localismo* na Vila dos Peixes”. Nesse capítulo discorro sobre apropriação do mar (e onda) pelos surfistas e sobre a formação das territorialidades marítimas que - juntamente com os surfistas - denomino *pico*. Demonstro nesse capítulo a corporalidade na água, as emoções partilhas e as relações de poder entre os surfistas, expondo essas relações com a criação do *pico*. Trago também o conceito dos surfistas de *localismo* e tento demonstrar como o mesmo está ligado com os *projetos* de preservar a prática dos surfistas *locais* e com o *pico*.

Concluo o *pico* no surfe é uma territorialidade móvel, fluida e flexível, que surge a partir das condições oceânicas e é delimitado pelas relações de sociabilidade entre os surfistas. O *pico* pode ser pensado como um território do vazio (CORBIN, 1988) que é criado e recriado por e pelas ondas e por e pelas relações sociais. O *localismo* na Vila dos Peixes é a atitude e a ação coercitiva de pertencimento objetivada para a preservação da prática dos surfistas *locais* (*nativos* ou não) no *pico*, condicionada pela sociação desses surfistas que partilham de valores, códigos emocionais (VELHO, 1981), *ethos*, *visão de mundo* (GEERTZ, 1989) semelhantes.

## **CAPÍTULO 1 - DESCONSTRUINDO O FAMILIAR: A VILA DOS PEIXES, OS SURFISTAS E O PESQUISADOR.**

### 1.1 A VILA DOS PEIXES

As relações de sociabilidade ocorrem em determinados lugares, espaços físicos, que a partir das relações sociais se tornam territórios<sup>3</sup>. Portanto, inicialmente faz-se necessário descrever para o leitor o espaço físico em que tais relações ocorrem, as pessoas que frequentam esse espaço físico e a interação desses com o pesquisador. Com o intuito de preservar essas pessoas e as localidades, os mesmos receberão novos nomes. Essa preservação de nomes deu-se devido às narrativas sobre os conflitos envolvendo pessoas próximas dos informantes. Para uma melhor compreensão sobre o surfe, a sociabilidade e o *localismo*, as demais características tidas como relevantes para minha análise sócio-antropológica serão mantidas.

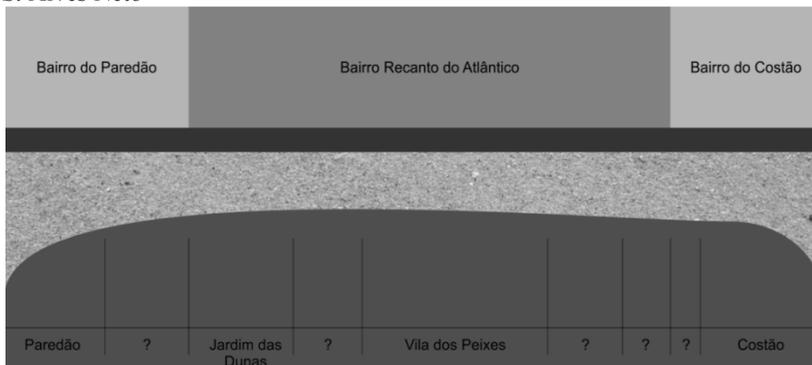
O primeiro passo é fazer uma descrição da Vila dos Peixes – lugar fictício - enquanto espaço físico para seus frequentadores e visitantes: andaremos e sobrevoaremos suas ruas e suas trilhas. Aos poucos esses aparecerão na descrição e contribuirão para a delimitação dos diversos territórios e as dinâmicas que ocorrem na praia e no mar.

A Vila dos Peixes está situada no município de São Pedro da Costa, no bairro Recanto do Atlântico. A Vila dos Peixes tem caráter duplo: 1) É uma praia com trezentos metros - faz parte da orla litorânea da praia Recanto do Atlântico (com faixa de areia litorânea de aproximadamente dez quilômetros) e engloba praticamente três bairros grandes (o Costão, Recanto do Atlântico e Paredão) (Figura I). 2) É um conjunto habitacional. Nesse trajeto à beira-mar encontram-se diferentes bairros, inúmeros *picos*, diversas fronteiras simbólicas e milhares de habitantes.

---

<sup>3</sup> Ver capítulo 3 sobre territorialidade.

Figura I: Orla Marítima da Vila dos Peixes. Ilustração de Marco Cohen e Celso S. Alves Neto



Na praia do Recanto do Atlântico é possível encontrar essas diferentes fronteiras simbólicas. Tais fronteiras são criadas por diversos motivos: como por exemplo, na forma como se configura a distribuição das residências - com casas irregulares contrapondo-se a mansões com escritura pública, ou até mesmo no mar, onde há específica hierarquia de valor e relações de poder que delimitam tais fronteiras. O foco desse trabalho está exatamente nesse último exemplo de fronteira simbólica, isto é, analisaremos nos próximos capítulos como são criadas as mesmas dentro do mar por praticantes do surfe, especificamente na Vila dos Peixes.

O Recanto do Atlântico é um bairro que recebeu e ainda recebe uma forte migração de todas as regiões brasileiras, principalmente do Sul e Sudeste, mas há também moradores do Nordeste e Centro-Oeste brasileiro. Deste modo, nota-se uma heterogeneidade no que diz respeito à origem dos moradores. A diversidade também está presente no poder econômico dos moradores e nas ocupações profissionais de seus residentes. Ao caminhar pelo bairro percebe-se que há diferenciação na estética arquitetônica na estrutura das residências: encontram-se casas em estados precários, casas grandes em condomínios, pequenas chácaras, apartamentos minúsculos e apartamentos espaçosos, pequenas pousadas e hotéis bem estruturados.

Aqui esse nosso caminhar, não condiz com um caminhar *blasé* (SIMMEL, 1983), mas sim como uma técnica de pesquisa que Arantes (2000) utiliza para cruzar as diferentes fronteiras da cidade de São

Paulo, tendo a ciência que ao caminhar pelo Recanto do Atlântico o indivíduo atravessa distintos territórios. Tanto o pesquisador, como morador ou o visitante, “[...] se arrisca, cruzando umbrais, e, assim fazendo, ordena diferenças, constrói sentidos, posiciona-se” (ARANTES, 2000, p.119).

O segundo caráter da Vila dos Peixes é ser um complexo habitacional. Esse foi construído há aproximadamente quinze anos. Nele são encontradas casas de alto padrão, prédios com até três andares<sup>4</sup> e algumas pousadas. Atualmente na Vila dos Peixes estão sendo construídos mais prédios do que casas. Existem cinco ruas paralelas a praia, uma rua principal perpendicular e outra pequena perpendicular. Seu marco inicial é uma entrada invisível em uma das principais avenidas do Recanto do Atlântico, a Avenida Atlântica, a qual é paralela a extensão da orla marítima. Em direção ao centro da cidade, “subindo a avenida” como dizem os moradores, há outros pequenos bairros, onde seus habitantes freqüentam a praia da Vila dos Peixes. “Acima” da Vila dos Peixes localizam-se residências mais tradicionais, onde seus moradores são mais antigos do que os moradores do complexo habitacional, tendo em vista a construção recente do complexo no bairro.

A praia é o lugar onde esses diversos moradores convivem, freqüentam e visitam no momento de lazer, sendo para alguns o lugar de trabalho. No bairro do Recanto do Atlântico, a praia da Vila dos Peixes é uma das poucas que tem fácil acesso: há um estacionamento, onde a rua é pavimentada, e para chegar à areia da praia é preciso atravessar uma pequena trilha: existem duas principais trilhas, uma trilha curta que é próxima do estacionamento e a outra que é uma “continuação” da rua principal do loteamento.

Ao atravessar a trilha (Foto I), a pessoa tem contato com dois ecossistemas dessa região litorânea brasileira – de dunas e restinga – que são visíveis pela vegetação que cerca a trilha e pela formação arenosa que constitui as pequenas subidas e descidas da caminhada. Na trilha próxima do estacionamento encontra-se um “mirante” como nos mostra a foto II.

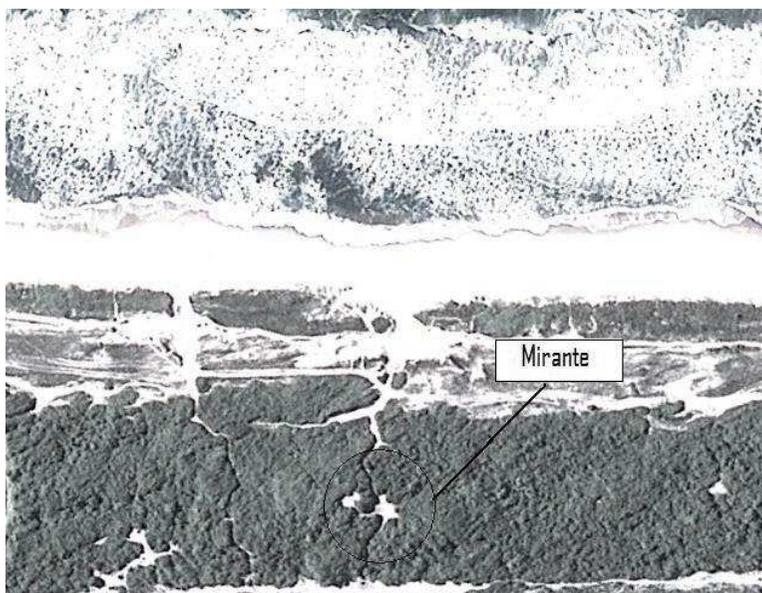
---

<sup>4</sup> Os movimentos sociais do bairro reivindicaram a proibição da construção de prédios acima de três andares.

Foto I: Entrada da trilha. Arquivo Pessoal



Foto II: O mirante. Fonte: Google Earth



Esse mirante é um dos lugares de sociabilidade, é nele que os surfistas conhecedores da praia analisam as condições do mar e encontram outros surfistas. Pode ser considerado como um espaço de reflexão e decisão: nele o surfista analisa as ondas, decidindo se surfará ou não na praia da Vila dos Peixes, se decidir que irá, terá que realizar outra escolha, onde naquela extensão de mar o mesmo se posicionará para surfar. Quando vou surfar, vejo onde estão os diversos *picos* nesse mirante, dificilmente pego minha prancha e vou direto para a praia, isso só ocorre quando as ondas anunciadas pelo os meios de comunicação – *sites* de surfe ou rádio – informam excelentes condições ou quando converso com alguma pessoa que viu as condições do mar.

Voltando ao mirante. Como nesse espaço o surfista reserva alguns minutos para a análise (e também admiração do mar), muitas conversas entre os praticantes se iniciam ali. Às vezes observo que apesar de alguns surfistas fazerem o *check* (julgar as condições da onda) individualmente, há encontros que possibilitam o deslocamento dos surfistas para outra praia após o descontentamento com as condições momentâneas ou de combinarem de *cair* (expressão que significa ir surfar, em determinado *pico* da Vila dos Peixes). Quando encontro as pessoas no mirante cumprimento e inicio uma conversa ou o outro mesmo inicia: “e ai como está o mar?”, “vai *cair*?” e “a maré tá aumentando, será que vai melhorar?”. Quando estou no mirante sozinho e encontro alguma pessoa conhecida e a mesma me informa que surfará naquele momento, recebo tal informação como incentivo e geralmente acabo indo surfar. É nesse lugar, ou na beira da praia, que a delimitação imaginária do *pico* começa a ser feita e refeita momentaneamente.

O mirante proporciona uma visão panorâmica (foto VI) da praia e enxergar-se praticamente toda a extensão da mesma. Do Costão até praticamente onde a orla de areia faz uma curva, onde está situada a principal avenida (perpendicular à praia) do bairro Recanto do Atlântico, a Avenida Marítima. Nessa visualização da praia é que o surfista refletirá e escolherá o *pico* para surfar. A praia da Vila dos Peixes é um *beach break*, termo utilizado globalmente no esporte, o qual significa que as ondas quebram em uma bancada de areia, proporcionando variados tipos de ondas e ondas em toda extensão marítima.

Chegando à praia na época do verão encontram-se dois quiosques que são legalizados pela prefeitura para suprir a demanda dos turistas. Esses após o carnaval são desmontados e a praia mantém-se deserta, isto é, sem nenhum tipo de estabelecimento até dezembro. Caminhamos da entrada do complexo habitacional da Vila dos Peixes até a praia, agora

entraremos no mar para conhecer o objeto de diversão dos surfistas, a onda. A tarefa de qualificar as ondas e o contexto geomorfológico, climático e oceânico é extremamente árdua para quem não surfa, no entanto, tentarei esclarecer para o leitor algumas dessas condições, pois as mesmas são essenciais para a compreensão das formas de sociabilidade, da sazonalidade dos surfistas e da dinâmica do mar da praia da Vila dos Peixes.

Nessa praia as ondas se formam, *quebram*, tanto para a *esquerda* como para a *direita*. Para entendermos o que é *esquerda* (ver foto III, IV e Figura II) e *direita* (ver foto V na delimitação *outside*) no surfê, temos que nos colocarmos no mar olhando dele para a areia: as *direitas* são aquelas ondas que o surfista rema para ficar em pé e continuar surfando para a direita em direção a praia. Geralmente as direções da ondulação, juntamente com a bancada de areia, a fase da lua, as marés e a direção dos ventos, é que proporcionarão as direções e a qualidade das ondas.

A praia da Vila dos Peixes, por ser uma praia aberta, ou seja, sem ter costões próximos, recebe diferentes direções de ondulações - o que facilita e torna mais constante a prática do surfê. Os surfistas da região sabem que: se “a ondulação estiver de sul”, haverá mais *direitas*; de leste, mais *esquerdas*. A direção de uma ondulação, não delimitará somente uma característica da onda, *esquerda* ou *direita*. Vale frisar que muitas vezes o mar está *fechadeira* ou *fechando*, isto é, o surfista não consegue surfar nem para a *direita*, nem para a *esquerda*, pois as diversas condições que formam a onda não propiciam o andar pela onda – aqui nessa pesquisa não entrarei em detalhes sobre os fatores que formam a onda.

Da mesma forma que a costa da Vila dos Peixes é boa para receber as diversas ondulações, é também ruim, pois recebe também os diferentes ventos que, ao mesmo tempo, formam as ondas, mas também prejudicam as condições de surfabilidade. Esse ruim refere-se aos surfistas de prancha que não necessitam do vento para surfar, pois para os praticantes do *kite-surf*<sup>5</sup>, esses ventos são as únicas condições necessárias para a prática do esporte. Voltando a questão do vento, sabe-se que a intensidade do vento é quesito fundamental para a qualidade da formação das ondas. Sempre antes de surfar, o surfista do município de São Pedro da Costa, tem que saber a direção do vento e a velocidade que o mesmo está atingindo.

---

<sup>5</sup> Kite-surf é o surfê que é praticado com o auxílio de um pára-quedas, podendo ser surfado com uma prancha de surfê, ou uma prancha de wake-board.

Como falado anteriormente, a praia da Vila dos Peixes, por ser bastante aberta (sem costões) recebe as diferentes direções, tanto de ondulação quanto de vento. As piores direções de vento são aqueles consideradas pelos surfistas como *maral*, ou seja, os ventos que sopram do mar para a praia. Na Vila dos Peixes os ventos *marais* são os ventos nas direções norte, nordeste, leste, sul e sudeste. Volto a ressaltar, que se a intensidade do vento for fraca, o mesmo não prejudicará a formação das ondas. O vento oeste é o único vento, às vezes quando está de sudoeste e noroeste, *terral*, da terra para o mar, o que proporciona ondas lisas e alinhadas. Na terminologia nativa, quando o mar sofre a interferência do vento, diz-se que o mar está *mexido* e o contrário é o mar *liso*.

No entanto, um mar *liso* não é sinônimo de mar bom e mar *mexido* não significa mar ruim. É claro que existem mares os quais a maioria dos surfistas classificará como excelente, no entanto, o bom assim como o ruim varia de surfista para surfista. O próprio surfista através de sua subjetividade classificará se o mar, naquela condição e momento, adequa-se a sua forma de surfar, aqui como forma objetiva. Essa forma de surfar está estritamente relacionado com o condicionamento físico do surfista, a sua habilidade, seu estilo (maneira como o movimento corpóreo atua sobre a prancha) e a *performance* que o mesmo tem na onda, isto é, na realização de manobras. Por exemplo: um surfista que está aprendendo julgará o melhor mar para a prática um mar mais calmo: menores ondas, ondas que não chegam a todo o momento, ondas mais fracas que disponibilizam um tempo maior para o surfista aprendiz raciocinar antes de ficar em pé na prancha. Já um profissional competidor prefere treinar em todos os tipos de mar, pois sabe que encontrará diversas formações oceânicas durante os diferentes campeonatos, tanto a nível estadual como nacional e internacional, mas mesmo os profissionais têm interpretações diferenciadas do que seria a “onda perfeita” para sua prática.

Aqui estamos falando da forma como o surfista classifica a onda, diretamente condizente com a sua *técnica corporal* (MAUSS, 2003). Essa classificação dependerá da capacidade que o praticante tem em surfar a onda, isto é, na relação corpórea entre surfista, prancha e onda, ou, como diria Mauss (2003, p.401), “pelos quais os homens (no nosso caso os surfistas) [...] sabem servir-se de seu corpo” na onda<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> É claro que Mauss, ao falar das técnicas corporais, expõe a importância da tradição e do processo de aprendizagem em determinadas sociedades que modificam e estabelecem certas técnicas corporais. Se formos pensar nas manobras realizadas, veremos que há uma

Aqui abro parênteses com a obra de Wacquant (2002). Esse autor ao explicar sobre a lógica do sparring, traz a importância do capital simbólico para o boxeador e o capital social para a escolha de parceiro de sparring. Assim, Wacquant, com o aval de DeeDee (técnico e responsável pelo gym), escolheria seu parceiro de sparring com o objetivo principal de aproveitar o exercício físico e melhorar o seu boxear<sup>7</sup>. No surfe a escolha inicial de entrar no mar e surfar determinada em parte do indivíduo e condiz estritamente com suas técnicas corporais e sua coragem individual, mas o capital social muitas vezes também exerce influência nessa escolha. Expus anteriormente o exemplo de quando encontro alguém no mirante, outro exemplo é quando a pessoa combina de surfar com seus amigos: os mesmos podem incentivar aquele a surfar ali ou em outro lugar; escutei algumas vezes, no mirante da Vila dos Peixes, “Aqui não está bom, vamos com o meu carro, te levo para outra praia”. Portanto a divisão iniciante/ profissional não é a única em jogo na escolha do *pico*.

Apesar de escutar-se “Vamos para essa praia”, “Aquela praia deve estar melhor com esse vento”, a praia e a onda formam territorialidades diferenciadas. O surfista está mais preocupado com o mar em si do que com a praia, a praia será apenas o trajeto, o caminho, o percurso para o mar. Há diferenças nas falas dos surfistas em relação à diferenciação entre mar e onda: muitas vezes escuta-se “tem *altas* ondas”, “o mar está ótimo”, “tem uma *diretinha* ali muito boa”. Em tais falas o objetivo principal da interação está em qualificar o surfe, a prática do surfe e como está a onda, e não em diferenciar categoricamente o mar e a onda. Essas três falas, exteriorizadas por quem já surfou ou por quem viu o mar, são recebidas pelo surfista que escuta, com um único significado, que as condições oceânicas e climáticas estão boas para a prática do surfe, pelo menos para o indivíduo que informou.

Quando se chega à praia o surfista escolhe o *pico* que irá surfar. A onda é seu objeto de divertimento, de lazer, o motivo de o surfista estar na praia. Comparando ao futebol, chego a arriscar a dizer que o

---

transmissão e transformação, assim como Mauss analisa o estudo do nado, há uma “imitação prestigiosa” de geração a geração na forma como se dão as mesmas.

<sup>7</sup> “Tudo, no sparring, começa com a escolha do parceiro, que, sendo crucial, deve receber necessariamente o aval de DeeDee. O emparelhamento de opositos deve, de fato, ser ajustado para que os dois boxeadores aproveitem igualmente o exercício e para que haja poucos riscos de contusão. Considerações de honra reforçam essas razões técnicas: idealmente, não se faz sparring com um adversário muito mais forte do que você, sob a pena de ter de se administrar uma ‘bela cagada’ [...], nem com um muito fraco, para poder treinar a defesa. (WACQUANT, 2002, p.100)

mar é o campo de futebol; o surfista, o jogador; a arquibancada, a praia; os bares, os quiosques; e a bola, a onda. Todo mundo que está jogando futebol quer estar em campo atrás da bola, mesmo os jogadores da defesa precisam da bola para mostrar o seu “trabalho” em campo, assim como os surfistas, todos querem surfar a onda no mar, somente alguns pegarão as melhores ondas do dia, pois diferentemente do campo de futebol e da bola, o mar é também sujeito, ele tem temperamento, vida, inconstância, mudanças repentinas, enfim é territorialidade flexível e móvel (ARANTES, 2000). Essa seria uma forma extremamente simplista, porém didática, com intuito de dar o “ponta pé inicial” – ou a “remada inicial” -para compreensão da estrutura do surfe, “de fora e de cima”.

Outra característica da onda é o tamanho que a mesma pode atingir e a sua estrutura. Na praia da Vila dos Peixes as ondas podem atingir até três metros de altura (raros dias). Os surfistas brasileiros mensuram o tamanho da onda conforme a medida de trás da onda, meio metro é tamanho que o surfista vê a onda após sua passagem pelo mesmo. Porém, o surfista sabe o tamanho da onda sem estar necessariamente no mar, olhando da areia, do “mirante”, ou quando *dropa* (desce) uma onda. Normal escutarmos dos surfistas: “hoje temos ondas de meio *metrinho*” ou “tinha um *metrão*”<sup>8</sup>.

A onda na praia da Vila dos Peixes pode ser *gorda* (foto III) ou *cavada* (foto IV), a onda *gorda* propicia para os surfistas fazer manobras com maior facilidade, porém se a onda estiver *gorda* sem *parede* – *parede* é a parte da onda que é possível realizar manobras assim como “correr” com a prancha, é onde o surfista “caminha” no mar – não é possível realizar as manobras e nem surfar a onda. Onda *cavada* é mais forte que a onda *gorda* e proporciona o *tubo* para o surfista. O *tubo* é quando o surfista está “dentro” da onda como se estivesse em uma cachoeira, mas quando o mar está pequeno (meio *metrinho* a meio metro) fica difícil pegar um *tubo*. Porém a onda *cavada*, por ter mais pressão, propiciando também à execução de diversas manobras.

---

<sup>8</sup> A terminologia “inho” ou “ão” está relacionada com o não-arredondamento da onda, ou seja, o meio *metrinho* aproxima-se de um mar que está quase sem ondas, ou um vinte e cinco centímetros, já o um *metrão* está mais próximo de um metro e meio do que de um metro. Tais terminologias também se referem à força que a mesma tem ao levar o surfista.

Foto III – Onda *esquerda* e *gorda*. Foto: Arquivo Pessoal.



Foto IV – Onda *esquerda* e *cavada/tubular*. Foto: André.



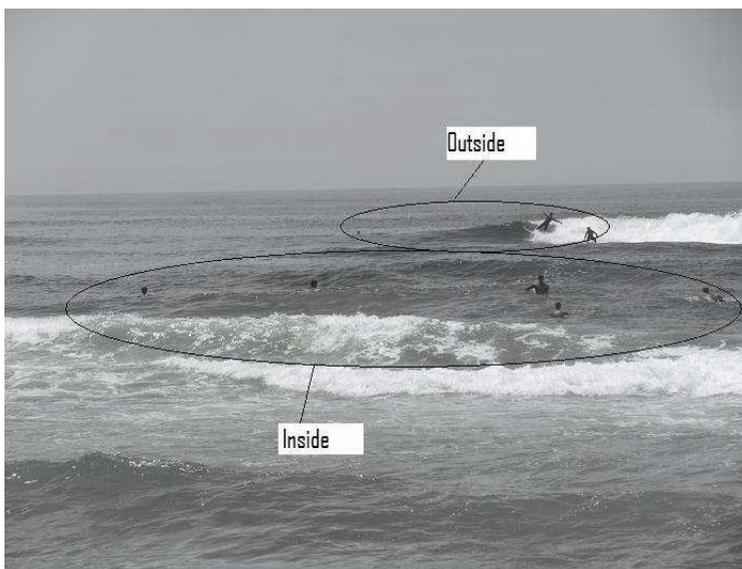
Durante o trabalho de campo da pesquisa, no período de janeiro até março de 2011 na praia da Vila dos Peixes, praticamente todos os

dias, as ondas no início do dia (sete da manhã) encontravam-se *cavadas*. A maré seca deixava bancada de areia rasa proporcionando ondas *tubulares*, com o passar das horas, até o meio-dia, a maré ia enchendo e as ondas *engordavam*, prejudicando a formação da *parede* da onda. Nessa época normalmente escutava-se “a onda desapareceu! Há uma hora atrás tinha *altasss* e agora ela sumiu”.

Na praia da Vila dos Peixes, o surfe pode acontecer tanto no *inside* como no *outside* (Foto V). O *inside* e o *outside* são delimitações onde estão localizadas as ondas, onde há a surfabilidade para os praticantes. O *inside* é o espaço que mais se aproxima da praia, geralmente onde as ondas quebraram menores, mas com mais força e pressão para levar o surfista na onda, alguns chamam de *quebra-coco*. No *inside* a onda é *cavada* devido ao fundo raso. O *outside*, geralmente, é o espaço onde é mais afastado da praia, é lá que as ondas começam a *quebrar*. O *quebrar* de uma onda é quando visivelmente vemos aquela parte branca dando início – a espuma -, quando a onda não quebra, não é possível surfar. No *outside*, dependendo do dia, horário, maré, ondulação e vento a onda pode ser tanto *gorda* como *cavada*.

A descrição seqüencial do meu diário de campo, assim como a foto V, referem-se ao dia 29 de janeiro de 2011. Essa foto demonstra um dia que foi possível surfar tanto no *inside* como no *outside*. Nesse dia delimitaram-se dois picos de surfe:

Foto V: O *inside* e o *outside*. Arquivo Pessoal



Hoje não pude surfar, pois meu ouvido inflamou, fui à praia acompanhado de meu irmão – *haole* para os *nativos*, irmão para mim - e de uma câmera emprestada de um amigo. Como essa câmera tem um zoom bom e não queria ficar em casa em pleno verão, decidi tirar fotos do meu irmão surfando. Chegando à praia a maré estava enchendo e as ondas estavam no *outside*, lá estavam *quebrando* ondas em vários lugares, tinham dois *picos* formados no *outside*. Os minutos iam passando e as ondas iam piorando no *outside* e começou a surgir ondas no *inside*. Logo as pessoas começaram a surfar no *inside*, os praticantes aumentavam e surfavam bem próximos uns aos outros [...]. As ondas no *inside* vinham a todo o momento, enquanto no *outside* elas demoravam a entrar, até que uma hora “desapareceram”: meu irmão saiu do mar e alguns dos outros surfistas remaram até o *inside* para surfar lá. Naquele momento, reconheci que no *inside* estavam dois *nativos* e o restante *haole*, formando apenas um *pico* na extensão da praia da Vila dos Peixes [...] (Diário de Campo, 29-01-11)

Nesse diário demonstra-se além da formação do *inside* e *outside*, a visão que o cientista social tem ao analisar as relações no surfe da

praia, sentado na areia de baixo do guarda-sol<sup>9</sup>. Na foto também é apontado dois surfistas na mesma onda no *outside* (*gorda* e *sem parede*), mostrando a quebra da única regra universal do surfe, o *rabear*<sup>10</sup>, e surfistas no *inside*, esperando a onda, no momento de *calmaria*, *calmaria* é o momento temporal que não vem onda, entre uma *série* e outra. A *série* é o conjunto de ondas na maioria das vezes uma *série*, na praia da Vila dos Peixes, recebe três ondas.

## 1.2 METODOLOGIA DE PESQUISA E O PESQUISADOR EM CAMPO.

Descrivemos o bairro, a praia e a onda, agora, apresentarei as técnicas e a metodologia utilizada para analisar as terminologias nativas – *haole*, *local*, *nativo*, *pico* e *localismo* – e a apropriação da dinâmica do mar pelos surfistas. A pesquisa empírica foi realizada em só uma praia, no entanto, como minha pesquisa não foi realizada vinte e quatro horas e como todo pesquisador necessita de um afastamento de seu objeto de análise, aproveitava as condições oceânicas adversas para a prática do surfe na Vila dos Peixes e visitava outras praias e surfava com outras pessoas. O que de fato foi bem produtivo para compreender melhor a utilização e apropriação de outros personagens em diferentes *picos*.

A pesquisa empírica realizou-se através daquilo que Roberto Cardoso Oliveira (1998) chama de trabalho do antropólogo: olhar ouvir e escrever<sup>11</sup>. A observação participante, ou a “participação observante” (WACQUANT, 2002), foi o método primordial para a delimitação da localidade e dos entrevistados escolhidos. A etnografia, como fazer antropológico e forma de conhecimento (GEERTZ, 1989), é uma importante ferramenta de interação para descrever as regras e os princípios constitutivos das relações sociais (VELHO, 2003; FRUGÓLI JUNIOR, 2007), resgatando um

olhar de perto e de dentro capaz de apreender os padrões de comportamento [...] a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das

<sup>9</sup> Nos capítulos posteriores demonstrar-se-á o olhar de “perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), isto é, no mar, surfando com todos os atores envolvidos, para analisar a formação dos diferentes *picos* e na criação das fronteiras simbólicas.

<sup>10</sup> Ver capítulo 2.

<sup>11</sup> “Se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar”. (CARDOSO, 1998).

formas por meio das quais ele se avêm, para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas [...]" (MAGNANI, 2002, p.16-18) (grifo nosso)

Foto VI: "Olhar de fora e de longe" e vista do mirante. Arquivo Pessoal



Foto VII: "Olhar de perto de dentro". Arquivo Pessoal



Pautado nessa interação interpretativa etnográfica, levando em consideração a presença de outras vozes e a subjetividade do pesquisador e no olhar “de perto e de dentro” é que iniciei a pesquisa (Foto VII). Na foto VI é exposto como visualizaríamos as relações no surfe “de fora e de longe” e “de perto e de dentro”. Pela imagem analisaríamos, “de fora e de longe”, apenas pequenos pontos no mar, sem ter a especificidade das técnicas corporais e das diversas interações de sociabilidade. De “perto e de dentro” (Foto VI) conseguiremos, ou pelo menos tentaremos, transmitir o clima e o tom que ocorrem nesse esporte. (VELHO,2003; MAGNANI, 2002)

A minha relação com a localidade, Vila dos Peixes, começa no final de 2006. Desde então comecei a freqüentá-la tanto para surfar como para ficar na praia com os amigos. Nesses cinco anos pude observar inúmeros praticantes do surfe e com o passar dos anos e com o aumento da minha freqüência dentro do mar, em diferentes épocas (verão,outono,inverno e primavera) e nos distintos horários e dias da semana, pude sistematizar subjetivamente quem eram as pessoas que mais freqüentavam, surfando, a praia. Tinha noção de quem eram os *locaise* quem eram os *haoles*. Dos *locais* alguns eu tinha um maior contato, outros uma grande distância. Ao longo da pesquisa, que se iniciou em dezembro de 2010, pude me aproximar de cada um dos entrevistados, assim como daquelas pessoas que se relacionam com eles. Tal aproximação foi essencial para compreender melhor as trajetórias individuais.

Através das conversas e de minha observação (nesse caso, escutando os diversos sotaques) percebi que maioria dos praticantes da praia da Vila dos Peixes é de outros municípios do país. Essa interação de surfistas não-*nativos*, isto é, não originário de São Pedro da Costa, de certa forma influencia no comportamento dos praticantes dentro da água e na forma como os *picos* se constituem e são delimitados. As diversas trajetórias individuais especificamente no que diz respeito ao município de nascença tanto dos surfistas como dos visitantes da Vila dos Peixes não é tão absoluta, ela é refletida na trajetória das pessoas entrevistadas, que criaram vínculos com o lugar, que se revela além de *nativo* e os habitantes vindos de fora<sup>12</sup>.

A comparação entre Vila dos Peixes e outras praias surgia em vários momentos, especialmente quando questionado a trajetória individual e sobre o fenômeno do *localismo*. Por exemplo, ao realizar minha pesquisa, questionei algumas pessoas sobre o *localismo*, muitos

---

<sup>12</sup> Ver capítulo 2.

desse comparavam com outros *picos* de diversos municípios, mas a relação que mais ocorria era Vila dos Peixes x Jardim das Dunas. Jardim das Dunas é um *pico* na extensão da praia do Recanto do Atlântico, reconhecido somente para os surfistas, ou seja, nenhum banhista comentará que visitará a praia do Jardim das Dunas. O *localismo* refere-se à prática e a ação de um grupo social no *pico*: geralmente com a incidência de conflitos entre os *estabelecidos* e os *outsiders* (ELIAS; SCOTTSON, 2000), ou no nosso caso, entre os *nativos* e os *haoles* na praia da Vila dos Peixes<sup>13</sup>. Abaixo segue parte do meu diário de campo do dia 22 de dezembro de 2010:

Nesse dia fui surfar com meu amigo Jeremias, mas meu intuito principal era de conversar com Michel, surfista *local*, ao invés de surfar. Nunca havia falado com ele, e para mim, ele é o cara que mais vejo surfando na Vila dos Peixes, em qualquer condição, ruim a excelente ele está no mar. Entrei no mar, fui remando em direção a ele, deixei Jeremias de lado, e falei que estava fazendo uma pesquisa sobre surfe, especificamente sobre o *localismo*.[...] Continuamos conversando e surfando, tentava não chegar perto dele a todo momento pois sabia que objetivo dele não era a conversa, mas sim surfar e após o convite do mesmo em visitar a fábrica de pranchas e fazer uma entrevista com ele, foi embora. Quando olhei para areia ele me cumprimentou e cumprimentou também o surfista *local* e *nativo* Bruno que se encontrava na areia alongando para entrar na água. Da mesma forma que iniciei a conversa com Michel, iniciei uma com Bruno [...] Bruno me disse que surfar na Vila dos Peixes é bem mais tranquilo que surfar no Jardim das Dunas e que os surfistas nativos desse último lugar estão chamando aqui (Vila dos Peixes) de *pico* dos *haoles*. (Diário de Campo do dia 22 de dezembro de 2010)

Trago esse diário com o intuito de fazer duas observações. A primeira está na caracterização sobre a Vila dos Peixes (a mesma exposta acima sobre múltipla originalidade dos surfistas). Aqui essa praia é chamada de *pico* dos *haoles*. Mas o que significa isso? Na fala de Bruno, *pico* dos *haoles* toma um tom pejorativo, simbolizando para o surfista *nativo*, um domínio espacial pelos *haoles*, isto é, aqueles que têm vínculos orgânicos estão perdendo o território para aqueles sem vínculos alguns, há o predomínio de surfistas *de fora*. Ou ainda, esse predomínio ocorreu devido há uma não imposição hostil por parte dos *nativos* daquela área, os *nativos* freqüentadores assíduos do *pico*, nesse exemplo, por parte de Bruno e de seus amigos. Há também certa relação de jocosidade entre o surfista *nativo* - do lugar onde há predominância de um *localismo* mais voraz na praia do Recanto do Atlântico (Jardim

---

<sup>13</sup> Ver capítulo 3.

das Dunas) - e Bruno. Portanto, aqui há um diálogo entre dois surfistas nascidos em São Pedro da Costa (Bruno e o surfista do Jardim das Dunas), classificados como *nativos*, simbolizando a percepção que esse grupo tem da localidade, o *pico*, e dos indivíduos que se relacionam com ela.

A segunda observação está na maneira como iniciei a minha pesquisa. Decidi por iniciar minhas entrevistas no mar, informalmente, de forma a criar uma maior aproximação com o entrevistado, aqui o objetivo principal dessa abordagem é receber “o retrato que o informante tem de seu mundo” (HAGUETTE, 1987, p.77). Como já tinha um leque de possíveis futuros entrevistados aguardava para que os encontrassem no mar. Como no diário acima, Michel era o surfista que eu mais via no mar, apesar disso não tinha contato algum com ele. Utilizei praticamente da mesma abordagem para os surfistas que não tinha contato algum, quando os via, cumprimentava-os e tentava iniciar alguma conversação.

A conversação é uma forma de sociabilidade (SIMMEL, 1983, p.176-177), que possui suas próprias leis artísticas (“uma arte da conversação”) e seu conteúdo é fator principal da conversação, isto é, uma forma que mantém o vínculo social e não o propósito da conversação. Portanto, me aproximava desses potenciais entrevistados e iniciava a conversa sobre o mar, a onda, o vento, a prancha etc. Como nunca havia falado com Michel, comentei sobre as ondas e quando vi já estava me apresentando e falando sobre a pesquisa. Assim sendo, nessas entrevistas informais realizadas dentro do mar eu tinha que me preocupar com dois fatores: 1) como chegaria para a conversação; 2) com o meu posicionamento no mar.

Nesse dia com Michel foi bem simples a aproximação, pois ele estava surfando sozinho, então me aproximei dele como se quisesse surfar naquele *pico*, cumprimentando-o e começando a conversa. Nos dias que estavam presentes vários surfistas, eu me posicionava bem perto, remando em direção ao entrevistado e iniciava a conversa nos momentos de *calmaria*. Seria extremamente desagradável, ou impossível, iniciar a conversa nos momentos que entravam as ondas, deste modo, aguardava o entrevistado ficar sentado na prancha esperando a onda e no momento de *calmaria* remava em direção e sentava próximo do mesmo.

Quando o surfista está remando ele tem alguns objetivos: passar a arrebentação para poder surfar, isto é, chegar ao espaço onde as ondas começam a *quebrar* (remando da praia para o horizonte do mar), remar para se posicionar para quando a onda chegar (remando paralelamente

ou diagonalmente no mar) e remar para entrar na onda (geralmente sentindo mar-praia). Evitei iniciar conversa quando o surfista remava para se posicionar, ou quando ele remava contra a correnteza, pois poderia simbolizar competição entre o entrevistador e o entrevistado, aparentando uma disputa pela melhor posição estratégica em busca da onda. Após o início da conversa, não tinha mais problema “perseguir” o entrevistado, mas, como exposto, havia conhecimento da minha parte em saber que o objetivo principal do entrevistado informal era surfar e não conversar comigo, diferentemente das entrevistas formais. Portanto, quando fazia meu campo dentro da água, eu tinha que conversar e surfar.

A minha prática no esporte é de fundamental importância para a análise. Pretendi usar do “próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento (*from de body*)” (WACQUANT, 2002, p.11-17). A minha prática no esporte, de oito anos, propiciou que eu estivesse bem condicionado fisicamente para pesquisar várias horas por dia no mar, nessas horas permanecia dentro da água, observando, analisando, questionando e surfando. Para entender o fenômeno do *localismo* foi preciso vivenciar quando ocorria, analisando as expressões corpóreas assim como a movimentação dentro da água dos diversos atores envolvidos (*haoles, locais e nativos*) e fora da água, quando os mesmos freqüentavam outras praias (“e ai, surfou ontem?” “fui lá no X.” “tava bom?” “sim, quando está com esse vento e essa ondulação lá fica ótimo”).

No entanto, o condicionamento físico não se restringia apenas em saber remar, ou ficar boiando, por parte do pesquisador. Na cultura do surfe há um *ethos* (GEERTZ, 1989, p. 143-159) que condiz com os aspectos morais e valorativos do surfista, nesse caso chamo a atenção da interpretação que o indivíduo que pratica o esporte tem do outro. Para a pesquisa era importante que estivesse *surfando bem* para ser reconhecido pelos praticantes *locais, nativos e haoles*. O *surfando bem* está relacionado com a capacidade que o indivíduo tem de surfar: seja ele realizando uma variedade grande de manobras, aqui existe uma hierarquia referente à habilidade e as técnicas corporais do surfista em realizá-las, há manobras mais fáceis e outras mais difíceis; ou então na forma como ele surfa a onda, isto é, tendo um *estilo de surfe bonito*, caracterizado pela maneira que ele porta-se esteticamente na onda, essa estética relaciona-se com o movimento corpóreo do surfista em cima da prancha e a execução das manobras; e na atitude de encarar diferentes mares, dos menores aos maiores, dos fáceis aos mais difíceis. Portanto surfar bem diz respeito à *performance* do surfista na(s) onda(s). Assim

sendo, acredito que por me considerar um surfista mediano (dentro dessa hierarquia de valor) facilitou em ter o reconhecimento do entrevistado e poder me posicionar nos distintos *picos*.

Contudo, duas dificuldades me sondavam inicialmente na pesquisa: a primeira delas, a principal questão que envolvia todo o meu trabalho, era como desconstruir todo meu processo de aprendizado que me envolveu durante todos esses oito anos dentro do esporte e que eram “normais e naturais” no meu cotidiano, como “estranhar o familiar” (VELHO,1981).

Antes mesmo de me tornar um cientista social eu praticava esse esporte, era o nativo do esporte e o mar já estava incorporado na minha pessoa. Na pesquisa tive que inverter minha situação, diferentemente de Loic Wacquant (2002) - que já era um sociólogo antes de tornar-se um boxeador - as terminologias nativas, dos surfistas, eram de minha utilização, faziam parte do meu dia a dia. Deste modo, essas terminologias (*haole, local, nativo, pico, localismo, crowd, rasgada* etc), assim como a abrangência que as mesmas inseriam-se (o surfe bonito, meio metro com *crowd* e *fechadeira*, etc), estão presentes na minha rede de relações e nos meus momentos de lazer com as pessoas que compartilhavam desses códigos e significados, isto é, delineam o meu “estilo de vida”. Para desconstruir a imagem, os significados, minha interpretação enquanto surfista e os códigos que já estavam interiorizados em mim, fiz o exercício de questionar todas as terminologias, as ações e relações estabelecidas nessa minha vivência no esporte. Por exemplo: o que é *direita*? Por que o mar está *ruim*? Porque ali não pode surfar? O que significa *rabear*? O que é *pico*? Ao todo no projeto de pesquisa formulavam-se trinta questões, todavia, subjetivamente eram incontáveis as que surgiram e as que ajudaram a criação daquelas trinta.

Analisar porque existiam os conflitos em um esporte que sua imagem é estritamente ligada à harmonia no meio-ambiente<sup>14</sup> e por que

---

<sup>14</sup> Posso trazer muitos exemplos de como a mídia vincula a idéia do surfe com a natureza, principalmente em outdoors referente à venda de apartamentos próxima à praia com a foto de alguém surfando. Porém, aqui trago o exemplo pessoal de uma conversa que tive com meu pai: quando perguntei a ele o que ele tinha achado do meu projeto de TCC o mesmo respondeu “Achei bem legal, você fala do conflito que acontece no surfe, mas achei estranho que você não falou nada do meio-ambiente, da natureza, da harmonia entre o surfista e a natureza”. Não nego a importância da relação entre o surfista e a natureza, do prazer do surfista em estar naquele ambiente, aqui trago apenas o caráter, até certo ponto ingênuo, de crença que no mar o que predomina é a harmonia, a tranquilidade e paz entre seus praticantes, assim como comprar um imóvel nessa localidade. O trabalho nos mostrará que o relacionamento entre os praticantes condiz com os mesmos sentimentos que ocorrem em todo centro urbano: tensão, estresse, ciúmes, amor, individualismo etc.

tais conflitos acontecem no momento de lazer (momentos utilizados para atividades lúdicas) chamavam minha atenção e me instigava. Mas antes mesmo de estudar o conflito, como forma de sociabilidade (SIMMEL, 1983), torna-se indispensável o estudo sobre aqueles indivíduos, que se associam, apropriam e utilizam de terminologias específicas para seu envolvimento com o espaço físico.

A segunda dificuldade encontrava-se na minha relação com esses indivíduos, sendo uma seqüência de perguntas metodológicas: quem entrevistar? Como entrevistar? Onde fazer a pesquisa? Devo ficar em um *pico* só ou ir para outros? Essa última pergunta foi respondida anteriormente, porém irei retorná-la correlacionado com as primeiras duas questões desse parágrafo. O surfista tem um caráter polissêmico como nos apontou Souza (2006, p. 85-87), sua sazonalidade é intensa, seu deslocamento aumenta-se quando o surfista não mora próximo à praia ou a praia em que reside não proporciona, em determinado momento temporal, a prática do surfe que agrada esse ou aquele surfista.

Percebi na minha ida a outras praias, em diferentes horários e dias da semana, que dificilmente conseguia identificar os vários grupos de surfistas como sendo *locais* ou *haoles*. Estava ciente que muitos surfistas podem ir com amigos próximos (do trabalho, da universidade, do bairro etc) surfar em diversas praias e se estabelecer no mar próximo a estas, criando um micro território e um grupo específico, prejudicando a classificação de *local* ou *haole*. O *nativo* desse município eu identificava pelo sotaque, mas mesmo assim não era possível distinguir se aquele *nativo* residia próximo aquela praia ou morava na área mais central.

Logo decidi estabelecer meu campo, enquanto espaço físico, na praia da Vila dos Peixes, pois conseguiria identificar os diferentes atores sociais. Ao todo realizei cinco meses de observação e entrevistei quatorze pessoas, seis formalmente e oito informalmente. As entrevistas informais foram realizadas dentro do mar e na praia. Dizer que entrevistei quatorze pessoas não quer dizer que foram quatorze dias de entrevistas, tiveram pessoas, principalmente as que eu entrevistei informalmente, que tive a oportunidade de conversar mais de uma vez. Vale ressaltar também que observei e conversei com outras pessoas nesse período de pesquisa, fato esse que utilizei como forma de investigação no estudo sobre sociabilidade e território.

### 1.3 OS SURFISTAS DA VILA DOS PEIXES.

Das entrevistas formais cinco foram gravadas e uma via MSN (Messenger). A escolha desses entrevistados deu-se pelas suas diferentes características enquanto surfistas: surfistas *nativos*, *locais* e *haoles*, (conhecidos e reconhecidos como tal); surfistas de diferentes faixas etárias (de 24 até 57 anos); que residem a alguns anos na Vila dos Peixes ou próximos; pessoas que praticam o esporte há mais de 10 anos; surfistas considerados como que surfam bem; surfistas oriundos de municípios do Sul e Sudeste do Brasil e também surfistas nascidos em São Pedro da Costa. Agora descreverei suas principais características que me chamaram a atenção, abordarei também atores sociais que participaram da pesquisa informalmente, ou seja, no mar, na praia e na rua e que foram essenciais.

A primeira pessoa que entrevistei foi Michel. Michel é o surfista que mais vejo surfando na Vila dos Peixes, em qualquer condição, ruim a excelente ele está no mar. Antes de entrevistá-lo tinha quase certeza que ele era pedropolitano (nascido em São Pedro da Costa, isto é, *nativo*), tendo em vista que o mesmo, na maioria das vezes, encontra-se acompanhado dos jovens surfistas *nativos*, aparentando ser o ícone para aqueles. Todavia, eu estava enganado, ele nasceu em outro município litorâneo de outro estado, mudou para São Pedro da Costa em 1994, morando em diversos bairros até se instalar próximo da praia da Vila dos Peixes há quinze anos. Esse surfista de trinte e dois anos foi um dos primeiros desbravadores dessa parte da praia, como nos conta quando questionado como era o surfê na praia da Vila dos Peixes nessa época:

**Michel:** Não tinha ninguém, isso aqui nem era praia de surf, se você quer saber. Era muito pouca gente, todos os *nativos* que são aqui da área, eu vi eles aprenderem a surfar é por isso que eu tenho essa consideração aqui na área [...]. Pouquíssimas pessoas! Surfava sozinho realmente, não tinha ninguém para surfar junto. A onda era muito boa, era intermediária, não era tão longe e nem tão perto, mais perto do que é hoje o *outside*, mais rasa, *quebrava* o *tubo* para os dois lados [bluááá] sério, sem mentira, abria para os dois lados o *tubo*, não é uma onda *cheia* (sinônimo de *gorda*) que nem hoje.

Nesse trecho da entrevista, Michel expõe como era o número de surfistas e a prática do surfê na praia da Vila dos Peixes (nesses anos anteriores a praia não era chamada de praia da Vila dos Peixes),

ênfatizando que há quinze anos o número de praticantes era reduzido. Especificamente nessa narrativa é mostrado o porquê de eu classificá-lo como um *nativo* pedropolitano antes da pesquisa: ele acompanhou o crescimento da maioria dos jovens *nativos* da Vila dos Peixes, vendo o processo de aprendizado dos garotos no esporte, sendo um *estabelecido* (ELIAS; SCOTSON, 2000). Michel nos aponta indiretamente o porquê desse número reduzido de surfistas nessa parte da praia do Recanto do Atlântico, que estamos chamando de Vila dos Peixes:

**Michel:** [...] essa avenida Atlântica era tudo estrada de chão, até avenida Marítima, coisa demais, aí depois com o tempo eles começaram a fazer esse complexo aqui, isso aqui só tinha uma trilha também, no meio do mangue ali, mangue fudido, chovia, mangue fudido, tá ligado? Aí eles começaram a fazer esse asfalto

**Pesquisador:** A trilha começava ali na avenida Atlântica?

**Michel:** Exatamente, começava ali e ia até a praia, trilhazinha mesmo, no meio do mangue, sinistra, aí depois colocaram uma casinha de madeira tá ligado? Uma casinha de madeira só no meio desse complexo ali.

**Pesquisador:** que era mangue?

**Michel:** [risos] coisa louca, como eu tava te falando, foi feito esse complexo, asfalto a avenida Atlântica, eles (os especuladores imobiliários) viram que isso aqui ia crescer. Eles realmente sacaram a fita, tá ligado? Ia ser a Vila dos Peixes, aí eles asfaltaram e fizeram todo o complexo ali, e fizeram um projeto para 44 prédios [...] E hoje tem 17.

Nesse relato, de quem vivenciou o crescimento de um novo espaço físico – o início da Vila dos Peixes (tanto como praia como complexo) – é apontado o difícil acesso dos antigos moradores à praia, esse acesso só era possível ao atravessar uma trilha no meio do mangue. Tal acesso difícil caracterizado pelos fatores naturais (trilha ruim perfazendo o mangue, sendo que com chuva a situação piorava) acarretava em um número reduzido de surfistas nessa época, vale ressaltar que o número de habitantes era consideravelmente menor que atualmente.

Outros pontos importantes levantados nessa fala referem-se à relação do morador com a praia e a atual configuração sócio-espacial do bairro. Percebe-se que os moradores mais antigos e tradicionais dessa parte do Bairro do Recanto do Atlântico, residiam “acima” da Avenida Atlântica, que como acrescenta Michel, era uma pequena rua de terra. Portanto, hoje o que outrora era mangue é o complexo asfaltado da Vila dos Peixes e o que era uma pequena rua de terra, uma avenida,

transformando o aspecto sócio-organizacional dessa parte do bairro do Recanto do Atlântico. Assim, criava-se a praia da Vila dos Peixes<sup>15</sup>.

A trajetória de Michel no surfe começa há vinte e seis anos na sua cidade natal. Aprendeu a surfar e nunca mais parou, já trabalhou como pedreiro quando mudou para São Pedro da Costa, todavia, desde os dez ou onze anos de idade iniciou seu trabalho diretamente com o surfe, fazendo conserto de pranchas. Com quinze anos fez sua primeira prancha e em 1996 começou a *shapear* profissionalmente<sup>16</sup>.

Como exposto anteriormente, muitos jovens nativos se espelham em Michel para surfar, e esse comercializa grande parte das pranchas para os surfistas *nativos*. Observei em campo que majoritariamente esses *nativos* encomendam prancha com ele. Eu mesmo após a entrevista acabei por pedir uma, e posteriormente quando saía do mar, encontrei um surfista *nativo* que comentou: “*Altas* pranchas essa, né?”, elogiando a prancha que eu utilizara. Por fim, Michel se classifica como local em toda área do Recanto do Atlântico.

Nosso segundo entrevistado não só acompanhou o desenvolvimento urbano do bairro Recanto do Atlântico como também o surgimento do surfe em São Pedro da Costa. Tadeu nasceu em São Pedro da Costa, tem cinquenta e sete anos, ainda surfa, sua família encontra-se no município há “duzentos e cinquenta anos”. Quando questionado sobre sua origem, Tadeu estufa o peito e diz “Eu nasci aqui, sou *nativo*”. Sua trajetória no esporte inicia-se juntamente com a história do surfe no município em 1970, Tadeu se insere no esporte em 1971 com o incentivo de um amigo do colégio. Nessa época Tadeu morava no centro da cidade e só praticava esse esporte quando algum amigo o levava para a praia, quando faziam a barca<sup>17</sup>.

**Tadeu:** Então, não tinha carro, as pessoas não tinham muito carro, era um ou outro mais rico que tinha um carro na época, então a gente aproveitava alguém que tinha um carro e agente fazia aquelas barca de sete, oito, e uma prancha e se chovia também não dava para chegar por que era muito barro, muita dificuldade, assim, então a gente tinha um jipe lá, amigo nosso tinha um jipe que era um carro adequado para época, e a

---

<sup>15</sup> Aqui abro parêntese para informar ao leitor que o bairro do Recanto do Atlântico foi considerado, pelos órgãos do município, como área rural até meados da década de noventa.

<sup>16</sup> *Shaper* é o indivíduo cujo trabalho relaciona-se com a produção pranchas de surf para os praticantes do esporte. Basicamente a produção de uma prancha está em dois passos: 1) *shapear* – que é dar forma ao bloco de isopor 2) *Laminar* – cobrir o bloco com resina.

<sup>17</sup> *Barca* é quando um grupo de surfistas combina de praticar o esporte em algum lugar onde se faz necessário a utilização de um meio de transporte, isto é, se junta alguns amigos em um meio de locomoção (moto, carro ou ônibus) e direcionam-se para determinada praia.

gente botava uma prancha dentro do jipe e ia para a Praia da Costa. O surfe primeiro começou na Praia da Costa.

Como exposto anteriormente, a ida até a praia na década de 70 era considerada como uma viagem, a praia era muito distante. Tadeu expõe que os primeiros surfistas da cidade habitavam a região central da cidade e eram oriundos de outros municípios. Segundo esse entrevistado, o início do surfe no município ocorre na Praia da Costa - praia mais indicada para a prática do surfe, pois lá as ondas *quebram* de maneira mais tranqüila propiciando um melhor aprendizado. Tadeu explana que ele e seus amigos surfistas tinham medo do mar e que na visão dos habitantes da época o mar era somente habitado pelos pescadores. Na década de 70, os banhistas mergulhavam nas baías, os mares abertos eram lugares de pescadores e a Praia da Costa era freqüentada por pescadores e surfistas, pois era um “lugar tranqüilo, manso”.

Tadeu mudou para o Recanto do Atlântico há trinta anos, com a justificativa de querer estar na proximidade da praia. Esse entrevistado aponta que o surfe moldou e ainda molda a sua vida:

**Tadeu:** [...] para morar mais perto da praia, para surfar mais também, por que no fundo a gente é moldado pelo esporte. O esporte nos molda.[..]. E a gente vai se aproximando da praia para surfar, quer dizer que se faz outra coisa, mas é o esporte que é determinante, é muito bom [...]

Portanto, Tadeu mudou do centro para próximo a praia (perto da Vila dos Peixes), para ter um maior contato com a praia, com o mar e para praticar o surfe. Atualmente ele produz documentários sobre a cultura do município de São Pedro da Costa e desde seus dezoito anos trabalha diretamente com o surfe em diferentes aspectos: organiza campeonatos, participa de um clube de surfe (organizando campeonatos e festas para a comunidade do Recanto do Atlântico), foi juiz de campeonato estadual de surfe por cinco anos, ensinou juizes da federação estadual de surfe e treinou e formou muitos atletas da região. Quando questionado sobre seu atual envolvimento com o esporte o mesmo expõe: “eu to na ativa ainda, muito, muito, to fazendo campeonato grande para caralho, semana que vem [...] eu estou totalmente envolvido com o surfe, até o pescoço e to tentando me manter ainda dentro da água [risos]”.

Tadeu explica que embora surfe todo dia, atualmente não tem surfado muito em outros lugares da cidade, porém se sente confortável em surfar em praticamente todos os *picos* do Recanto do Atlântico. Os lugares de sua prática do esporte perfazem do *pico* próximo da sua casa até o Paredão. Sobre o surfe na Vila dos Peixes, Tadeu me informou que não surfa mais nessa área, pois hoje existe predominância de surfistas nascidos em outras cidades, “muita gente de fora”, pelo grande número de surfistas e que a delimitação da Vila dos Peixes se deu recentemente: “é um *pico* novo”. Tadeu coloca que só ia surfar nessa localidade em certas condições específicas e enfatiza essa nova configuração espacial.

**Tadeu:** [...]o pessoal da cidade começou a vir, formou-se um grande complexo, muita gente que surfa mora ali, tem estacionamento é lugar pertinho na cara do gol, então todo mundo começou a ir ali e surgiu assim, de uns sete, oito, anos para cá, aquele *pico* é um *pico* novo, não existia, e começou já, demorou para fazer casa, demorou um tempo, acho que é um *pico* de uns cinco, seis, anos para cá, praticamente, é um *pico* novo, a gente considera como um *pico* novo, e de repente ali ficou dividido. Um *pico* é *nativo*, depois de fora [...]

Tadeu aqui nos mostra a relação entre o surfista e a criação da Vila dos Peixes. Para ele, a prática do surfe iniciou-se com a construção de infra-estrutura facilitadora do acesso a praia, juntamente com a edificação das habitações. O leitor deve agora questionar: mas se Tadeu não é um freqüentador assíduo da Vila dos Peixes porque trazer a percepção de um indivíduo de fora do objeto delimitado (as relações de sociabilidade entre os surfistas da Vila dos Peixes)? Como exposto, Tadeu é um *nativo* que acompanhou o desenvolvimento tanto da cidade como do surfe em São Pedro da Costa, além disso, o mesmo reside próximo da Vila dos Peixes, conhece os *nativos* mais antigos daquele espaço físico e recentemente produziu um documentário sobre o surfe no Recanto do Atlântico, razões essas importantes para uma percepção do fenômeno estudado.

Outro entrevistado foi Roberto. Roberto foi escolhido por ter características semelhantes da minha pessoa. Nasceu em uma cidade não litorânea do mesmo estado de São Pedro da Costa, cuja distância é de uma hora de carro do município litorâneo mais próximo, e começou a surfar com quatorze anos neste município litorâneo. Esse entrevistado mudou para São Pedro da Costa com dezoito anos para fazer faculdade, morou em outra praia, mais ao norte, por um ano e depois mudou para o Recanto do Atlântico. Primeiramente morou próximo ao Jardim das

Dunas por alguns meses e depois comprou o terreno da sua atual casa, estando na mesma há aproximadamente dez anos.

Roberto, hoje com trinta e dois anos, é dono de uma pousada bem próxima ao complexo habitacional da Vila dos Peixes, cujo contrato entre proprietário e morador é realizado anualmente. O público de sua pousada é bem diversificado contemplando estudantes e trabalhadores, surfistas e não surfistas. Esse proprietário diz que Michel já morava no bairro quando se mudou para sua atual residência e que o complexo encontrava-se construído com duas casas e com a edificação do primeiro prédio.

Assim como Michel, Roberto surfa praticamente todo o dia na Vila dos Peixes e também viu grande parte dos jovens *nativos* começarem a praticar o esporte. Por ser um surfista quieto e bem sério tive dificuldade de interagir com ele antes da pesquisa, nossa conversa não passava de um leve cumprimento do tipo “e ai! Beleza?” “Beleza!”, ou um gesto com a mão. Notifiquei no meu diário de campo o dia em que tive uma conversa mais densa com ele:

[...]Estava surfando próximo de Roberto, remei para mais perto dele e decidi puxar assunto sobre umas fotos que um cara tinha tirado dele e que tinham ficadas muito boas Roberto se mostrou bem interessado no assunto e começamos a falar como os surfistas se interessam pelas fotos que são tiradas deles, incluindo eu e Roberto, nossa conversa fluiu normalmente nos momentos que não vinham as ondas. Hoje, em relação a esse surfista, dois momentos me deixaram feliz: 1) sempre que chego ao mar falo um “e ai beleza”, hoje foi Roberto quem falou primeiro 2) Hoje me senti confortável de estar surfando perto dele, para mim ele é um dos surfistas, ali da Vila dos Peixes, que tem o *estilo* mais bonito de surfar. *Estilo* no surf é a forma como o surfista executa sua manobra, a maneira como ele movimentava o corpo para surfar. Roberto manda belas manobras, chamando a atenção de todos os surfistas que ali estão. (Diário de Campo do dia 20 de janeiro de 2011)

Nesse caso, o *estilo* de Roberto, é fluido, com a movimentação do surfista e prancha sobre a onda tendo aparência leve, embora ao executar alguma manobra, ele, geralmente, faz com que sua movimentação corpórea em cima da prancha jogue bastante água ao redor. Como expus nesse diário, as *manobras* que ele realiza são bonitas, ou seja, a forma como as mesmas são executadas são, esteticamente, reconhecidas pelos demais praticantes como belas. A entrevista com ele foi marcada após o surfe realizado nesse dia, no caminho da trilha até o estacionamento.

Patrick, outro entrevistado, morou na pousada de Roberto e atualmente mora em um prédio no complexo da Vila dos Peixes. Patrick tem trinta e nove anos e nasceu em uma cidade litorânea em outro

estado. Em 2003 mudou para São Pedro da Costa e desde lá sempre morou próximo a praia da Vila dos Peixes: “É, eu vim morar aqui na Vila dos Peixes e não sei mais, pulei de lugar em lugar, mas foi sempre aqui, cheguei fiquei, não me mudei de lugar, na Vila dos Peixes”.

Suas primeiras amizades no bairro foram com moradores da pousada em que habitava, sendo a maioria pessoas de outros municípios. Patrick demonstra a transição de *nativo* de outro município para *haole* : “eu tive que chegar aqui (São Pedro da Costa) como *haole*, antes eu era o *local*, dono do *pico*, bluaaaa, ‘é meu’, entendeu?”.

Sua trajetória no esporte inicia-se na sua cidade natal em 1980 com oito anos de idade. No começo surfava com prancha de isopor e com o incentivo da avó se inscreveu em uma escola de surfe e aprendeu a surfar com a prancha de fibra. Seu começo no esporte foi um pouco conturbado e com bastante dificuldade, naquela época Patrick tinha nove graus de miopia e muitas pessoas falavam para ele desistir. Após sua persistência, o mesmo, aos quinze anos, arriscou a surfar com lente de contato e melhorou seu aprendizado. Sua prática no surfe [...]

**Patrick:** [...]mudou do dia para a noite, vi que o problema não era eu propriamente dito, que era que eu não enxergava, não conseguia fazer nada. A partir dos 15 anos eu comecei a surfar bem, comecei a surfar todo dia e até hoje com quase 40 eu surfo todo dia [...]

Assim como os demais entrevistados, Patrick afirma que surfa todo dia e através da minha observação, percebi que ele, na maioria das vezes, se posiciona no mar na direção da sua residência. Na adolescência Patrick participou de campeonatos de surfe e aos vinte e quatro anos resolveu parar de competir e iniciar um trabalho, porém o amor pelo esporte o levou a trabalhar diretamente com o surfe, fazendo pranchas. A profissão de *shaper*, como única renda mensal, durou até os trinta e oito anos. Segundo Patrick, atualmente ele divide essa profissão com outras atividades e hoje trabalhar como *shaper* virou sua renda extra.

Patrick: [...]Até meus trinta e oito anos eu vivi profissionalmente no surfe como *shaper*, até os trinta e nove anos e ai hoje eu divido com outras coisas , porque o mercado deu uma tendência complicada, o mercado de pranchas, ai eu precisei complementar minha rede, arrumei uma fonte de renda extra e hoje o surfe é minha renda extra, faço outros negócios, mas amo, faço por amor, nunca vou deixar de fazer e quem precisa de algo de mim eu estou sempre ai para ajudar [...]

Esse surfista *ex-nativo* relatou que essa mudança, da sua ex-cidade para São Pedro da Costa, fez com que ele perdesse seus clientes, tendo que começar novas redes de sociabilidade. Porém, foi no município de São Pedro da Costa que o nome de sua marca de pranchas foi conhecido nacionalmente e internacionalmente. A profissão de *shaper* levou Patrick a morar no Hawaii e na Califórnia nesse mesmo período que tinha a residência em São Pedro da Costa (2003-2011), patrocinando atletas brasileiros e atletas internacionais, hoje Patrick não patrocina mais nenhum atleta e exerce outras atividades.

O primeiro contato que tive com Patrick aconteceu em 2009 quando, juntamente com meu amigo Jeremias, encomendei uma prancha. Posteriormente, sempre ao encontrá-lo no mar começava uma conversa. Patrick é o tipo de pessoa simpática que conversa com quem estiver próximo, sempre incentivando o outro surfista a pegar a onda:

No dia anterior 23/02 , Patrick, que já estava a mais tempo que eu no mar, me auxilio 'Você tem que pegar essa *esquerda* aqui, se ela conectar com *inside*, você vai embora!!' e toda vez que ele estava mais distante que eu e via uma onda vindo na minha direção ele gritava 'Rema, rema, rema' [...] (Diário de campo, 24 de fevereiro de 2011)

Esse surfista geralmente se posiciona mais ao fundo, isto é, mais no *outside*, ou, mais próximo da linha do horizonte e mais longe da praia que os outros surfistas.

Decidi realizar uma entrevista com Joel via MSN (Messenger), pois tinha seu contato após conhecê-lo intermediado por um grande amigo que não reside em São Pedro da Costa. Joel, assim como Patrick e Michel, nasceu em uma cidade litorânea (cada um desses três nasceram em estados diferentes), descobriu o esporte em seu município aos dez anos de idade e atualmente mora no bairro próximo da Vila dos Peixes (do outro lado do de Tadeu). Sua residência encontra-se na mesma orla marítima da Vila dos Peixes, porém, o acesso a praia é outro, e a praia recebe outro nome<sup>18</sup>. Joel mudou para seu atual endereço há seis meses, no entanto, frequenta esse *pico* intensamente desde 2007.

Joel tem vinte e cinco anos, é músico e estudante universitário, foi escolhido para ser entrevistado, pois sua banda ultimamente tem sido percussora de músicas tocadas em filmes de surfe e em festas patrocinadas por marcas de *surfwear*. A imagem da sua banda está

---

<sup>18</sup> Se formos olhar na figura I temos a Vila dos Peixes e dos dois lados duas praias “?” , uma delas fica a residência de Tadeu e a outra a de Joel.

diretamente ligada à imagem do surfe em São Pedro da Costa. Quando questionado sobre a relação entre a banda e o surfe, Joel expõe:

**Joel:** Totalmente direta (a relação banda x surfe). Nossas mensagens e inspirações são totalmente baseadas nos conceitos da filosofia do surf e seu estilo de vida. Isso, inclusive, está até inserido em nosso *release*. Em várias músicas falamos sobre nosso cotidiano de surf. *Release* é tipo um mini texto que fala de maneira geral sobre a banda: de onde veio, como surgiu, o que toca, o que tem feito. Nós da banda pegamos ondas junto quase todos os dias. Moramos todos no mesmo bairro, então cedinho já tem um descendo nas dunas pra ver a condição, se comunicando com os outros para dar o boletim (risos) e aí desce todo mundo pra pegar umas ondinhas. Quase toda manhã com ondas estamos na água juntos.

Vale frisar, que não há uma homogeneidade no que diz respeito aos diversos gostos que os praticantes do surfe têm, isto é, os surfistas não necessariamente gostam do mesmo estilo de música ou se vestem iguais, há uma heterogeneidade nessas questões. Falar em “sociedade” de surfistas, como se fosse um caráter único, é uma interpretação equivocada do esporte, há, no entanto, diversas sociações (SIMMEL, 1983) entre seus praticantes. A banda de Joel tem características que agradam a diferentes grupos de praticantes do surfe, a mesma toca diversos gêneros musicais: reggae, hip hop e rock. Pode ser considerada como Surf Music, pois a própria banda intitula-se como, principalmente por todos os componentes serem adeptos do esporte, e seu público que majoritariamente é composto por surfistas. Como nos mostra Joel, sua própria banda é formada por pessoas com diferentes ocupações profissionais além da música e do surfe: professor, chef de cozinha, uns fazem ocupações periódicas etc.

O último entrevistado foi Frederico de vinte e quatro anos, *nativo* de São Pedro da Costa e estudante universitário. Em 2009 abriu o primeiro quiosque da praia da Vila dos Peixes (como dito, os quiosques nessa praia tem início no verão e são desmontados após o carnaval). Frederico nasceu e cresceu no Recanto do Atlântico e sempre foi adepto dos diversos esportes: atletismo, handball, basquete e skate. Com o incentivo de um grupo de amigos *nativos* começou a surfar com quatorze anos na frente da sua casa, na Vila dos Peixes:

**Frederico:** [...]comecei a surfar aqui na frente, eu e um grupo de amigos meu, também *nativos*, a gente ia todo dia surfar, tipo primeiro final de semana, a gente ia todo final de semana, depois começamos a ir todo dia, matava aula para surfar e tal, pegava mar *mexido*, ia na espuma e tal, aprendendo e tal e não tinha erro, não era pegar marzinho

bom, era cair em qualquer tipo de mar para aprender mesmo, nem que fosse só para dar a remada e aprender.

Nessa época Frederico não se deslocava para outras praias, fazendo com que ele aprendesse a surfar em todo tipo de mar, do *pior* ao *melhor*. Após alguns meses o pai de um amigo começou a levar os adolescentes para surfar na Praia da Costa, propiciando uma melhor aprendizagem para Frederico e seus amigos. Também começou a freqüentar a Praia Pequena de ônibus, alternando o aprendizado na Praia da Costa e na Praia Pequena. Com dezoito anos começou a surfar mais nas outras praias de São Pedro da Costa, fazendo com que o mesmo se considere como *nativo* e *local* de todas as praias da cidade:

**Frederico:** [...] tem *nativo* brother que cresceu em todas as praias, eu cresci em todas as praias, [...], vou tudo quanto é praia, [...], conheço todo mundo, um pouco de cada praia, isso pra mim, eu me considero *local* em todas as praias. Eu sou *local*, na verdade, *nativo*, de São Pedro da Costa, né? [...]

Apesar de Frederico freqüentar outras praias, ele sempre olha antes as condições do mar na Vila dos Peixes para decidir a praia que surfará. Michel e Roberto viram Frederico aprender a surfar, seu início foi juntamente com o começo da construção do complexo habitacional da Vila dos Peixes, mas antes da construção do complexo, quando não surfava. Frederico informou que a trilha para a praia localizava-se em outra parte da praia e que ali havia alguns poucos surfistas.

Durante o tempo de pesquisa em campo não vi Frederico surfando na Vila dos Peixes, porém, nos anos anteriores sempre o via. Ele relata que tem mais surfado no Jardim das Dunas e em outras praias. Esse é um exemplo da sazonalidade do surfista, a onda pela sua fluidez e não constância da sua forma faz com que os surfistas procurem lugares onde haja fatores de suas preferências (estilo da onda, pessoas que freqüentam, acesso a praia etc) e de surfabilidade (condição da ondulação, do vento, da bancada de areia etc). Apesar de eu não ter visto Frederico nesses meses, não quer dizer que ele não tenha surfado na Vila dos Peixes, mas sim que o mesmo está, no momento, procurando outros lugares para praticar o surfe ou que ele está surfando em horários diferentes ao meu. Frederico mesmo aponta que da Vila dos Peixes até o Jardim das Dunas é a extensão da orla marítima a qual se sente mais a vontade para praticar esse esporte e para estar na sua hora de lazer, justificando esse seu deslocamento por todo o bairro.

Outras pessoas também foram entrevistadas, no entanto, diferentemente desses, os quais concederam entrevistas em suas residências e um em seu lugar de trabalho (Michel), os demais participaram do trabalho através de conversas realizadas nos diversos trajetos até o mar – rua, trilha, estacionamento, na areia da praia e no quiosque – e no próprio mar. Esses personagens irão surgir ao longo do trabalho, principalmente na etnografia que se segue. Contabilizei ao total quatorze conversas, para esses me colocava como pesquisador sobre surfe e fazia praticamente as mesmas perguntas que na entrevista formal, porém, enquanto surfava e participava da dinâmica marítima do esporte, outros se encontravam nesse espaço físico e contribuía indiretamente para a pesquisa.

Trago agora uma breve característica desses que disponibilizaram de seu tempo de lazer para contribuir com sua percepção sobre o assunto tratado. Jorge natural de capital não litorânea de outro estado, tem quarenta e dois anos e é publicitário. No meu diário de campo trouxe algumas características de como o vejo no mar:

Decidi conversar com ele, pois desde meus cinco anos freqüentando o bairro sempre o vejo surfando. Jorge sempre está surfando com a galera, seja *haole* ou os *locais*, e sempre que posso jogo conversa fora com ele, não só sobre o surfe, mas também sobre emprego e a cidade. [...] Jorge geralmente se porta no mar de maneira tranqüila sempre conversando com o pessoal e sorridente, eu nunca vi ele bravo ou estressado com a quantidade de pessoas no mar. (Diário de Campo de 6 de dezembro de 2010)

Jorge é o tipo de surfista que rema para toda onda, dificilmente quem está na sua volta o verá sentando na prancha sem pegar nenhuma onda. Os outros surfistas (*haoles*, *locais* e *nativos*) o respeitam. Contrariando aquilo que escrevi no dia 6 de dezembro, vi Jorge somente uma vez irritado. Foi em um dia que um surfista de *stand up padle*<sup>19</sup> pegava todas as ondas não o deixando surfar em nenhuma delas. No entanto, acredito que esse dia foi uma exceção, pois o mesmo tem como qualidades ser comunicativo e simpático com quem está ao redor. Outro surfista que se mudou de uma capital não-litorânea para São Pedro da Costa foi Adriano, vinte e sete anos, tatuador e proprietário de um dos

---

<sup>19</sup> *Stand up padle* é uma recente modalidade de surfe que tem poucos praticantes em São Pedro da Costa. Geralmente na Vila dos Peixes vejo quatro praticantes. A prancha de *Stand up padle* é maior, mais larga, mais grossa que a de um long board, e o surfista rema de pé com o remo para entrar na onda, essas características da prancha fazem com que surfista entre antes na onda que os surfistas de pranchas pequenas.

quiosques da Vila dos Peixes nesse verão, porém esse acabou por surfar menos que aquele em função de seu trabalho temporário.

Dois *nativos* participaram das conversas: Bruno e Garcia. Bruno tem aproximadamente vinte e três anos, trabalha em uma empresa de edificações e sua família é original de São Pedro da Costa há várias gerações. Vejo-o também em vários tipos de mar e sempre que pode está acompanhado de outro *nativo*.

Garcia é também um *nativo* que está sempre acompanhado de outros surfistas *nativos*. No entanto, tem uma peculiaridade frente aos praticantes, apesar de estar sempre na praia pegando *jacaré* (surfando com o corpo na onda) ele não surfa com prancha. Porém, está inserido na rede de sociabilidade dos surfistas *nativos* e costuma estar na areia conversando e interagindo com eles. Tive a oportunidade de conversar com ele na praia, próximo do quiosque, na trilha, na rua e quando eu estava entrando ou saindo do mar e ele pegando *jacarés* no raso.

Conversei também com pessoas que só vi uma vez durante a pesquisa: uma que diz que mora na Vila dos Peixes há cinco anos, porém foi somente naquele dia que o vi, Cristiano; outra que interagi no estacionamento da Praia da Costa sobre um conflito que aconteceu com ele em outra praia, Daniel. Os últimos dois surfistas são: Jeremias e Caio. Caio é professor universitário, mora faz quinze anos em São Pedro da Costa e tem como característica principal seu deslocamento nas praias do estado. Jeremias é praticamente um irmão para mim e só aparecerá nos diários de campo como um surfista que me acompanha para a realização da prática.

Portanto, ao longo desse capítulo demonstramos as principais características do espaço físico que está inserido a Vila dos Peixes, situada no município de São Pedro da Costa no bairro do Recanto do Atlântico. Estabeleceu-se como metodologia de pesquisa a etnografia nessa localidade, juntamente com as técnicas da *participação observante* entrevistas *o olhar de perto e de dentro*, deste modo, olhando, ouvindo e escrevendo. Por fim, conhecemos alguns dos frequentadores - assíduos e não assíduos, surfistas e não surfistas, *haoles*, *locais* e *nativos* – da Vila dos Peixes. Cabe agora aprofundarmos ainda mais nessas categorias nativas para identificarmos o que pensam e como dão sentido esses atores envolvidos e como essas categorias encontram-se, e ao mesmo tempo são, (n)as formas de sociabilidade, para posteriormente analisamos a formação das diferentes fronteiras simbólicas delimitadoras do(s) *pico(s)* de surfe.

## CAPÍTULO 2 - OS SURFISTAS DO *PICO*: SOCIABILIDADE MARÍTIMA NA VILA DOS PEIXES.

Fui para a praia hoje sem muita vontade de conversar sobre o *localismo*. Vi da areia que estava rolando dois tipos de onda: uma no *inside*, mais *cavada*, com maior força e menor de tamanho e outra no *outside*, uma onda bem *gorda*, sem muitas chances de fazer manobras. Decidi pelo *inside*: entrei no mar, passei a arrebentação e me positionei junto com os demais surfistas. Lá estavam alguns *nativos* como Michel, Ligeirinho (não sei o nome dele), e Roberto (na verdade ele é de outro município, mas está sempre com os *locais*), depois chegaram dois pedropolitanos que surfavam *bem*. Remei próximo de Michel no momento que as ondas haviam parado, cumprimentei-o e combinei de fazer a entrevista nessa semana. O mar tinha em torno de 0,5 metro *quebrando* em diversos lugares do mar, percebi que ali estava inserido um território. O território era composto por essas pessoas e mais a esquerda tinha outros surfistas, os quais não eram freqüentadores assíduos da Vila dos Peixes e estavam distantes. Como o mar estava puxando para a direita da praia, sempre que esse grupo remava para a esquerda, esses não freqüentadores também remavam, com alguns surfistas sendo puxados pela correnteza para a direita da praia. Estava difícil de ficar sentado parado, tínhamos que ficar remando para não sair do lugar que entravam as ondas, a movimentação era intensa e os surfistas remavam próximos uns aos outros.

Enquanto remava e surfava algumas ondas, me senti como meio termo, não pertencia ao grupo dos *locais*, mas também não me sentia pertencente ao grupo dos *haoles*. Notei que me aproximava do grupo de *locais* por dois motivos: primeiro, pois conhecia alguns deles (mesmo que só de cumprimentar); segundo, por ter uma relacionamento intenso com aquela praia, isto é, diferente dos *haoles* (nesse caso aqueles que quase não surfam naquela praia), eu estava ali quase que diariamente. No entanto, essa aproximação com o grupo dos *locais*, era uma aproximação distanciada, pois não havia muita interação entre eles e eu, havia conhecimento por parte minha de quem eram eles e acredito deles também. Diferente do outro grupo, onde não havia nenhuma interação entre eles, muito menos comigo, pois nunca tinha os visto surfando ali, ou ainda, nunca tinha os visto em outros lugares.

Após algumas horas de surfe, entrando e saindo surfistas, aconteceu um conflito, um surfista que é de São Pedro da Costa, mas não da Vila dos Peixes *rabeou* um *local*. Vi tudo da parte de trás da onda, o momento que o *local* remou para onda, entrando nela, e o outro ficando em pé na prancha após o *drop* do *local*, os mesmos continuaram na onda até ela estourar por completo, isto é, sem ter mais lugar para surfar na onda. O *local* que não surfa tão *bem* ficou bravo, e o pedropolitano pediu desculpas e reconheceu “sei que você é da área, desculpa, foi mal” e chegou perto do *local* olhou ele nos olhos e o cumprimentou. Aparentemente o *local* aceitou o pedido de desculpas do outro. Muitos desses conflitos acontecem, pois existem aqueles surfistas que sabem surfar melhor que determinados *locais* e acabam por crer que suas habilidades dão o direito de desrespeitar os demais surfistas, *locais* ou não. Hoje tinha bastante gente na

água, calor sábado e muitos surfistas na água [...] (Diário de Campo, 15 de janeiro de 2011)

Ao longo desse capítulo refletiremos sobre esse diário de campo, alguns outros e as entrevistas realizadas. De início faz-se necessário refletir o que são as relações de sociabilidade para os surfistas: segundo Simmel (1983), as relações de sociabilidade surgem pela interação entre os iguais e pela sociação. A sociação é a “forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses” (p.166, 1983), em meu objeto de estudo os surfistas que estão na Vila dos Peixes têm como objetivo principal no mar surfar algumas ondas. A sociabilidade existe quando o interesse comum – surfar – está em conjunto com a interação entre os surfistas. Apesar da forma de sociabilidade constituir uma unidade, dentro do mar existe diversos grupos sociais. A idéia de uma representatividade de um grande grupo social – os surfistas – é errônea, pode-se dizer que há uma “sociedade” do surfe, onde engloba diversas “galeras”, ou subdivisões dessa “sociedade” do surfe.

Aqui, ‘sociedade’ propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. [...] É isso precisamente o fenômeno que chamamos de sociabilidade (SIMMEL, 1983, p.168)

O diário apresentado foi elaborado no início da pesquisa e apresenta alguns dados reduzidos da classificação hierárquica dos diferentes tipos de surfistas. Isto é, ao elaborar o projeto de pesquisa, o pesquisador (como um surfista que não nasceu em cidade litorânea e que surfava no início da sua prática no esporte, há oito anos, nos finais de semana, feriado e férias) estava ciente da não existência de um grupo homogêneo “os surfistas”, no entanto, tinha como entendimento sobre o surfe, um *ethos* que fazia esse pesquisador distinguir dois grupos diferenciados no esporte: os *locais* e os *haoles*. A diferenciação básica desses grupos era nítida para a minha percepção inicial – *haole* era o indivíduo de fora daquela praia e *local* era a pessoa nascida no lugar de prática do esporte. Todavia, ao realizar a pesquisa notou-se que há uma complexa rede de sociabilidade que construirá os específicos grupos de

surfistas e o *ethos* e a visão de mundo que esses têm sobre o surfe, sobre o lugar de prática e sobre os outros.

Diferentemente do exposto no diário de campo acima, não há somente a identificação do surfista *haole* e o surfista *local*, há também o surfista *nativo*. Mas essa configuração hierárquica sobre o outro não se estabelece de uma identificação simplista, para isso estamos falando não somente de uma identificação, mas de uma classificação onde as relações de poder condizem com a origem do surfista, o pertencimento, suas técnicas corporais e sua rede de sociabilidade. Mas quem são os *haoles*, os *locais* e os *nativos*? Por que há essa diferenciação? Como essa diferenciação ocorre na prática?

## 2.1 O NATIVO DO SURFE E DE SÃO PEDRO DA COSTA.

Antes mesmo de tentar responder essas perguntas, outra surge tão importante quanto às anteriores: a classificação entre os surfistas é um consenso entre seus praticantes? Em outras palavras, o significado de cada uma dessas categorias é o mesmo para todos os praticantes? O conceito mais simples de compreensão é o de *nativo*, o surfista *nativo* é aquele que nasceu no município de prática do esporte. Na Vila dos Peixes seus moradores e freqüentadores expõem quem são os *nativos*:

**Tadeu:** Eu nasci aqui, sou *nativo*. Minha família tem 250 anos aqui, sou filho de pedropolitanos.

∞∞∞∞

**Frederico:** [...] *nativo* é que o cara nasceu mesmo [...] Eu sou *local*, na verdade, *nativo*, de São Pedro da Costa né?

∞∞∞∞

**Patrick:** *Nativo* são os caras que nascem aqui, os caras que nasceram aqui, foram criados aqui, que são originários daqui, tá? Não interessa se ele é lá do Costão e veio surfar aqui (Vila dos Peixes), ele é *nativo* de São Pedro da Costa daqui, da terra, entendeu? Daqui, de São Pedro, tal.

∞∞∞∞

**Roberto:** Olha eu defino o *nativo* como a pessoa que nasceu no lugar, que vive ali desde que nasceu tal [...]

∞∞∞∞

Portanto, para os praticantes do surfe na Vila dos Peixes, falar em *nativo* está diretamente relacionado com o lugar em que o sujeito nasceu, todavia, é enfatizado pelos entrevistados que não basta ele

somente nascer, ele tem que nascer, viver e fazer parte do contexto e das práticas sociais que acontecem no município. Falar somente em *nativo* é também falar de uma hierarquização dentro do conceito de *nativo*. Observe a argumentação de Tadeu: sua família está no município a 250 anos, diferentemente de indivíduo que tem 20 anos e seus pais são oriundos de outros municípios. Nesse quesito existe uma diferenciação na categoria *nativo*.

Ao tentar marcar uma entrevista, na praia ou no mar, às vezes escutava, “entrevista fulano, pois aquele sim é *nativão*” ou “fala com ele, pois ele é mais *nativo* do que eu”. Tais explanações não indagam em um conflito dentro do grupo *nativo*, mas em motivo de orgulho do indivíduo, simbolizando ser parte da história de São Pedro da Costa, especificamente do bairro do Recanto do Atlântico. Assim sendo, a categoria *nativo* simboliza o pertencimento do surfista ao município de nascimento, criação, que não é possível nenhuma pessoa tirar, é algo que é e está com o indivíduo, encontra-se no seu sangue, sendo algo que é a forma como o sujeito cria raízes com sua terra. Mas qual a relação entre ser de São Pedro da Costa e praticar o surfe? Há privilégio por parte do surfista nascido no município frente aos não-nascidos?

## 2.2 LOCAL: REDE DE SOCIABILIDADE E PERTENCIMENTO À VILA DOS PEIXES.

Para responder a essas duas questões, trago o conceito dos surfistas de *local*. Como apresentado no diário acima, minha percepção enquanto surfista oriundo de um município não-litorâneo, cuja prática no esporte limitava-se aos finais de semana e feriados, identificava apenas dois grupos majoritários no esporte: os *locais* e os *haoles*. Por ser de fora, eu era o *haole*, e aqueles que surfavam todos os dias, que habitavam o município, eram os *locais*. Contudo, não havia me questionado: e se um *haole*, por ventura, vier a morar no município, o que acontecerá? Será ele *local* ou *haole*?

Na medida em que realizava minha pesquisa de campo, os conceitos nativos foram se esclarecendo e a dualidade *local/haole* foi desaparecendo. A interação com os praticantes da Vila dos Peixes nos momentos de *calmaria* em alto mar, fez com que refletisse sobre a questão do *local* e *nativo*, ambos vistos como um grande grupo para aqueles que não surfam com tanta frequência na Vila dos Peixes. Minhas conversas informais no mar fizeram me perceber que na

realidade aquele grupo exposto no diário acima, como grupo dos *locais*, era a interação de outros dois que tinham como característica determinante a constância com que aqueles sujeitos realizavam o surfe na Vila dos Peixes. Isto é, meu *ethos* era marcado por uma classificação quanto à intensidade daqueles surfistas naquela praia sem levar em consideração outras características essenciais para a categorização, como por exemplo, a origem dos surfistas.

O que estava em jogo nesse diário era a interação e a sociação entre os surfistas *locais* oriundos de outros municípios e os surfistas *locais-nativos* de São Pedro da Costa. No momento do surfe, como só tinha um lugar bom para a prática, esses e aqueles se sociaram, mesmo que sem intenção de constituição de um grupo, para praticar o esporte juntamente contrapõe-se aos demais surfistas. Ao longo da minha pesquisa de campo na Vila dos Peixes, percebi que nessa praia havia principalmente dois grupos de *locais* cuja rede de sociabilidade era intensa, o que muitas vezes era exposto pela distinção nos dispositivos do esporte (BOURDIEU, 1983;1989;2004.2007), em outras palavras, haviam dois grupos de *locais* - aqueles originários de São Pedro da Costa e aqueles que migraram para São Pedro da Costa – que tinham suas pranchas como ferramenta de distinção.

Como exposto, a característica homogênea desses dois grupos é a intensidade que ambos dedicam-se ao surfe na Vila dos Peixes, os integrantes desses grupos se reconhecem e muitas vezes conversam e dialogam entre si, existindo ampla mobilidade de um surfista transitar por ambos os grupos, como no diário acima, o qual o propósito comum (de surfar naquele momento e naquele *pico*) agrupou seus indivíduos em uma unidade, fato esse constante nos dias de prática. Mas como surgem esses grupos ou essas unidades?

Para Simmel(1983) as unidades são formadas pelos interesses dos indivíduos agrupados em sociações. O que aqui classificamos ou englobamos categoricamente com três grupos, ou subdivisões do universo simbólico do surfe, para esse autor, é decorrência das sociações originárias do interesse de seus indivíduos atuando na prática como formas de interação e reciprocidade. Simmel afirma que quando ocorre essa ação (a reciprocidade) há uma suspensão momentânea de posições sociais. Mas o que ele quis dizer com posições sociais? Seriam os cargos que as pessoas ocupam profissionalmente? Seria a esfera econômica que cada indivíduo está? Se ele quis dizer que as posições sociais referem-se a essas duas questões, podemos dizer que no surfe as posições sociais estão suspensas, porém são criadas novas posições sociais, ou novos papéis sociais exercidos pelos praticantes no mar. Essas novas posições

sociais condizem com essas unidades sociais (*local, haole e nativo*), isto é, para Simmel na sociabilidade está autorizado o atravessamento de fronteiras sociais que em outras situações sociais (como no trabalho) não podem ser cruzadas.

A suspensão momentânea ocorre somente na interioridade das unidades, isto é, no grupo de *locais* pode haver diferenças na faixa etária e no *status* de seus membros, porém essas características “desaparecem” nas socializações entre seus membros e todos agem como se fossem iguais (SIMMEL, 1983). Pode ser também que entre as unidades haja uma homogeneização das características de seus membros, porém a diferenciação principal estará na identidade de seus praticantes, como por exemplo, de um lado os *haoles* e de outro os *nativos*. Ao mesmo tempo em que há a suspensão das posições, Frúgoli Junior (2007, p.13) expõe o paradoxo dessa forma de sociabilidade, apontando que tais relações só são possíveis ocorrer em um estrato ou segmento social, formando círculos “intraclassistas”. No diário abaixo é exemplificado o dia me dei conta do que Simmel (1983) tratava ao falar de “suspensão de posições sociais”:

Como de costume, acordei as 08h00min e fui até a praia e no caminho encontrei Roberto. Perguntei a ele se ele já tinha visto as ondas, ele disse que estava indo nas escuras (sem ver). Entramos na trilhazinha que vai até a praia, Roberto seguiu em frente e foi direto para perto do mar. Eu “subi” no “mirantezinho” que tem ali, lugar que geralmente os surfistas que conhecem o *pico* olhar para ver as condições. [...] não tinha ninguém nesse mirante, mas quando cheguei avistei uma esquerda entrando na bancada de areia e Roberto assoviou. Na mesma hora voltei para a minha casa, tomei café, coloquei minha roupa de borracha e peguei minha prancha e fui para a praia. Chegando lá encontrei Garcia na areia, comentei da temperatura da água, ele falou que tava bem gelada. Vi Roberto e mais um surfando e decidi ir surfar com eles.

As ondas estavam demorando muito para entrar, enquanto isso, me posicionei próximo a Roberto e outro surfista conversei um pouco com Roberto sobre a prancha que havíamos trocado e sobre as condições do mar. Depois me afastei, mas continuei próximo, continuamos surfando e enquanto não vinha onda as pessoas continuavam conversando, Roberto conversava com o outro cara sobre uma viagem que ia fazer, falava sobre ter que fazer um novo passaporte, entrei no meio da conversa e perguntei, “no Peru não precisa de passaporte né?”, eles falaram que não, mas a conversa dos dois era sobre a viagem que Roberto irá fazer[...]. Não me recordo agora como começou a conversa, mas falei para o outro cara que era de São José dos Campos, e ele falou que já tinha morado lá por alguns anos, começamos a conversar sobre a cidade, e chegou uma hora que reclamei brincando, “po, lá é foda, não tem nada para fazer [...] lá a média de idade hoje deve ser de 50 anos”, o cara riu e falou “po, eu to com 44, para mim isso não é nada”, depois voltamos a falar das ondas, mas dessa vez sobre as ondas do litoral de São Paulo. Minha reflexão agora volta à questão

que Simmel trouxe de que quando há a sociabilidade, ou até mesmo o conflito, tem como uma das regras implícitas da sociabilidade atuar como se todos fossem iguais. Ora, quando conversava com o cara eu não estava me importando qual idade, nem a profissão dele (engenheiro), pois estávamos debatendo sobre temáticas que envolvem o surfe, algo que estávamos praticando, nesse “debate” não havia nenhum tipo de hierarquização, pois estávamos ali na mesma galera, se portando como iguais em nossa conversação.

Nossa movimentação nesse dia estava em tentar ir atrás de alguma bancada de areia onde a onda fosse quebrar e como não vinha muita onda, eu remava para próximo dos dois para conversar e passar o tempo até a chegada da *série*. Nem um de nós três ficou muito tempo, primeiro saiu Roberto, depois esse engenheiro e por último eu. Sai da água e fui direto para a casa. (Diário de campo do dia 28 de março de 2011)

Voltando as categorias sociais, para mim no início da pesquisa essas categorias – *local* e *nativo* - se confundiam e significavam apenas um grupo, os *locais*, ou os *estabelecidos* (ELIAS, 2000). Portanto, aqui temos os *locais* da praia da Vila dos Peixes, os *locais-nativos* e os *locais-* de fora, ou para alguns os *locais-haoles*. Logo, a categoria *local*, assim como o próprio surfe, atua como mediadores na construção de identidades, pertencimentos, são fundantes de uma territorialidade ligada ao surfe.

Friso que nessa classificação o que está em evidência são dois fatores: 1) a rede de sociabilidade construída pelos atores envolvidos 2) a frequência que esses surfam na Vila dos Peixes e o modo como esses são vistos pelos outros praticantes da praia. Ressalto também que se um surfista da Vila dos Peixes for oriundo de outro município não significa necessariamente que o mesmo não esteja inserido dentro do grupo dos *locais-nativos*, um exemplo disso é Michel, que no meu imaginário, anterior a pesquisa, sempre foi visto como um pedropolitano, contudo, na entrevista o mesmo relatou que migrou para São Pedro aos dezoito anos. Atualmente a rede de sociabilidade que o mesmo encontra-se é majoritariamente composta por *nativos*. Michel reside próximo a maioria dos *nativos* e na maioria das vezes vejo ele em seu carro acompanhado de um. Assim como no mar, onde está muitas vezes perto e conversando com algum *nativo*. Mas como são construídos esses grupos sociais? Como a trajetória individual influencia nos diversos tipos de sociações?

### 2.2.1 Trajetória individual, *projeto* e *habitus*: ser *local* na Vila dos Peixes

Nesse exemplo de Michel percebemos que a trajetória individual está relacionada com o papel social constituído no contexto marítimo. A criação dessas unidades, grupos sociais, no universo simbólico, constrói uma subjetividade diferenciada, um código de emoções particulares, encontrados nos diversos grupos de *locais* constituindo o sentimento de ser *local* da Vila dos Peixes.

Gilberto Velho (1981; 2003) ao estudar os portugueses e açorianos na Nova Inglaterra, E.U.A, exemplifica de que forma seus conceitos de *projeto* e *campo de possibilidades* ajudam na análise das trajetórias e biografias dos indivíduos.

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades. (VELHO, 2003, p.47)

Para esse autor o *projeto* é a ação do indivíduo com objetivo pré-estabelecido, criado conscientemente pelo ator social e com base na escolha (ou poder escolher) individual. A elaboração e construção do *projeto* ocorrem no *campo de possibilidades* - lugar estabelecido culturalmente e historicamente - e em função “de um código de vivências e interações interpretadas” (VELHO, 1981, p.27)<sup>20</sup>.

Na Vila dos Peixes, as identidades dos diferentes grupos de *locais* – aqui como subdivisões dessa “sociedade do surfe” - acontecem não somente no mar, mas na rede de relações que se estabelecem além do mar como nos momentos de socialização na praia ou no bairro. Todavia, quando se falam de *locais* há também unidades criadas e mantidas somente no mar. Há um código de emoções e de expressões de emoções nos mais diversos universos simbólicos encontrados no mar, referente à relação com o outro e com o objeto principal de prática, a onda, que

---

<sup>20</sup> Gilberto Velho mostra como a identidade “nativa” – açoriana – em um contexto oposto – no *american way of life* - atua como uma mudança de papéis. O saber transita em diferentes mundos simbólicos, proporcionado pela mudança de papel em específico contexto sócio-espacial, ferramenta facilitadora na interação nas mais diversificadas redes de relações, Gilberto Velho (2003) chama de “potencial de metamorfose”.

quando partilhadas proporcionam um dos fatores de sociações entre os surfistas da Vila dos Peixes.

Estava na fábrica de pranchas de Michel quando pedi para ele me definir o que era *localismo* (será abordado detalhadamente no capítulo 3):

**Michel:** *Localismo* é, tipo assim cara, o surfista *local*, de qualquer área/praias, ele tem um ciúmes muito grande da sua onda, tá ligado? Essa que é a parada. Então, pô, se tá ali surfando, ou tu chega e tem neguinho pegando sua ondinha ali, isso aí te deixa irritado tá ligado?

Nesse caso, a associação entre os surfistas *locais* é resultado de uma homogeneização sentimental (ciúmes da onda e irritação com o outro que utiliza de seu objeto de lazer) partilhada pelos praticantes assíduos da Vila dos Peixes, a emoção de ser *local*. O ser *local* não diz respeito a somente sentimentos “negativos”, o ser *local* também se refere a sentir-se confortável surfar naquele *pico* com aqueles surfistas. Dentro do sistema organizacional que permeia o mar configurando os diversos *picos*, o ser *local* é saber se posicionar no melhor lugar (ou no lugar que mais o agrada) para surfar. *Ser local* é também sentir que o mar (o *pico*, a Vila dos Peixes) seja uma extensão de sua casa. Portanto, há uma interação entre as emoções e comportamentos entre os surfistas e o mar, ou a praia, que quando partilhadas ajudam na identificação de surfistas *locais* e não-*locais*.

Essas categorias sociais (*local-nativo*, *local-haole* ou simplesmente *local*) condizentes aos diferentes grupos estabelecidos na prática (como citado acima, o pertencimento de um surfista, Michel, nascido em outro município ao grupo de *locais-nativos*) constituem-se na interação entre projetos semelhantes, emoções partilhadas frente ao outro e à onda e *potencial de metamorfose* (VELHO, 2003) ao assumir o papel, ou a identidade, de *local* na Vila dos Peixes.

O conceito de *habitus* de Bourdieu também auxilia para a compreensão de como o corpo individual é incorporado pelas estruturas simbólicas encontradas no mar e como a trajetória individual é responsável pela inserção do surfista em determinado grupo e pela criação dos diversos *projetos*. Para Pierre Bourdieu (1983;1989;2004.2007) os agentes sociais são dotados de um *habitus*, estrutura estruturante, que pode ser considerado como uma ponte entre a estrutura e a prática (dimensão subjetiva e objetiva). Essa faz com que o indivíduo realize a aprendizagem das relações sociais entre si e assimile as normas, os valores e as crenças de uma sociedade, ou seja, o *habitus*

passa por um processo de socialização. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2006)

Esse conceito nos ajuda a compreender, não somente a prática esportiva de específicos agentes, mas também como esses classificarão ou criarão os diversos gostos, principalmente em inserir-se no grupo de *locais nativos* ou *locais-de fora*, dentro do que esse autor chama de espaço social. O conceito de *habitus* de Bourdieu é construído socialmente e historicamente, ele pode ser considerado como um sistema de disposições duráveis estruturadas de acordo com o meio social, tendo um princípio de conservação, que pode ser tornar também elementos de mudança, há um caráter flexível no *habitus* que faz com que os agentes sociais portem-se e interagem-se nos mais diversos contextos sociais. A mobilidade, sazonalidade e migração dos surfistas ao explorar outras praias ou somente em socializar com os grupos de *locais* são possíveis devido ao seu *potencial de metamorfose* (VELHO, 2003) e a seu *habitus* (BOURDIEU, 2007).

É importante salientar que a disposição para Bourdieu (2007) é a maneira como o corpo se expõe ao mundo, a forma como o corpo incorpora as próprias estruturas do mundo social. Para esse autor os agentes sociais aprendem pelo corpo.

Apenas o recurso às disposições permite compreender de fato [...] a compreensão imediata que os agentes têm do mundo aplicando-lhe formas de conhecimento extraídas da história e da própria estrutura do mundo ao qual eles aplicam. (BOURDIEU, 2007, p.190).

Portanto, todos esses conceitos abordam a maneira como o corpo incorpora e é incorporado pelas estruturas sociais simbólicas e como esse corpo transforma e é transformado por essas estruturas, além disso, como o corpo situa-se no espaço físico e no espaço social ou como o próprio Bourdieu (2007, p.177) afirma o *habitus* constitui “[...] um corpo socializado ao corpo social que o fez e com o qual ele faz o corpo”<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Para explicarmos didaticamente como o *habitus* está incorporado pelo sujeito precisa-se pensar na experiência prática, através da sua vivência, que o mesmo tem. O sujeito tem uma posição nas estruturas sociais, isto é, o agente social está inserido em determinada classe social dentro das estruturas sociais. Essa posição que o indivíduo está é resultado da aquisição dos capitais (cultural, social, simbólico e econômico) os quais propiciarão práticas e experiências, tais experiências estruturam internamente sua subjetividade constituindo o *habitus*. No entanto,

### 2.2.2 *Nativos e locais: sociação, interação e conversação na Vila dos Peixes*

Trago abaixo, como dois *nativos* de diferentes gerações - Frederico e Tadeu – e Michel entendem a diferenciação entre *local* e *nativo*:

Nesse momento perguntei de um incidente que ocorreu com Tadeu em uma praia próximo de sua residência

**Tadeu:** Então se tu chega ali, tem 50 pessoas lá eu não vou ali diariamente, então para tu conhecer as pessoas, tu tem que estar ali todo dia! [...] Então eu vou lá (Praia Pequena) uma vez ou outra, então as vezes que eu chego, uma vez o outra, eu sou mais um de fora, porque eu não tenho nada escrito que eu sou daqui, que eu sou *nativo* e tal. Só se houver uma interpelação, aí eu vou dizer 'o sou daqui, sou *nativo*, to aqui primeiro que você e tal', mas fora isso, eu sou mais um de fora [...] Na Praia Pequena eu conhecia os mais velhos, então lá já renovou, tem um monte de gente nova e assim vai, né? Então para tu se reconhecido e ser aceito, tu tens que ter conhecimento. Tem que conhecer as pessoas daquele lugar ali, se tu não conheces, tu és mais um diferente dali. [...] Eu sou *nativo*, mas eu não sou *local* da Praia Pequena. Então o que eu posso dizer? Se houver uma interpelação eu vou dizer 'pô, eu sou *nativo*', porque no nosso *pico* quando vem gente de fora, o cara diz que é de São Pedro, 'não eu sou daqui, eu

---

Bourdieu frisa que o *habitus* não é somente a incorporação da estrutura social e posição social, o *habitus* contribui para determinar o que o transforma, ele é estruturado pelo mundo que ele estrutura.

Suas práticas não são atos independentes, autônomos, não podem ser analisados isoladamente, “os agentes sociais são dotados de *habitus*, inscritos nos corpos pelas experiências passadas [...] situadas, porém nos limites das constrições estruturais de que são o produto e que as definem” (BOURDIEU, 2007, p.169). Suas práticas não são realizadas totalmente pelo agente, há influência não somente da estrutura estabelecida, mas da posição que o individuo encontra-se nela. Aqui vc fugiu um pouco do teu objeto, a construção Teórica está legal, mas poderia passar um pouco disto aqui para nota de rodapé..

Pode-se dizer, exemplificando de forma simplista, que os agentes sociais, os quais estão inseridos na mesma posição social, têm comportamentos, posturas, expressões lingüísticas, vestimentas parecidos, isto é, existe toda uma incorporação das estruturas sociais e das posições sociais no interior desses agentes, fazendo com que eles atuem em diferentes situações sociais para reproduzir as propriedades de seu grupo social de origem e a própria estrutura da qual ele foi formado, às vezes, mesmo quando eles não têm consciência de que estavam fazendo. Em outras palavras, há um conjunto de ações, estilos de vida, moralidades, dentre outros, que são comuns a cada uma das classes ou grupos sociais, ou seja, essas características são inculcadas dentro do processo de socialização e no contexto em que cada individuo se insere, isto é, estas práticas acabam sendo incorporadas como “naturais” a cada grupo. Assim sendo, o *habitus* possui caráter adaptativo e flexível, ou seja, faz com que o agente social intervenha e construa, em determinada situação, um conjunto de sentindo a diferentes contextos, propiciando ações em diversos campos.

sou *nativo*, ai tu já 'opa então tudo bem', 'fica mais a vontade e tal'. Do que um pessoal que é de outra cidade, que é de fora, mas o *nativo* ele é diferente ele tem certas vantagens. Mas ele não é *local*, o *local* é quem mora naquela praia, na frente daquela praia ali.

**Pesquisador:** e esse *local* daquela praia, ele pode ter vindo de fora? Por exemplo: um cara que veio de São Paulo há 10 anos e está 10 anos surfando. Ele pode ser considerado *local*?

**Tadeu:** Têm muitos que são. Têm muitos que eu considero. Isso acontece, tem conosco aqui, né? Tem gente de X, gente de Y, conforme já estão a um monte de tempo aqui, já tem filhos aqui e tal, já estão meio estabilizados, que são *locais*, eles são *locais*, eles se colocam como *local* e não são *nativos*. [...]É por que é gente conhecida, o pessoal me conhece, conheço todas as pessoas daqui, mas nem todo lugar que você vai naquela determinada hora que a pessoa te conhece. E quando tu chega lá, pô, se conhece meio que todo mundo, ué, nem sempre você conhece todo mundo, então tu passa como um cara diferente e as vezes tu até encontra gente de outro lugar, que é *local* ali, que mora ali, e surfa ali todo dia e não me vê, não me conhece e que vai me interpelar, ai eu tenho que me apresentar, 'po, mas sou daqui, sou *nativo*' essas coisas toda. Mas *nativo* é uma coisa, *local* é outra coisa. Nem todo *local* é *nativo*,[...], por que que é *nativo*? Porque o cara nasceu aqui, tem família aqui, mas eu não sou *local* daquela praia lá, não sou *local* da Praia Pequena, não sou *local* da Praia Pequena, não sou *local* do Costão. O *local* é quem mora ali, que surfa ali diariamente, que vive ali naquela praia e surfa com chuva, com vento, com onda, aquele é *local*, ele ta ali todo dia. Eu não sou *local*, eu sou *nativo*[...] Minha jurisdição é da Vila dos Peixes [...] até o Paredão.”

∞ ∞ ∞

**Pesquisador:** e hoje em dia o lugar que você se sente mais confortável para estar surfando é aqui? É a toda extensão do Recanto do Atlântico ou é mais na Vila dos Peixes?

**Frederico:** É mais na Vila dos Peixes, eu vou para o Jardim das Dunas, também me sinto confortável, mas mesmo assim, eu me sinto mais confortável aqui na frente.

**Pesquisador:** e por que você acha que você se sente mais confortável?

**Frederico:** Porque é o lugar onde eu comecei a surfar, o lugar onde eu to sempre ali, tipo assim, nos outros lugares eu tenho que me deslocar mais assim. Onde eu sinto *local*, *nativo* mesmo, é na Vila do Peixes, né?

Após outras conversas decidi perguntar como Frederico definiria *nativo* e *local* e como tais identificações ocorriam na prática:

**Frederico:** [...] *nativo* é que o cara nasceu mesmo e, tipo, praticamente surfa só no mesmo lugar, né? Daí o *local*, tipo, o cara tá ali surfando, voltou, saiu, ou então nasceu e saiu aqui e ali é o *local* que ele surfava, ou o cara chegou de fora e está ali há um bom tempo já tá surfando, já se considera *local* e tal, tem uma amizade com o pessoal.[...] Na verdade, é o tempo de surfe que ele está ali e a interação que ele tem com as outras pessoas, se ele tem uma boa interação, se ele não é folgado, nada, o cara vai se tornar praticamente *local*. Tem um monte de amigo nosso que já está arregado, o Moreno, o Jorge, tem um pessoal que já é arregado porque já está há um bom tempo e tem uma convivência boa dentro da água, sabe respeitar, não é aquele folgado que chega

achando que está em casa e começa a *rabear*, começa a berrar, já começa a fazer brincadeirinha assim, o cara nem conheceu o cara, tá ligado? [...]É *local* de tudo (se *nativo* é *local* em todas as praias), até porque o cara cresceu em todas as praias, pelo menos só se for aquele *nativo* que não sai dali, tá ligado? [voz aumentando] tem muito *nativo* que não sai, que nem o Y. ali. Ele é *nativo* e *local* do Jardim das Dunas, ele vai para as outras praias até, ele pode, e a outra raça que não vai com a cara dele, porque ele é *nativo* e *local* do Jardim das Dunas [voz firme] Tem *nativo* brother que cresceu em todas as praias. Eu cresci em todas as praias, eu vou para X, eu vou para W., vou tudo quanto é praia, vou pro L., volto vou para a Praia Pequena, conheço todo mundo, um pouco de cada praia, isso pra mim. Eu me considero *local* em todas as praias. Eu sou *local*, na verdade, *nativo*, de São Pedro da Costa, né?

∞ ∞ ∞

Perguntei a Michel como era o surfe na Vila dos Peixes e como acontecia o processo de torna-se um *local*:

**Michel:** Não tinha ninguém [na Vila dos Peixes], isso aqui nem era praia de surfe, se você quer saber. Era muito pouca gente, todos os *nativos* que são aqui da área, eu vi eles aprenderem a surfar. É por isso que eu tenho essa consideração aqui na área [...]Com certeza, a pessoa que passou de 10 anos aqui, ela passa a ser *local*. Até antes ela já é *local* [...]Na verdade cara, olha [risos] tens uns que estão como meio termo (entre *local* e *haole*) entendesse? Têm outros que estão como *local* porque já merece o espaço deles e tem um monte de neguinho que eu nunca me incomodei com esses caras, tens uns caras sangue bom para caramba, que sabe chegar, impressionante cara! [...] Eu moro aqui há 17 anos, eu sou *local*, mas tem um monte de neguinho que é *nativo*, eu sou *local*, mas não sou *nativo*.

∞ ∞ ∞

Nessas narrativas encontramos fatores que nos ajudam a compreender a dinâmica no mar pelos surfistas no que diz respeito à classificação do outro praticante. O *local* é aqui apresentado por três surfistas que estão a mais de dezessete anos no município. Nessa falas há convergências encontradas que irão classificar um surfista como *local*: 1) o tempo que o mesmo encontra-se morando em São Pedro da Costa; 2) a quantidade de vezes que o mesmo surfa na Vila dos Peixes; 3) a interação e a reciprocidade com os demais surfistas da área de prática.

Assim sendo, um surfista que é oriundo de outro lugar tem que estar surfando naquela praia constantemente de modo a não só surfar de maneira individualizada, mas interagindo, conversando com os demais, principalmente com os surfistas *nativos* e *locais*. É necessário também que o mesmo tenha um comportamento no mar aceitável e respeitável para com os outros praticantes, isto é, deve-se assumir o papel social de *local*. O indivíduo que pretende ser reconhecido como *local* precisa freqüentar assiduamente a Vila dos Peixes e saber se relacionar com

aqueles que estão a mais tempo na praia. Esse relacionamento pode ser tanto na água como fora dela, como na areia da praia ou no bairro. No entanto, é comum que essa interação ocorra principalmente nos momentos que não vem onda (*calmaria*).

Há uma pequena divergência na fala de Frederico e Tadeu quanto à seguinte questão: todo *nativo* de São Pedro da Costa é *local* em todas as praias da cidade? Tadeu aponta que o *local* mora na frente da praia, que está na mesma todo dia se relacionando com seus moradores, independente se é de São Pedro da Costa ou não, a importância dada por esse surfista está na relação surfista x praia, evidenciando que existem *locais* vindos de outros municípios. Frederico aponta que é *local* em todas as praias de São Pedro da Costa, justificando que é *local*, pois frequenta todas as praias e conhece um pouco dos surfistas residentes de outras praias, todavia Frederico apresenta que há exemplos de surfistas *nativos* os quais não se deslocam por outras praias perdendo a característica de ser *local* por toda a cidade, sendo *nativo* e *local* de específica praia.

Outro fator apontado por Frederico é a questão do conforto em surfar no mar: ele se sente mais confortável em surfar na Vila dos Peixes do que em outros lugares. Mas por que o surfista tem esse sentimento? Novamente entramos na questão da vivência no lugar e na rede de sociabilidade. Frederico argumenta que por ele ter aprendido a surfar na Vila dos Peixes o faz conhecer melhor os diferentes *picos* que surgem ao longo do ano, assim como as relações de amizade que estão no mar e fora dele. Esses dois fatores resultam no sentimento de conforto compartilhado pelos *locais*.

E o que pensam e como classificam como *locais* os surfistas da Vila dos Peixes de outras cidades? Joel e Patrick eram ambos *nativos* de outras cidades e mudaram para São Pedro da Costa. Abaixo os mesmos descrevem como é relação do *local* e *nativo*:

**Pesquisador:** Como você definiria *local* e *nativo*?

**Patrick** [...]o *local* pode ser um *nativo*, só que ele usa do que? De uma autoridade, autoridade é quando você impõe um poder, impõe alguma coisa, sem utilizar [pausa] Por exemplo, de ser daqui, você faz as pessoas fazer aquilo que tu quer, sem ter que usar a força, por alguma coisa que você fez, por alguma coisa que você é. Um *local* é esse, o cara que está todo dia no *pico*, se ver alguma coisa errada, tenta resolver, é o cara que é respeitado, não interessa se ele é daqui ou se ele não é, essa cara é um cara *local*, ele está sempre ali [...] *Local* é o cara que está ali todo dia, não quer dizer que é o cara que quer expulsar todo mundo, não quer dizer que é o cara que quer arrumar briga, tem o *local* chato e o *local* bonzinho em todo *pico*, é o cara que está ali. Agora, *nativo* é *nativo* do lugar e é *local* também, porque tem um monte de *nativo* que

não surfa [risos] [...] Ta (o *local*) ali todo dia, igual uma pedra, igual uma árvore, sou eu, é você, é o T., é o Jorge, quem é daqui, mas o cara é *local*, você vai dizer que não é *local* daqui? Tu surfa aqui todo dia, agora os *nativos*, são *nativos* e *local*, só que por ser *nativo* ele quer impor uma coisa, um poder [risos] e a gente quer impor uma autoridade, que é uma coisa que se conquista [risos] [...]

∞ ∞ ∞ ∞

**Joel:** Somos todos *locais* (músicos da banda de Joel) aqui do R. (praia próxima da Vila dos Peixes), *caímos* na água e conhecemos todo mundo e todo mundo nos conhece [...]Mas já estamos na área há algum tempo e, pelo menos no R. somos *locais*. Na verdade, ninguém que *cai* no mar aqui em frente de casa é *nativo*. Só tem gente de fora mesmo que mora aqui há tempos. Os poucos *nativos* que *caem* aqui são amigos da galera, são nossos amigos... então é tudo igual. Na real a parada já mudou de figura aqui... não importa muito de onde você é, mas quem você é. Se tu faz parte da "galera" tu é *local*, manja essa idéia? Nós da banda pegamos onda junto quase todos os dias, moramos todos no mesmo bairro então, cedinho já tem um descendo na duna pra ver a condição, se comunicando com os outros para dar o boletim [risos] e aí desce todo mundo para *pegar* umas ondinhas. Quase toda manhã com ondas estamos na água juntos.

Novamente nas falas acima se expõem a relação entre o *local* e a frequência com que o mesmo surfa em específico *pico*, a dedicação que o surfista tem com o lugar de prática. Essa relação tem que ser duradoura e deve ser estabelecida em determinada praia. Patrick afirma que a diferenciação na relação entre *local* e *nativo* está na forma como tais sujeitos relacionam-se com o ambiente de prática e com o outro surfista: o argumento baseado na relação orgânica entre *nativo* e seu município – ser do município – é o “poder” (mencionado por Patrick) utilizado pelo *nativo*; em contrapartida, o argumento de ter o reconhecimento pela periodicidade na Vila dos Peixes é a “autoridade” do *local*, autoridade por ser como uma “uma pedra, uma árvore” no ambiente.

Trago Patrick e Joel para exemplificar como essas categorias são móveis no espaço e no tempo. Antigamente ambos eram *nativos* de seus municípios e *locais* de suas praias, no entanto, ao migrarem para São Pedro da Costa, tais sujeitos são classificados e redefinidos em outras categorias. Ao migrarem foram identificados como *haoles* e com o passar do tempo e com a interação e sociação com os surfistas da Vila dos Peixes os mesmos tornaram-se *locais*. E se eles mudarem de volta para seus respectivos municípios? *Nativos* eles serão, mas e *locais*? Pode ser que migrações ocorram para seus ex-lares, assim como a iniciação de novos praticantes no esporte, delimitando uma nova configuração sócio-espacial com “novos” *locais*, porém não há como

confirmamos de que forma e como essas novas fronteiras simbólicas sociais serão criadas. Diferente de Patrick e Joel, Roberto nasceu em uma cidade não litorânea, ou seja, nunca foi *nativo*. Quando questiono o porquê dele surfar na Vila dos Peixes o mesmo responde:

**Roberto:** Na verdade não é o melhor lugar (a Vila dos Peixes) de onda assim, sempre quando tem onda boa aqui, se você procurar você vai achar um pouco melhor. Mas a gente surfa aqui por que está cômodo, está em casa, não precisa ficar saindo, né cara? Às vezes tu sai, mas geralmente a gente surfa aqui por causa disso: pela comodidade, para surfar mais tranqüilo, não tem muito *local* [...]

**Pesquisador:** Como você conhece os outros no mar?

**Roberto:** É de estar surfando junto, e começa a conversar, tu pega uma onda e aí você conversa daquela onda, aí vai se envolvendo, já se torna amigo, né? Mas a maioria eu conheci na água mesmo, poucos ali são vizinhos aqui [...] e aí tu já conhece da área ali, outros da área mesmo, Patrick já morou aqui (na pousada de Roberto), mas eu conheci ele antes ali na água, a maioria eu conheci ali [...]

**Pesquisador:** E como você definiria *local* e *nativo*?

**Roberto:** *Local* é uma pessoa que chegou ali há um tempo já. Já está surfando ali há um tempo, já está surfando muito, pode ser considerado um *local*, entendeu? Mas se um *nativo* chegar e falar alguma coisa para ele, vai ter que aceitar na boa, dependendo da situação, né? Se não for uma coisa muito exagerada. Tu é *local* e tu vai chegar num cara que é *nativo*, que nasceu no lugar, e vai te falar e vai te falar um coisa e tu vai ter que escutar [...]

**Pesquisador:** Você é *local*?

**Roberto:** A, alguns consideram, outros não, entendeu? Mas, quem é *nativo* me considera um *haole*, entendeu? Quem não é, me considera *local*, porque vê o cara surfando todo dia ali. Mas se você perguntar para o *nativo*, 'quem o alemão ali?' 'Haole!', sou de X., sou *haole*, entendeu? Sou do estado tudo, mas não sou de São Pedro da Costa [...] Eu até acho que tem, eles até respeitam certo ponto entendeu? Eles não ficam impregnando, eles até me deixam surfar, entendesse? Mas, eu acho que eles até que estão no direito deles até um pouco, eles nasceram aí, a praia aí na frente da casa deles [...] Lugar que a gente se sente mais confortável é aqui (Vila dos Peixes), você senta e conhece todo mundo [...] Pelas idas nos *picos*, aí você começa a identificar, tu sabe quem é quem [...] Olha, eu nem almejo ser considerado, ou não ser considerado, um *haole*, eu sou de X., entendeu? Eu gosto de falar que sou de lá, nasci lá, vivi até os 18 anos lá, não tem porque eu falar que eu sou *nativo*, *local* daqui, eu moro aqui, não sou *nativo* daqui, entendeu? Eu surfo mais aqui na frente, sou *local* aqui, *local* assim, de falar, porque todo mundo me conhece porque eu surfo aqui na frente, também por respeito, não sei, se tem alguma coisa a mais por causa disso

Nessa narrativa de Roberto alguns pontos são interessantes a serem comentados. Primeiro Roberto expõe como conseguiu se inserir na rede de sociabilidade dos surfistas da Vila dos Peixes, principalmente

através da conversação no mar. Ele comenta que muitas de suas amizades se iniciaram no mar e que alguns surfistas, após as interações, tornaram-se seus inquilinos. Aponta que *local* é aquele que surfa por longo período de tempo na Vila dos Peixes. Quando questiono como ele se identifica, Roberto expõe duas categorias diferentes – *haole* e *local* - o que de fato está diretamente relacionado com a percepção que o outro surfista tem dele e o orgulho que Roberto tem ao dizer à cidade que nasceu. Ou seja, o surfista que é *nativo* de São Pedro da Costa identificará Roberto como um *haole* e os *haoles* (enquanto surfistas de fora da Vila dos Peixes e não *nativos*) identificarão Roberto como *local*, devido sua permanência intensa na Vila dos Peixes.

Outra observação apontada refere-se à sazonalidade do surfista. Na fala de Roberto a sazonalidade surge quando ao ir surfar em outra praia, e quando o faz mais de uma vez, o surfista começa a identificar àqueles surfistas que estão sempre no mar surfando. (“ [...]lugar que a gente se sente mais confortável é aqui (Vila dos Peixes), você senta e conhece todo mundo [...]Pelas idas nos *picos*, ai você começa a identificar, tu sabe quem é quem [...]”). O papel de *local* exercido por Roberto significa estar sentado em sua prancha e reconhecer e interagir com aqueles que ali estão, aqueles que não são *locais* estão no *outside* reconhecendo os *locais*, no entanto, sem interação e sem o reconhecimento por parte dos *locais* ou *nativos*. Gostaria de frisar que mesmo em um conflito entre *nativo* não-*local* e *local* não-*nativo* é possível que a hierarquia *nativo* atue como “superior” frente ao *local* não-*nativo* como salientou Roberto “eles nasceram e cresceram aqui [...]”.

Roberto relata que conheceu a maioria de seus amigos surfistas na água, “É, de ta surfando junto, e começa a conversar, tu pega uma onda e ai você conversa daquela onda, ai vai se envolvendo, já se torna amigo, né? Mas a maioria eu conheci na água mesmo, poucos ali são vizinhos aqui”. A conversação, em todas as falas anteriores, simboliza a forma mais intensa de interação entre os surfistas, no entanto como a conversação age na interação enquanto forma de sociabilidade?

Simmel (1983, p. 176) afirma que o conteúdo da conversação é a forma que mantém o vínculo social entre os sujeitos e é importante que o mesmo seja interessante e chamativo para quem está conversando, no entanto, o conteúdo da conversação não deve ser visto como o propósito dessa interação. Para esse autor a conversação é uma arte que possui suas próprias leis artísticas. Velho (1981, p.27) aponta que a verbalização é o método que fornecerá as indicações dos *projetos* individuais, pois esse é algo que pode ser comunicado e que necessita de

uma “linguagem que visa o outro” para a ocorrência das interações entre os indivíduos.

Enquanto os surfistas estão sentados no *outside* aguardando a chegada das ondas, a conversação, como uma forma de sociabilidade, passa a constituir uma relação sociável entre os surfistas contribuindo para a interação e para a inserção dos praticantes nas unidades classificatórias (aqui como *local*)<sup>22</sup>.

Nas entrevistas e na minha própria vivência enquanto pesquisador evidenciou-se que o conteúdo de fato, como já afirmava Simmel (1983, p. 176), não era o propósito da conversação. O foco era a intenção em ter uma interação sociável com o outro nos momentos sem ondas e tal interação é fator determinante para ser reconhecido como *local*. O início da conversação, em muitos casos citados, resultou em amizades ou em relações que ocorriam somente no *pico* no momento de prática. Portanto, a conversação aqui é exposta como um dos fatores iniciais que resultarão na reciprocidade de um surfista ser considerado *local*. Na narrativa abaixo é exemplificado como muitas vezes começa a conversa entre os surfistas e como eu fui me inserindo no grupo de *locais*-de fora: “Vai senta ali, vai conversando, vai se conhecendo cara. Não tem como, tu ta ali todo dia, o cara ta ali todo dia, você não vai falar nem oi para o cara? Tu não me conheceu? Não está conhecendo os outros caras? Também não conhecia?” (Patrick)

Minha aproximação com alguns dos entrevistados ocorreu como Patrick citou, ou seja, entrava no mar, remava até o *outside* e enquanto aguardava as ondas me posicionava perto daqueles surfistas, os quais eu tinha maior intimidade, e perto dos meus potenciais entrevistados, iniciando alguma conversa. A conversação fazia não só parte da minha interação com os surfistas, mas também um exercício de estranhar o familiar. Enquanto pesquisador eu precisava “quebrar” meus jargões pré-estabelecidos. Escutava os discursos sobre como os outros surfistas enxergavam o surfe e via como os mesmos se movimentavam dentro da água para compreender tudo aquilo que estava sendo dito. Foi nesse exercício que foram recriados os termos utilizados universalmente no surfe na prática local do surfe na Vila dos Peixes.

---

<sup>22</sup> Nas entrevistas acima alguns exemplos são expostos: “tens uns caras sangue bom para caramba, que sabe chegar, impressionante cara!” (Michel), “[...]o Moreno (citado no trecho de entrevista acima) eu conheci na água e tal, a gente estava esperando as ondas trocávamos uma idéia e tal, bem comunicativo e tal, e falou, perguntou no que eu tava trampando e tal, e ele acabou me indicando uma agencia, fui pra aquele agencia, já consegui pegar uns trampo bom naquela a agencia e tal, e por causa dele eu consegui um, abriu as portas” [...] (Frederico).

O assunto geralmente abordado na conversação entre dois surfistas, que pouco se conhecem, é sobre as condições oceânicas (como estava, está ou ficará, a onda em determinado momento do dia), sobre o equipamento utilizado (prancha e roupa de borracha) e sobre a *performance* do outro (“boa direita aquela que você pegou heim” “legal aquela rasgada, saiu bastante água”) isto é, assuntos relacionados ao surfe como um todo. Mas isso não significa uma regra geral nos momentos de sociabilidade, os mais diversos assuntos são tratados nesses momentos de *calmaria*, tais assuntos dependem do grau de relacionamento que o surfista tem com o outro. Presenciei assuntos como: campeonato de surfe, prancha, religião, relacionamentos, filho(a)s etc.

No mar destaca-se o não-propósito do assunto na conversação, pois a mesma muitas vezes não chega a ter uma continuidade. Quando dois surfistas estão conversando e surge a onda no horizonte, encerra-se ou paralisa-se a conversa, porque o interesse primordial dos dois, ou do grupo, está em surfar. Após a onda surfada é possível que os dois retomem a conversa, se quem pegou a onda voltar a se posicionar próximo daquele, ou não retomem, o surfista pode ir embora ou até mesmo se posicionar em outro lugar no mar. A mudança de assunto nesses momentos ocorrem com frequência, muitas vezes partindo do comentário sobre a onda que o colega surfou: “que onda heim!” “e ai foi boa?”, podendo ou não retomar o assunto anterior<sup>23</sup>.

### 2.2.3 Aprendizagem pelo corpo: emoções, regras e condutas na Vila dos Peixes

Esses comentários, no momento de socialização no mar, exemplificam como a conversação, juntamente com a observação, pode ser considerada como uma das ferramentas no processo de

---

<sup>23</sup> Trago meu diário do dia 17/03/11 para demonstrar o clima e o tom da conversação sem assunto. “Decidi escrever a experiência desse dia para mostrar de que forma eu acabei por me incluir em um grupo. Nesse dia fui surfar sozinho, mas sabia que na água encontraria alguém. Olhei para o mar e vi que estava *perfeito*, decidi entrar bem na frente da trilha pois havia visto alguns surfistas *pegarem* boas ondas. Arrumei minha roupa de borracha e entrei, quando cheguei no *outside*, vi que mais a direita estavam Patrick, Roberto, Jorge, Franco, mais um cara que sempre surfa, e um cara mais velho. Nesse dia me senti extremamente confortável, pois vi que estava cada vez mais inserido nesse grupo, não sei se o clima de felicidade que contagiava a todos era razão das ótimas condições das ondas. Naquele grupo um estava instigando o outro e rindo bastante, a todo momento escutava-se “Boa, boa boa” ou então “Vai, vai vai” [...]” Esse diário ilustra como em dias que as ondas entram a todo momento a sociabilidade ocorre pelos estímulos dos outros surfistas como nas gritos de “vai vai” ou “boa, boa”.

aprendizagem do surfista. Essa relação de aprendizagem – observação e prática – Wacquant (2002, p.138) chama de “dialética do corporal e do visual”. Para aprendermos a realizar uma *manobra* no surfe devemos olhar para aqueles que realizam essa manobra. Esse olhar pode acontecer em revistas e vídeos de surfe, todavia é no próprio lugar de prática que esse olhar torna o aprendizado mais real, pois em vídeos e revistas são apreciadas manobras em condições oceânicas diferentes daquelas que o surfista se depara no dia a dia de sua prática.

Essa é outra característica do surfe como uma prática esportiva coletiva: apesar dos adeptos surfarem a onda individualmente, eles gostam de ver os outros surfarem. Esse olhar é caracterizado como um olhar de admiração, aprendizagem e incentivo. O surfe, como o boxe, apresenta nesse sentido um “paradoxo de um esporte ultra-individual, cuja aprendizagem é totalmente coletiva”. (WACQUANT, 2002, p.120)

Nesse sentido os olhos são a ferramenta de compreensão do movimento realizado em cima da prancha, assim que se capta o movimento, é que se tenta efetuar na prática com o corpo (no boxe somente com o corpo, no surfe o corpo atuando juntamente com a prancha). Ao mesmo tempo em que Wacquant tentava imitar os golpes dos mais experientes, muitos surfistas, incluindo eu, tentam imitar as *manobras* dos surfistas – e suas técnicas corporais (MAUSS, 2003) - que admiram, a nível local e global. Essa observação tem como objetivo principal constituir a prática através das expectativas objetivamente racionais.

Voltando ao diário, nota-se como a conversa amenizou um pequeno conflito entre dois *nativos* de São Pedro da Costa: um *nativo local* da Vila dos Peixes e outro *nativo* de outra praia. Esse conflito - que acontece em qualquer tipo de relação, ou seja, relação *haole* x *nativo*, *local* x *nativo* etc – ocorreu devido ao não respeito por parte de um surfista, a qual a habilidade superava a do outro. Nesse caso, o surfista da outra praia compreendeu o erro que cometeu (ao desrespeitar o surfista *nativo local*) *rabeando-o*. No surfe, universalmente, o *rabeare* simboliza o desrespeito máximo por parte de um surfista em relação ao outro. *Rabeare* é a ação de surfar uma onda que outra pessoa já está surfando, ou seja, entrar posteriormente ao outro surfista.

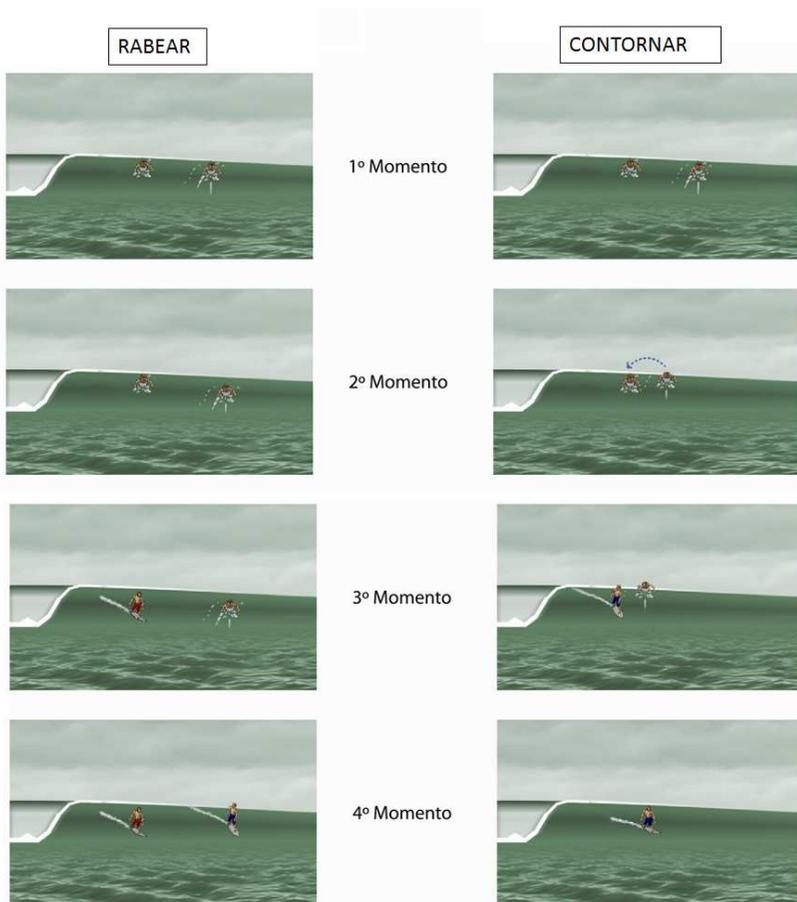
Quando se aprende a surfar, a única regra de convívio social ensinada é a de que a onda pertence ao surfista que estiver mais bem posicionado e entrar primeiro nela. Isto é, o surfista que *dropar* (descer a onda) primeiro é o dono da onda. *Rabeare*, ou *cortar*, além de atrapalhar o outro surfista - algumas vezes resultam em acidente com o surfista ou com sua prancha - simboliza o desrespeito e é reprimido por grande

parte dos surfistas. Geralmente a maioria das brigas e discussões inicia-se após a *rabeada*, muitas vezes significando o estopim de conflitos maiores.

O *rabear* pode ser considerado como a regra global da prática do surfe, contudo em cada praia haverá universos simbólicos com diferentes códigos e regras, as quais não são interiorizadas por parte dos surfistas visitantes incidindo muitas vezes em diversos conflitos. Ou seja, cada lugar de prática é dotado de simbologias diferenciadas que são expostas pelos comportamentos dos surfistas que ali freqüentam, “os indivíduos participam diferentemente de códigos mais restritos ou mais universalizantes” (VELHO, 1981, p.20).

Durante meu campo na Vila do Peixe, participando ativamente da prática do surfe, pude perceber atitudes de outros surfistas que geravam emoções, como a irritação, demonstrando outras regras e códigos específicos desse meu lugar de pesquisa. O *contornar*, ou *dar balão*, é outro exemplo de uma relação simbólica de desrespeito. Essa outra atitude é mal vista pelos surfistas da Vila dos Peixes e na prática incide quando algum surfista rema ao redor do outro para ter o privilégio de entrar na onda antes, diferente do *rabear* que é a interferência da onda que alguém está surfando, o contornar é colocar-se na posição de preferência para poder entrar no melhor lugar da onda. Abaixo segue uma figura ilustrativa da diferença entre o rabear e o contornar:

Figura II: *Rabear x contornar*. Ilustração de Xico Carvalho e Celso Senna Alves Neto



O 1º momento da Figura II ilustra a chegada da onda no lugar que os surfistas estão posicionados (azul surfista 1 – vermelho surfista 2) sentados aguardando a onda; No 2º momento é demonstrado o conhecimento dos surfistas do lugar que a onda *quebrará*, identificando-a como *esquerda* ou *direita*, no caso da figura trata-se de uma *esquerda*. Nesse mesmo momento os surfistas começam a remar para entrar na onda. Na imagem do *rabear* (lado esquerdo da figura) ambos remam em direção a praia para conseguirem *entrar* na onda. Na imagem do

*contornar* (lado direito) o surfista 2 rema em direção ao outro surfista para se posicionar preferencialmente de modo a *entrar* primeiramente na onda; No 3º momento é ilustrado o surfista que *entra* primeiro na onda – no *rabear* entra primeiro o surfista 1, enquanto no contornar o surfista 2 que “deu a volta” no outro; O 4º mostra a entrada posterior do outro – no lado esquerdo mostra a ação efetiva do *rabear* (o surfista 2 *rabeia* o surfista 1 que já está na onda), do lado direito o surfista 1 não entra na onda, caso o faça o mesmo estaria *rabeando* o surfista 2. Basicamente o *rabear* é simbolizado pela prática demonstrada no 4º momento dessa figura, já o *contornar* ocorre no 2º momento

Trago agora exemplos de como essas práticas são vistas pelos surfistas da Vila dos Peixes. Primeiramente apresento como esses sentimentos são expressos na conversação de dois surfistas dentro da água e depois na entrevista que a realizei, em ambos são apresentados o que simboliza a ação de *contornar* o outro:

Hoje decidi escrever o diário, pois presenciei a insatisfação de um surfista em relação ao outro. Entrei no mar e estavam surfando: Michel, Jorge, Doidão, Moreno, dois surfistas de *stand up paddle*, e mais uns cinco surfistas que eu não conhecia. Perguntei desde que horas Jorge estava na água. Ele respondeu “desde as sete” e na mesma hora emendou “não gosto desse cara [se referindo a um dos surfistas de SUP] ele pega todas as ondas, não deixa nada para ninguém, acredita que teve uma onda que eu estava no *pico*, e ele me *contornou* e entrou na onda?” (Diário de campo, 24 de fevereiro de 2011)

O *contornar* nessa narrativa foi à prática de outro surfista que foi interpretado negativamente, como desrespeito, gerando o sentimento de irritação exteriorizado pela linguagem verbal de Jorge. Quando os praticantes partilham sentimentos semelhantes a tais atitudes, os mesmos se associam em unidades, delimitando práticas que repudiam tais ações. Outro exemplo da insatisfação de um surfista da Vila dos Peixes está na fala de Michel:

Questionei a Michel se o surfista que surfa melhor deveria ter preferência nas ondas frente aos *nativos* o mesmo me responde:

**Michel:** Mas esse gurizão, pra ti ver, eu tava na água ali, ele chegou cara, deu a volta em mim, assim (me mostrando como ele fez) pra que aquilo ali? Tá ligado? Chego chegando no *pico*, o cara é lá do X. Vou chegar lá no X eu, dando a volta no cara, *localzão* lá da praia, tá ligado? O cara chego e deu a volta em mim, tá ligado??? (a voz ia ficando mais forte) Ele *entrou* na onda e já foi, igual um doido, o cara, ai eu já dei um esporro nele, ‘o querido, me diz uma coisa, quem tu és? com aquele Y no bico, ‘quem tu

és?’ Com esse Y no bico para chegasse atravessando aqui??Se tu não quer sair voando daqui agora vou te botar para correr’, eu falei para ele. Falei mesmo, porque o bicho me irritou, começou a dar volta em mim assim

**Pesquisador:** desrespeitando?

**Michel:** Orrax o que que é isso? Ele viu eu surfando, agora vou *pegar a valeta*, se f\*de ele, chegou assim dando a volta assim? O que??? Eu já dei um esporro !!

**Pesquisador:** e depois que você fez isso o que ele fez?

**Michel:** Orra, ele ficou na dele, sentiu a *vibe*, né? Viu que eu não gostei, né cara?Ai depois começou a tempestade e ele veio trocar uma idéia comigo, trocou uma idéia e pá, mas eu até pedi desculpa. ‘Tu chegasse dando a volta em mim ali, eu já olhei o Y no bico, e pensei se for *haole* mesmo eu vou botar para correr me desculpa’ [risos] Pô, na real, o cara chegou com o Y no bico ali, se fosse *haole*, pior, merecia ter botado para correr. O cara é um *quebrador fudido*.

∞ ∞ ∞

Durante essa entrevista Michel expôs sua percepção sobre a prática do surfista de outro município. O “dar a volta” que ele refere-se é o *contornar* e o “Y no bico” significa que o surfista tinha no bico da prancha o adesivo de uma marca de *surfwear*. A sua discussão não tomou proporções maiores, pois esse surfista conversou pedindo desculpas a Michel. Michel coloca que se tal surfista fosse um *haole*<sup>24</sup>, ele o expulsaria do mar, todavia o Y no bico significava que o surfista era profissional e era patrocinado pela marca Y e Michel demonstra uma flexibilização dessa regra implícita, quando ocorrida a conversação, admitindo que pelo surfista ser um “quebrador fudido” (surfista muito bom) aliviou-se o conflito que ocorreria caso o surfista com o Y no bico da prancha fosse *haole*.

Como apresentando anteriormente o *rabear* corresponde ao maior desrespeito na prática do surfe. Na entrevista na casa de Frederico, o mesmo relata que, diferentemente do que aconteceu com Michel (de um profissional *contorná-lo* não o deixando surfar), dois profissionais T. e B. foram percussores de conflitos com *locais* e *nativos* na Vila dos Peixes. Nesse ponto da entrevista questionei se os surfistas com desempenhos e habilidades melhores que de outros têm preferência frente àqueles que são piores:

**Pesquisador:** e o que para você vem a ser um surfe bonito?[...] E outra pergunta: você acaba por respeitar a pessoa que você acha que tem um surfe bonito?

**Frederico:** Acaba respeitando cara

**Pesquisador:** Mesmo sendo de fora?

---

<sup>24</sup> Aqui o *haole* significa um surfista que não surfa bem, ou que esteja iniciando seu processo de aprendizagem no esporte

**Frederico:** Mesmo sendo de fora, se o cara *quebra* muito o cara acaba respeitando, só que o cara também não vai *rabeare*, né? Se o cara me rabeare, o T. já foi corrido aqui da frente [risos] os caras já botaram o T. para fora [risos]

**Pesquisador:** Por quê?

**Frederico:** Ele começou querer apavorar ! O B me *rabeou* eu xinguei ele [risos] Fiquei indignado, poo, 'qual que é cara?', ai ele nem vinha mais para cá (Vila dos Peixes)!

**Pesquisador:** é falaram dessa história do B.

**Frederico:** Porra fiquei indignado, orra.

**Pesquisador:** Ele te *rabeou* foi?

**Frederico:** Me *rabeou* na cara de pau [risos] Fiquei puto!

∞ ∞ ∞

Frederico argumenta que o surfista bom (“o cara que quebra muito”) recebe um respeito maior por parte dos outros surfistas, não obstante suas habilidades não devem sobressair à regra global de *rabeare* e ao respeito ao *local*. Caso o faça poderá receber ações hostis contra sua pessoa, “os caras já botaram o T. para fora”, isto é, os surfistas *locais* expulsaram o surfista profissional (ex-integrante do circuito mundial) para fora do mar. Nessa fala tal ato é dito como motivo de orgulho por parte do grupo quem o fez – os *locais* da Vila dos Peixes.

A forma como o surfista utiliza de suas técnicas corporais para pegar a onda também pode ser considerado um símbolo (GEERTZ, 1989, p.67-68) de desrespeito e/ou quebra de regra. Esse símbolo na prática diz respeito à forma como o indivíduo usa seu corpo para entrar na onda, em outras palavras, a maneira como o surfista rema para entrar na onda e a maneira como ele faz para pegar a onda. Como visto anteriormente, os surfistas da Vila dos Peixes repudiam aquelas pessoas que representam o não cumprimento das regras pré-estabelecidas e universais do esporte. No entanto, há outro símbolo de desrespeito que compromete os padrões de normalidade e os códigos estabelecidos na Vila dos Peixes:

**Pesquisador:** Que tipo de atitude mais te irrita dentro do mar?

**Patrick:** A cara, falta de respeito. Remar nas ondas do outros, querer pegar todas, tem que ter uma consciência, eu pego um monte de onda e não perturbo ninguém cara, fico parado e pego. Agora os outros, o cara fica remando igual um louco e acaba que não pega nada e atrapalha todo mundo. Tem gente que é nosso amigo que é assim, tem gente que conhece gente que não é assim, tem gente que é tranquilo.

**Pesquisador:** Mas o que mais te irrita está no desrespeito, está no *rabeare* do cara...

**Patrick:** Olha o respeito tem que ser de todo mundo, de quem é daqui, de quem não é, de quem vem de fora, de quem não vem, se todo mundo respeitar não acontece coisa errada.

**Pesquisador:** Qual que você acha que é o máximo de desrespeito que um surfista pode ter em relação ao outro?

**Patrick:** A *rabear* né? [risos] Remo na onda do cara, olha para cara do cara, e foiiii, tá louco, né? [risos] né? [risos] Orra, eu não consigo fazer isso, eu não consigo, mas é uma questão de posicionamento, se o cara souber se posicionar o cara vai pegar a onda dele, se ele não souber ele vai estar fazendo isso.

∞ ∞ ∞

**Pesquisador:** E que tipo de atitude dentro do mar que você fica mais indignado, mais irritado? O que te deixa insatisfeito com o comportamento do surfista assim?

**Tadeu:** É o surfista folgado, o surfista folgado.

**Pesquisador:** Como é que é esse surfista folgado?

**Tadeu:** Surfista folgado é aquele que não é dali, ele entra ali, tem o pessoal que surfa ali ele vai lá no meio, ele vai disputar onda, que ele não é dali, que ninguém conhece ele, disputa todas ondas as ondas com os *locais*, pega *рабо*, sabe? Reclama se alguém pego o *рабо* dele, esse é o cara problemático, por causa desse cara que dá briga.

**Pesquisador:** E que sabe surfar?

**Tadeu:** Tanto faz, pode saber, como não pode saber, a atitude dele dentro da água é que vai. O que ele pegar de volta para ele é a atitude dele, ele pode ser muito bom e chegou lá quieto sozinho, fico ali do lado, a turma vai perceber ele, ele tá na boa, conversou, deu bom dia, se colocou na posição defensiva, sabe? Do que aquela cara que chegou, uuuhaahaha uaaaaaaaaa (imitando os gritos) uuuuu (assobios) com dois e três, 'que isso????? Quem são essas pessoas ai??' 'pa vamo para cima, vai se fuder tu aqui'. Pô, não dá! Esse é o folgado, esse que a gente chama de surfista folgado, agora, se eu chegar sozinho, eu tenho um amigo, fica ali do lado, não fala muito alto, cumprimenta as pessoas, se tu remou e alguém pegou o seu *рабо*, e você 'não, tudo bem, tudo certo', ou se você alguém pegou seu *рабо* 'eeeeeee' (gritos), 'calma, tu nem é dali', o cara, 'deixa, tudo bem, tá legal', o cara pá, volta pega a tua. (comparando a diferença de dois surfistas de fora). Também tu podes surfar no mundo inteiro, é como dirigir, tu tens que dirigir defensivamente e não brigar com o cara, o cara parou e buzinou, pô, vai com calma.

∞ ∞ ∞

**Pesquisador:** As pessoas falam que no surf que a única regra mais clara é de quem subir primeiro na prancha, só que a pergunta que eu tenho é, você acha que, tipo, um surfista *nativo*, *local*, tem a preferência frente ao pessoal de fora? Preferência, frente aquelas pessoas estão toda hora pegando onda ou o cara mais habilidoso tem que ter?

**Frederico:** O que eu te digo, o cara que está bem posicionado, entrando toda hora, lá atrás, vindo, tá pegando todas as ondas, vindo lá de trás, o cara acaba que entra, o cara pegou mais de três ondas, o cara acaba *rabeando*, foda, masssss.

**Pesquisador:** É que o cara acaba pegando todas não respeitando o pessoal, é isso?

**Frederico:** É, normalmente eu fico lá atrás tentando junto com ele, se eu ver que ele tá pegando lá atrás, eu vou lá atrás também, o cara tenta se posicionar junto.

[tempo]

**Frederico:** Mas por isso que eu te falei de respeito, às vezes o cara está pegando todas lá atrás, o cara pegou mais de três ondas, o cara vai saber, po vamos respeitar para não ser tão folgado, tá ligado? Daí se o cara acaba vindo em todas, é porque o cara é

folgado mesmo, tá ligado? Tá bem posicionado, mas mesmo assim, o negócio não é só essa lei de quem subir primeiro, tem essa. Precisa de respeito é claro.

∞∞∞∞

Esse outro símbolo está ligado ao individualismo do praticante - o qual age como se os outros surfistas não estivessem presentes ou não existissem. Essa prática acontece tanto no *rabear* quanto no *contornar*, mas nessas falas significa a forma como o surfista usa de seu corpo – isto é, a maneira como ele rema no mar – para usufruir da onda. O surfista que não compartilha a onda, aquele que quer surfar todas as ondas, fazendo com que o outro não consiga surfar – como citado nas falas de Jorge, Michel, Patrick, Tadeu e Frederico e na minha no diário acima – representa aqueles surfistas que desrespeitam os outros. Percebe-se que novamente o caráter coletivo surge contrapondo-se a individualidade do “surfista folgado”, que está interessado somente na sua prática. Frederico expressa-se muito bem a descrever que não há só uma regra no esporte (a de quem fica em pé primeiro na prancha), o surf é caracterizado pelo respeito mútuo dos e pelos sujeitos.

Nesse dia estava surfando no costão da praia Pequena com meu irmão. Praia Pequena é a única praia em São Pedro da Costa que é protegida totalmente do vento norte, quando a ondulação está de sul e o vento norte está presente os surfistas partem para lá, o que ocasiona o *crowd* na praia. Outro fator positivo é que a praia é pequena e que sua bancada geralmente propicia boa formação nas ondas. Após algumas horas de surfe, um *nativo* começou a discutir com uma pessoa que o *rabeou*. Observei que quem o *rabeava* era também *nativo*, no entanto, *nativo*, mas não *local* da praia Pequena. O que foi *rabeado*, cara que *surfa bem*, começou a falar que o outro estava pegando muita onda, surfando mais ondas que os demais. Acho que quando ele viu que era também um *nativo* ele começou a falar em voz alta para todos os presentes “aqui não é o estado de vocês, tem que respeitar[...] aqui no costão é só *nativo*[...] não conheço você, nem você (apontando para todas as pessoas que estavam perto dele) era nítido a insatisfação com a quantidade de pessoas no mar, praticamente todos os praticantes estavam se esbarrando para pegar uma onda, as condições não estavam boas, talvez se tivesse menos gente ai estaria melhor para os *nativos*.”

Após a discussão e o cara ter falado alto para todos os presentes, a maioria começou a remar para o meio, lugar que o *nativo* falou para os *haoles* surfarem. Nessa hora meu irmão começou a remar para lá e acabou pegando uma onda e foi embora, eu continuei no costão fingindo que o papo não era comigo. Porém, toda essa tensão acabou por influenciar em como estava surfando, essa discussão ocorreu logo após ter pegado minha melhor onda do dia. Percebi que só ficou no costão o *nativo* e um pessoal que *surfava muito bem* (talvez outros *nativos*), decidi remar para o lado que não tinha mais ninguém, somente duas pessoas pois começava a escurecer. Se eu não tivesse pegado boas ondas nesse dia eu provavelmente voltaria para casa insatisfeito

com o surfe, portanto aquele *nativo* “acabou” com o surfe daqueles presentes, alterando bastante o clima de *crowd* para um clima de tensão. (Diário de Campo, 3 de janeiro de 2011)

Esse diário demonstra a minha participação na sociabilidade, expondo os significados que são negociados na prática. Há também o confronto de dois códigos do surfe que ocasionaram o conflito entre dois surfistas nativos: o que *rabeio* x o que estava pegando todas as ondas. O surfista *nativo* e *local* mostrou sua irritação e discutiu com todos os presentes de forma a ordenar o posicionamento dos surfistas no mar decretando a regra específica daquela praia “aqui no costão só *nativo*”. Nessa explanação o conflito, como forma de sociabilidade, organiza, diferencia e associa os surfistas *nativos* arquitetando-os no costão da praia.

Friso que a fala “aqui no costão só *nativo*” não quer dizer uma regra universal nas praias do país, ou até mesmo nessa praia em que foi dito, talvez essa regra estabeleceu-se somente naquele momento em que o número de praticantes extrapolava o limite máximo (*crowd*) de surfistas naquele espaço físico – isso para o surfista que “regrou”. Ou seja, através da conversação, nesse caso através da agressividade da fala, determinou-se uma regra de etiqueta. Frugóli Junior (2007,p.10), debatendo com Simmel, afirma que a relação entre as pessoas são zeladas pelas “regras de amabilidade e etiqueta voltadas à circunscrição de qualquer exacerbação das individualidades”, ocorrendo também no mar, no entanto com contradições entre as regras de amabilidade e etiqueta entre os diversos surfistas.

Portanto, percebemos aqui um conflito das regras implícitas no esporte, especificamente na Vila dos Peixes. Mas como os surfistas interpretam essas regras? Porque se diferenciam de surfista para surfista? De que forma há um julgamento referente ao ato do outro surfista? O que é expresso na prática? Como essas práticas – *rabeiar*, *contornar* ou definir um *surfe bonito* – “modelam” o surfista?

## 2.3 HAOLE, O SURFISTA “DE FORA”<sup>25</sup>.

### 2.3.1 Interpretando e modelando as ações: *ethos*, visão de mundo e respeito para os surfistas da Vila dos Peixes.

---

<sup>25</sup> Ver Márcia Fantin (2000) sobre as disputas simbólicas entre “nativos” e “estrangeiros” em Florianópolis, SC.

Notamos nas entrevistas e nos diários acima que os significados são repensados – *nativo, local*, surfe – e as “regras” – *rabear, contornar*, ser “fominha” - são reelaboradas. Geertz (1989) utiliza dos conceitos de *ethos* e visão de mundo nos estudos dos valores e símbolos dos sistemas religiosos para esclarecer o comportamento dos indivíduos:

Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo ‘ethos’, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo ‘visão de mundo’ (GEERTZ, 1989, p.143)

No surfe essas regras não estão escritas em lugar nenhum, porém percebe-se que tais regras estão inscritas nos corpos, nos gestos e nas falas dos praticantes nas relações de sociabilidade. Os valores que os adeptos *locais* e *nativos* atribuem, a forma como eles enxergam a “quebra de regras” e a percepção que os mesmos têm do “respeito ao *local*” são exemplos do conceito de *ethos* de Geertz, pois são os aspectos valorativos e morais dos surfistas de determinada localidade. No *ethos* “há uma ênfase moral quanto aos trajés, falas e gestos distintos, particulares na sensibilidade refinada a pequenas mudanças no estado emocional [...] e numa predicabilidade de comportamento estável e altamente regularizada” (GEERTZ, 1989, p.99-100). Isto é, quando há uma ruptura na moralidade presente, o *ethos* individual classifica os outros como insensíveis, imorais, errados etc, afetando o próprio comportamento e suas emoções.

É o que acontece no universo simbólico do surfe na Vila dos Peixes, aqueles surfistas que representam o não cumprimento nas normas moral-estéticas serão considerados *haoles*. Seu estilo de vida e a forma como se comportam na água, rompendo com os valores do surfe na Vila dos Peixes, serão “condenados” pelo *ethos local-nativo* estabelecido. O *ethos local-nativo* julgará o caráter, as ações, o tom dos indivíduos que estão praticando o surfe na Vila dos Peixes. Os símbolos interiorizados (representados nas práticas como o uso dos corpos, prancha e mar ) darão referências ao *ethos* que classificará moralmente e esteticamente as ações dos indivíduos.

O *ethos* também age na identificação do surfar, enquanto prática, do outro surfista. Isto é, o *ethos* qualificará a *performance* do surfista delineado o praticante bom (*surfa bem*) do surfista ruim (*surfista prego*) ou se o praticante tem um surfe bonito (*estiloso*). No Capítulo 1

apontamos que o surfar *bem* está diretamente relacionado com as técnicas corpóreas que o surfista faz com sua prancha na onda, ou seja, a competência que a pessoa tem de usar, movimentar, sua prancha na onda. A quantidade e a capacidade de realizar *manobras*, assim como os diferentes tipos de onda que o praticante surfa (saber surfar tanto em ondas pequenas como grandes), são algumas características do surfista que surfa *bem* (o “quebrador”). O surfar bonito (surfista *estiloso*) refere-se à movimentação corpórea entre surfista, prancha e onda, condiz com os aspectos estéticos individuais classificados na cultura do surfe. Seu *estilo* está relacionado com o jeito como o surfista utiliza de seu corpo para surfar em harmonia com a movimentação da onda e com seu estilo de porta-se em cima da prancha.

Já visão de mundo é a estrutura da realidade adotada, nela poderíamos citar as regras universais no surfe, ou seja, aquelas que estão interiorizadas pelos praticantes e que são exteriorizadas nas diferentes praias, tanto no âmbito nacional como internacional. A visão de mundo é as “idéias mais abrangentes sobre a ordem [...] a ordem geral da existência” (GEERTZ, 1989, p.93). O respeito, que os surfistas da Vila dos Peixes mencionam, significa o compartilhamento de ações que harmonizariam a prática e a convivência no mar no momento de prática, isto é, o respeito é o ordenamento social para existir uma boa prática a todos. Todavia, vemos que tanto a visão de mundo como o *ethos*, nem sempre são universais, sendo, geralmente, conflitantes. Tais conflitos na prática surgem como discussões, brigas e agressões a bens materiais (prancha, carro etc).

A questão do respeito também está ligada aos modelos “de” e “para” a “realidade” que Geertz analiticamente utiliza para os estudos dos padrões culturais. Para Geertz (1989) os padrões culturais são sistemas de símbolos e é nesses sistemas que as relações são “modeladas”. Tratando-se de padrões culturais, o termo “modelo” tem dois sentidos: o modelo “de” e o modelo “para”. Ambos fazem parte do mesmo conceito e são separados didaticamente para sua explicação:

No primeiro caso [modelo de] o que se enfatiza é a manipulação das estruturas simbólicas de forma a colocá-las, mais ou menos próximas, num paralelo com o sistema não-simbólico preestabelecido [...] No segundo caso [modelo para], o que se enfatiza é a manipulação dos sistemas não simbólicos, em termos das relações

expressas no simbólico [...]. (GEERTZ, 1989, p.69)

O modelo “de” pode ser expresso no surfê na fala do *nativo* - “no costão só *nativo*” - ou na fala de Tadeu, que apresenta o “surfista folgado” como aquele que chega ao grupo sem interagir e agindo de forma não aceita pela unidade social estabelecida: nos dois o surfista de fora não será bem-vindo. As estruturas simbólicas (“não-*nativo* não pode surfar no costão” ou “não posso surfar perto daquele grupo”, ou ainda “não *rabear* ou *contornar*”) modelam as relações entre surfista de fora x espaço físico ou surfista de fora x grupo *local*. A partir de sua prática o surfista “teoriza” o que pode ou não fazer para conseguir surfar sem ter problemas. A “teoria” do respeito, nesse exemplo é simbolizada pelas equações: ter respeito ao *local* = não surfar no costão, ou ter respeito ao *local* = não agir dessa forma para com esse grupo, ter respeito = não *rabear* e não *contornar*.

O modelo “para” simboliza a maneira como as estruturas simbólicas são modificadas ou adaptadas pela prática nas relações físicas. Como exposto anteriormente, não é em todo costão que só poderá surfar surfista *nativo*, outro exemplo é a “teoria” do *rabear*: Frederico, Michel, Patrick e Tadeu mostraram como o *rabear* é tido como estopim de conflitos e como falta de respeito frente ao outro surfista, não obstante, há uma inversão de significado quando essa ação é realizada para com o surfista que não deixa os outros surfarem. Nesse caso, esse surfista simboliza o não-respeito aos demais, portanto, o *rabear* perde seu simbolismo de não-respeito e é adaptado a essa situação, tornando-se uma ferramenta para combater o não-respeito simbolizado pela atitude individualista de pegar todas as ondas não deixando os outros surfarem (“ele merecer ser *rabeadado*, aquele surfista é muito folgado”).

### 2.3.2 O caráter simbólico do *haole*<sup>26</sup>.

Mas quem são os surfistas que não respeitam? Quem são esses que simbolizam uma ameaça ao *projeto* de surfar em paz, sem perturbações, dos surfistas da Vila da Peixes? Em sua pesquisa sobre o sistema religioso, Geertz aponta que em Java,

---

<sup>26</sup> Utilizarei a escrita *Haole*, pois nesse município as diferentes exposições da terminologia assim estão. Porém já vi sendo escrito com o *Rauli* ou *Haoli*.

[...] os indivíduos que ignoram as normas moral-estéticas que os símbolos formulam, que seguem um estilo de vida discordante, são vistos não tanto como maus, mas como estúpidos, insensíveis, ignorantes, ou em casas de infrações extremas, como loucos [...] (GEERTZ, 1989,p.95)

No universo simbólico do surfe, eu não utilizaria palavras tão fortes como estúpidos, insensíveis e ignorantes, mas nesse esporte os indivíduos que ignoram as normas moral-estéticas que os símbolos formulam e representam uma possível ameaça a ordem vigente são reconhecidos como *haoles* para os surfistas *locais* e *nativos*. Atualmente nesse universo, *haole* tem diversos significados e na maioria deles expressa a forma pejorativa de classificar e hierarquizar o outro, com significado móvel no espaço e no tempo. Tal forma de identificação dependerá sempre de quem o está fazendo. Em outras palavras, nomear alguém de *haole* implica, além de classificá-lo, colocar-se em um papel social dentro de uma hierarquia estabelecida simbolicamente no surfe, contrapondo-se ao *haole*. Quem são os *haoles*? Qual(is) é (são) a(s) característica(s) que faz(em) uma pessoa ser considerada *haole*? Como o *haole* atua na prática? E o que pensam e como dão significados os *locais* e *nativos*?

Decidi perguntar para todos meus entrevistados e para aqueles que conversei informalmente como eles definiriam os *haoles*. Primeiramente trago a vocês as narrativas dos *nativos* Tadeu e Frederico:

Após explicar o que ele entendia como *nativo* e *local*, decidi perguntar o que que é ser *haole* para Tadeu:

**Tadeu:** O *haole* é uma palavra havaiana, né? Os havaianos, colônia americana. Um domínio americano e *haole* é uma palavra deles lá, do *locais* lá. Quem eles definiam como *haole*? Todas aquelas pessoas que não eram havaianas: os americanos eram *haoles*, eles eram os estrangeiros, é o povo dominante. Então o *haole* se espalhou. Às vezes, no mundo inteiro e às vezes, as pessoas usam essa palavra sem saber muito o que é um *haole*. Eu, as pessoas chamam o cara lá da outra rua de *haole*, o cara lá do Jardim das Dunas chama o cara da Vila dos Peixes de *haole*. Não é! O *haole* é o estrangeiro, um cara de fora, um cara de outro país, de outra nacionalidade. No fundo, todos nós brasileiros não somos *haoles* um do outro, somos todos brasileiros. E todas as pessoas que moram em São Pedro da Costa não seriam *haoles*, eu não seria *haole* ali, mas eles me chamam de *haole*. Então a palavra *haole* é colocada até erroneamente, né? Que é uma palavra que a gente pegou dos gringos, dos havaianos. Chamavam os dominadores de *haoles*, né? Os gringos, os americanos, *haoles*, sabe? Então quem vem de fora lá, os japoneses, eram *haoles*, eram de outros países, de outra raça, de

outra coisa. E hoje o *haole* é usado para qualquer coisa, até cara da rua de lá é *haole*, por que ele não surfa ali, ele surfa mais ali, coisa parecida, e ele é *haole*, e não é, ele só não é daquele local ali, mas *haole* ele não é.

**Pesquisador:** muita gente traz que o *haole* é uma palavra do Havai que significa alguém de fora, forasteiro, e muita gente, ai aqui no Brasil, começa a gerar outro significado, aquelas pessoas com atitudes de não preservar a praia, ou até mesmo tem gente que fala que *haole* é aquela pessoa que está aprendendo a surfar e por ai vai ...

**Tadeu:** Bom, o *haole* ele é generalizado aqui! Por que a pessoa que não é dali é *haole*? E não é! Porque ele não é estrangeiro, não é de outro país, não é de nada, ele só não é daquele *pico* ali, então tudo virou meio *haole*!

**Pesquisador:** Para você então seria pessoas que é de fora do país?

**Tadeu:** Eu acho que pessoas que são alienígenas, pessoas que são de fora, que não são daquela região ali, são de outros lugares, de outros estados, nem seria tanto de outros estados, mas vamos colocar se fosse de outro estado, de outro lugar. Mas *haole* ele generaliza, ele virou meio *haole*, até um *pico* um do lado do outro é *haole*, o de lá é *haole* para o de cá, então *haole* é um forasteiro é um cara que não é dali. *Haole*, a gente usa, como o cara que não é dali, não é *local* dali, então ele é *haole*, ele é de fora, que não é o termo certo que foi usado desde o começo, mas aqui a gente usa, que *haole* não é *local*, ele não é *local* daquele *pico*, ele é *haole*.

∞ ∞ ∞

Continuando a fala que de Frederico o qual afirma que têm surfistas que merecem o reconhecimento de *local* na Vila dos Peixes, salientando que esse espaço de reconhecimento é cedido para aquele surfista que “já está há um bom tempo e tem uma convivência boa dentro da água, que sabe respeitar”, Frederico continua...

**Frederico:** [...]não é aquele [o surfista de fora que merece o reconhecimento de *local*] folgado que chega achando que está em casa e começa a *rabeare*, começa a berrar, já começa a fazer brincadeira assim, o cara nem conheceu o cara, tá ligado? Mas ai o cara já tira ele para *haole* mesmo. Não é *haole*, não digo que o cara é *haole* porque o cara não sabe surfar, é *haole* porque é de fora, tá ligado? Porque não tem nenhuma moral, tá ligado?

**Pesquisador:** Já vou emendar aqui, então o que é o *haole* para você?

**Frederico:** *Haole* é essa pessoa que vem de fora, que não tem a mínima moral, tá ligado? Num [pequena pausa] para nós ele é um nada, chega ali já berrando, *rabeando*, achando que é melhor. Às vezes até surfa melhor que um cara que está ali começando a surfar, mas não respeita e principalmente o cara não está ali, não conhece a cultura, o cara chegou de fora, tá ligado?[voz aumentando] Não é o cara que não sabe surfar, que certo seria o cara que não sabe surfar, para nós *haole* é o cara que chega de fora.

**Pesquisador:** Uma coisa que você colocou agora, que é interessante, tem pessoas que definem o *haole* exatamente pelas atitudes e tem pessoas que colocam a pessoa que está aprendendo, mas para você, você colocou que uma pessoa através das atitudes, o que não respeita, isso para você é o *haole*...

**Frederico:** Eu já emendo o *haole* quando uma pessoa está desrespeitando, mas muita gente fala de querer, que pessoa que é de fora, muitas vezes, [pequena pausa] é, eu chamo mesmo as pessoas de fora de *haole*.

**Pesquisador:** então pra você, é só cara ser de fora?

**Frederico:** No meu conceito, é o cara de fora que não respeita, mas às vezes eu acabo chamando o cara que chega de fora, mas é por acabar todo mundo falando, e aí eu chamo também, mas pra mim *haole* é aquele que não respeita, tá ligado?

∞∞∞∞

Tadeu nos traz como o conceito nativo (tanto para a Antropologia como para o surfe) de *haole* transforma-se historicamente e culturalmente. Na sua fala é apresentando a origem havaiana da palavra *haole*: no processo de colonização americana no Havaí os *haoles* simbolizavam os migrantes, aqueles que eram de fora das ilhas e tinham como objetivo dominar seus habitantes<sup>27</sup>. Portanto, temos a primeira característica simbólica da terminologia *haole* na Vila dos Peixes, no Recanto do Atlântico, para os nativos *haoles* são os surfistas oriundos de outros lugares. Mas, que lugares?

Tadeu explana como relativamente o significado “de fora” (enquanto uma das características de ser *haole*) transformou-se, e continua mudando o conceito nativo de *haole*. Inicialmente, no Havaí, os *haoles* eram os estrangeiros, de fora do país (não-havaiano), todavia essa forma de identificar e classificar o outro rompeu as fronteiras havaianas e foi incorporada aos diferentes padrões culturais. No Brasil, esse termo também tem suas especificidades nas diferentes praias, e como aponta Tadeu e Frederico, *haole* são as pessoas de fora. Porém, “de fora” da onde? Abaixo trago uma ilustração de como classificar outro surfista de *haole* é alocar o outro em um desses nivelamentos:

Figura III: “Ser de fora”



<sup>27</sup> Na entrevista com Joel, o mesmo também traz essa origem da palavra: “no Havaí, a palavra *haole* quer dizer ‘quem é de fora’ e os *hui* são os nativos”.

O próprio Tadeu questiona-se: “hoje quem é o *haole*?” e responde que no bairro do Recanto do Atlântico, “as pessoas chamam o cara lá da outra rua de *haole*” e “até um *pico* um do lado do outro é *haole*”. No entanto, “ser de fora” tem uma graduação de significados podendo o *haole* estar inserido em cada uma dessas níveis. Percebemos que há fronteiras simbólicas as quais delimitam os indivíduos que estão dentro e aqueles que estão fora. Essas fronteiras são criadas pelo vínculo orgânico daqueles que estão “dentro”. Isto é, a origem do surfista será um dos fatores delimitador de quem é, ou não, de fora. Em outras palavras, o *haole* só existe porque o *local* existe e o *local* existe porque o *haole* existe.

Outras três características que nos ajudam a entender quem são os *haoles* são expostas nessas duas narrativas. Frederico aponta que o “certo” seria denominar *haole* os surfistas que não sabem surfar<sup>28</sup> ou como surge em outras narrativas, àqueles surfistas que não surfam *bem* ou estão apreendendo a surfar.

No meu processo de aprendizagem no esporte<sup>29</sup>, eu e meus amigos não gostávamos -ou não nos considerávamos - *haoles*. *Haole*, na visão de *haoles* (como não moradores e não-*locais*) eram aqueles que surfistas que não surfavam bem ou os aprendizes. Friso aqui que o *nativo* que está aprendendo a surfar **não** é considerado *haole*, apenas um aprendiz ou um iniciante. Isto é, nessa característica o *haole* é sinônimo de surfista *prego*, aquele que simboliza o praticante ruim. O fato é que *haole* e *prego* se cruzam. É mais fácil chamar *haole* quem está começando de quem surfa *bem*.

Questionei a Michel qual seria a diferença entre *haole* e *nativo*. Ele apontou “ser de fora” e complementou sobre as habilidades de prática dos surfistas: “[...]a pessoa que nasceu aqui tem a diferença, nasceu, cresceu aqui. Também não adianta o cara ser o *nativão* e coisa e o cara chegar na água e o cara não surfar porra nenhuma. Então não adianta, o cara querer dar uma de tal”. Ou seja, seu argumento baseia-se na afirmação que para ser *nativo* ou *local* não necessariamente tem como único requisito morar e nascer nesse espaço físico, Michel enfatiza, que sim é um diferencial, no entanto esse diferencial tem que se materializar na prática: executando *manobras*, *dropando* as maiores ondas da *série*, isto é, se destacando frente aos outros surfistas.

<sup>28</sup> **Frederico**: “Não é o cara que não sabe surfar, que certo seria o cara que não sabe surfar”

<sup>29</sup> Surfando somente nos finais de semana, férias e feriado, pois morava em cidade não-litorânea

Outra característica é a atitude que o surfista tem frente aos demais surfistas, a onda, a praia e a cidade. A atitude quando não realizada conforme a aceitação do grupo *local/nativo* simboliza o desrespeito abordado anteriormente, ou seja, o *haole* realiza as atitudes condenadas pelo grupo dominante. Frederico acima expôs que atitudes, que expressões corpóreas, remetem-se a atitudes de *haoles*: “[...] folgado que chega achando que está em casa e começa a *rabear*, começa a berrar, já começa a fazer brincadeirinha assim [...] *Haole* é essa pessoa que vem de fora, que não tem a mínima moral, tá ligado? Num [pequena pausa] para nós ele é um nada, chega ali já berrando, *rabeando*, achando que é melhor [...]”.

Nessa fala, percebemos como está em jogo a percepção e o julgamento das ações individuais dos surfistas de fora e como essas ações, baseadas na percepção e julgamento, definirão um surfista como *haole* ou não. Na própria fala de Frederico é mostrado como o *ethos nativo* qualifica os valores e as morais – “*Haole* [...] não tem a mínima moral”.

Joel, *nativo* outrora e agora *local*-de fora, nos mostra como atualmente o termo *haole* vem sendo utilizado não somente no mar, mas fora dele: “Ser um *haole* está associado a ser um cara além de ruim no surfe, mas principalmente em ser uma pessoa fraca de idéia, ruim de espírito, que só faz merda! É que existem vários tipos de *haoles*, tem até *haole* que não pega onda [risos] [...] tem muito cara que é PRO (profissional) aí e como pessoa é um *haole*”. Em outras palavras, é apresentada a característica de *haole* como surfista *ruim* e também aquele cujas atitudes não são aceitas pelos *locais* – idéias e ações contrárias, representando uma oposição ao ideal de comportamento presente. Esse fator demonstra o surfista que ignora as normas moral-estética que os símbolos formulam, com estilo de vida discordante, os símbolos aqui se referem aos gestos, às falas, às atitudes, à remada, ao olhar e ao posicionamento no mar (ou fora dele) que denominará o surfista como *haole*. Assim como o *blasé*<sup>30</sup> ou estrangeiro<sup>31</sup>, que atuam

---

<sup>30</sup> *Blasé* é aquele indivíduo que está presente fisicamente (Escola de Chigago) – corporalmente (Simmel) -, com uma distância espiritual/social dos indivíduos que ali estão, tais indivíduos não percebem, não notam, ou não dão a importância para aquele outro indivíduo – o *blasé*. (SIMMEL, 1983; FRÚGOLI JUNIOR, 2007)

<sup>31</sup> Diferentemente do *blasé*, o estrangeiro, ou estranho, interage com o grupo presente, tem a distância, mas tem também a proximidade. “Marcado pela mobilidade, entra em contato, por certo período de tempo, com um grupo, porém sem vínculos orgânicos de parentesco, localidade, ou ocupação” (FRÚGOLI, 2007, p.16). Esse contato não é representado somente pela conversação ou interação, mas também pelas repulsas recíprocas o que pode proporcionar o conflito entre estrangeiro e o grupo

na metrópole com os demais indivíduos, (SIMMEL, 1983; FRÚGOLI JUNIOR, 2007) o *haole* também é uma atitude, uma ação, um estado emocional e de espírito que o indivíduo tem em uma relação com os surfistas e com o mar.

No surfe existe aquele *haole* que sabe agir com os *locais* e aquele que acabam por ter relações conflituosas com os outros surfistas. Michel exemplifica a pessoa que sabe atuar conforme o esperado e outra que não sabe, para compreendermos melhor a interação e a repulsa recíproca que há na relação com o estrangeiro.

**Michel:** [...] tem um monte de neguinho que eu nunca me incomodei com esses caras, tens uns caras sangue bom para caramba, que sabe chegar, impressionante cara. Tens uns caras, vou até tocar no nome no cara, não sei se tu tá ligado, o K., o K.ão,[...], mas esse cara aí brother, mora há mais de 10 anos. Esse cara é o mais sangue bom dessa área, o cara nunca se incomodou com ninguém, pega as ondas dele ali de boa, então nunca *pagou sapo* para ninguém, tens uns que chegam e que pagam uma *marra fudida* para o cara e não cumprimenta o cara e já chega querendo ser mais. É aquilo que eu te disse cara, ninguém é mais que ninguém. A onda é para todo mundo.

∞∞∞

Michel me explicou que “pagar sapo” e a “marra fudida” são as atitudes que um surfista tem ao desrespeitar o outro, como por exemplo, querer surfar todas as ondas sem deixar que os outros surfem, assim como Frederico apontou. “Pagador de sapo” é o indivíduo que acredita que pode surfar mais que o outro, que pode chegar ao lugar e falar alto, fala mais que o devido para os *nativos*, ocasionando na repulsa recíproca, por parte do *nativo* com o *haole*, e do *haole* com o *nativo*.

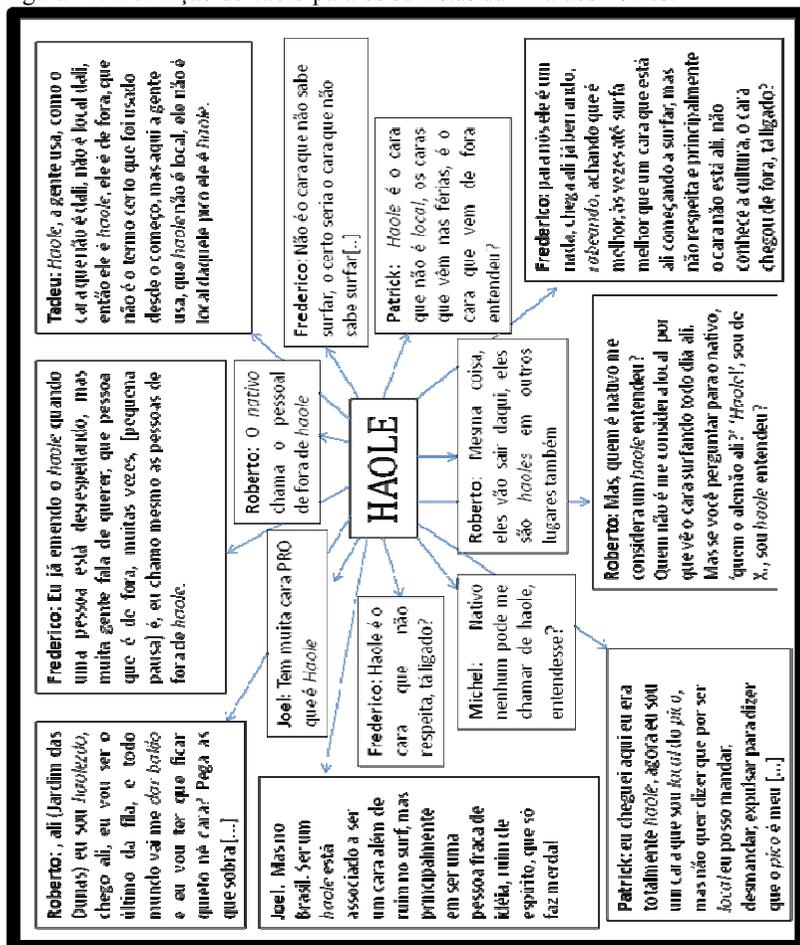
Portanto, notou-se que o indivíduo “de fora” também é identificado por comportamentos, atitudes, julgamentos e habilidades na prática. No entanto, sem significar apenas o sujeito “vindo de fora”, “nascido de fora”, mas também com atitudes “de fora”, comportamentos “de fora”, condutas “de fora” e ações “de fora”.

O pertencimento é algo essencial para denominar um surfista como *local* ou *haole*. Wacquant (2002) também expõe que o pertencimento ao *gym* é o que constituirá um boxeador. “O pertencimento ao *gym* é a marca tangível da aceitação em uma confraria viril que permite que a pessoa se destaque do anonimato da massa e, portanto, atraia a admiração e a aprovação da sociedade local” (WACQUANT, 2002, p.32-33). No surfe, não é somente a aprovação da sociedade local que o surfista *local* quer, é o além da aprovação, é o reconhecimento de ter o respeito frente ao surfista *haole*, mesmo que

esse surfe melhor que aquele. O respeito é exigência mínima que um *local* espera de um *haole* e para ter esse respeito, muitas vezes, é que as hostilidades surgem, e nela se inclui o *localismo* e a formação do território<sup>32</sup>.

Levantamos os significados de *haole* para os *nativos*, para os *locais* e para os próprios *haole* (no sentido dos *locais* e dos *nativos*) como nos mostra a figura IV abaixo apresentando os discursos sobre quem são os *haoles*:

Figura IV: Definição de *haole* para os surfistas da Vila dos Peixes.



<sup>32</sup> Ver capítulo 3.

Agora surge outra questão: qual ameaça simbólica que o *haole* representa para os *nativos*, *locais* e para a praia e o *pico*?

### 2.3.3. A relação *estabelecidos-outsiders* de Elias e a relação *local(nativo)-haole* no surfe na Vila dos Peixes

Para essa questão trago a obra “Os Estabelecidos e os Outsiders” (2000) de Norbert Elias e John Scotson. Em sua obra, Elias e Scotson elaboram uma teoria geral das relações de poder que acontecem na comunidade de uma pequena cidade da Inglaterra. O enfoque nessa teoria está na relação entre os *estabelecidos*, antigos residentes, e os *outsiders* novos moradores.

Assim como na relação, *local x haole*, há uma relação de dominação entre os *estabelecidos* e *outsiders*. Os *estabelecidos*, enquanto grupo dominante, representam, através da auto-percepção e auto-reconhecimento, um grupo coeso, com normas e regras comuns, com controle comunitário que utilizam da exclusão e estigmatização como ferramentas para preservar sua identidade e suposta “superioridade” contra os *outsiders*. Os *outsiders* são uma ameaça às normas, ao status, à identidade comunitária vigente e aos padrões situados na comunidade antes da presença desse outro grupo.

O grupo estabelecido tende a vivenciar essas diferenças como um fator de irritação, em parte porque seu cumprimento das normas está ligado ao seu amor-próprio, às crenças carismáticas de seu grupo e em parte porque a não observância dessas normas por terceiros pode enfraquecer sua própria defesa contra o desejo de romper as normas precisas. Assim, os *outsiders* interdependentes [...], para que estes mantenham seu status perante seus semelhantes são vistos pelo grupo estabelecidos como uma ameaça a sua posição, a sua virtude e graça especiais. (ELIAS, SCOTSON; 2000, p. 49-50)

A irritação do grupo estabelecido do surfe, *locais* e *nativos*, surge na prática quando os *haoles*, ou outros surfistas, representam uma ameaça para com seu *projeto*<sup>33</sup>. Para a realização desse *projeto* é que

---

<sup>33</sup> Aqui o *projeto* não tem somente a conotação de prática de surfe, mas sim em levar uma “vida de surfista” para os moradores e em ter o reconhecimento de ser *local* pertencendo à praia e à rede de sociabilidade.

emerge as normas, as regras e os padrões de comportamento que acontecem no universo simbólico do surfe. Todo rompimento que ocorre nos valores estabelecidos na Vila dos Peixes simboliza um rompimento no *projeto* coletivo dos surfistas dessa comunidade.

Mas qual é o objetivo desse *projeto*? “Surfar sem nenhum indivíduo atrapalhar”; “surfar com seus amigos”; “surfar sem ser incomodado”; “surfar em paz”; “conseguir surfar”. Quando isso não acontece à relação *haole-local* torna-se estremecida, prejudicada, instável e conflitiva, assim como na relação *estabelecidos-outsiders* com a vinda dos *outsiders* ameaçando os valores estabelecidos na comunidade. Esse é receio tanto dos *estabelecidos* quanto dos *locais*, diminuir o poder que os mesmos têm afetando os valores, as crenças e as normas vigentes, no surfe, perdendo a capacidade de conseguir surfar no *pico* a que o surfista pertence, não conseguindo surfar na cidade de origem.

Surfar é o interesse homogêneo que liga toda a complexidade de sujeitos praticantes que ali estão, é em busca dos prazeres do esporte que todos se encontram no mar. Há uma prática coletiva no sentido que todos querem a onda e é nessa busca do interesse comum que as relações de sociabilidade acontecem e os símbolos são criados e recriados nesse universo do surfe.

No próximo capítulo abordaremos como a prática do surfe se instala no mar e como a interação entre os projetos formam as territorialidades. Analisaremos como essas diferentes identidades se apropriam do mar e como as fronteiras simbólicas são feitas e refeitas.

### **CAPÍTULO 3- O PICO DOS SURFISTAS: TERRITORIALIDADE, CORPORALIDADE E LOCALISMO NA VILA DOS PEIXES.**

Hoje após ver o mar (09h:30min), decidi ir surfar. Aparentemente tinham *altas* ondas, liguei para Jeremias para irmos surfar, colocamos nossa roupa de borracha e fomos para a praia. Entramos pela trilha da direita e chegando a praia decidimos ir andando mais para esquerda. Após essa pequena caminhada, colocamos nossas pranchas na areia, aquecemos, pusemos a parte de cima da roupa de borracha e o *leash* em nossos pés e entramos no mar. De início a água estava gelada e enquanto remávamos o frio ia embora (a pior parte do frio sempre é o início, quando ao dar o *joelhinho* - quando o surfista mergulha por debaixo da onda ou *furar* onda para alguns - parece que não há roupa de borracha nos protegendo), passamos a arrebentação com tranquilidade, pois entramos no momento de *calmaria* do mar e não tivemos que dar muitos joelhinhos para passar as ondas. Sentamos nas respectivas pranchas e aguardamos as ondas.

Da areia já havíamos visto que a quantidade de surfistas na água era grande, do mar vimos muitos praticantes, porém estávamos localizados em um lugar onde não tinha muita gente. Ficamos próximos um ao outro e enquanto não vinha onda conversávamos a respeito de diversos assuntos [...] Voltando às pessoas que estavam no mar: acho que na frente das duas trilhas da Vila dos Peixes deveriam ter uns trinta surfistas, lugar esse onde sempre tem o maior número de surfistas. O mar estava liso, formação perfeita e a única coisa ruim era a demora das ondas. Como eu e o Jeremias éramos praticamente os últimos surfistas a esquerda do mar (nessa dimensão de areia da praia), fiquei observando todos os demais que estavam a direita, as ondas ali pareciam melhores e mais constantes.

Será que era pela grande quantidade de surfistas, que sempre tinha alguém remando para a onda? Ou tinha bastante surfista ali, pois ali é que as condições estavam melhores? Acredito que essa última afirmação é a mais plausível. Pois depois de alguns minutos decidimos remar para perto daquelas pessoas – ou para ficar no *pico*? - e nos posicionamos nesse espaço onde estavam os outros, ali conseguimos surfar mais ondas, conseqüentemente nos divertindo mais. Sentado na minha prancha aguardando vir mais ondas, observei que mais a direita estavam Jorge, Dodô, Baiano e Baixinho, no meio daquele mar de pessoas que eu não conhecia, vi Mauro sozinho, Roberto ainda mais a direita e também sozinho, e Robson mais a direita próximo de Roberto. Nesse primeiro momento do surfe, aquelas pessoas que geralmente surfam próximas diariamente, quando não tem muita gente, estavam espalhadas nessa dimensão do mar (que vai praticamente entre as duas trilhas, na dimensão simbolicamente construída como praia da Vila dos Peixes), acredito que preocupadas em praticar individualmente o surfe.

Jeremias e eu remamos ainda mais para a direita. Vale frisar, que durante essa remada passávamos vários surfistas, até nós sentarmos na prancha, continuando remando, cumprimentei Jorge, depois remei mais e conversei com o Roberto e com o

Robson, nesse momento também tinha outros surfistas ao redor, porém acaba que os mesmos se tornam “invisíveis” no campo de visão, a não ser é claro que os mesmos estejam remando junto com você para pegar uma onda, ou se a pessoa está remando de volta e vem um surfista bem na sua frente, ou ainda quando vê o outro surfando. Minha movimentação, assim como de Jeremias, desde o momento que entramos no mar, se resumia a remar para a direita para se posicionar no melhor pico, pegar onda, voltar para o *outside*, remar para a direita, sentar e pegar onda. Uma movimentação cíclica, assim como a delimitação dos diferentes picos.

À medida que a intensidade vento norte aumentou, prejudicando a formação das ondas, o número de surfistas começou a diminuir, tal diminuição também ocorreu pelo horário, próximo ao 12:00, horário culturalmente brasileiro de almoço. Eu e o restante, achamos que quando entrou o vento as ondas ficaram mais constantes, nesse momento, instaurou-se um território com Jeremias, Mauro, eu, Robson e Alexandre (Depois que peguei uma onda, vi que Mauro estava mais a esquerda do pessoal), com a entrada do vento e a diminuição do número de surfista um novo *pico* instaurou-se no mar.

Aqui abro parênteses - já havia surfado várias ondas e conversado com todos esses antes, mas trago aqui o que me chamou mais atenção: Mauro me relatou, ‘po, não dá para ficar perto daqueles dois [Robson e Alexandre], os caras pegam todas as ondas, assim fica difícil, vou ficar aqui e pegar as minhas’. Nessa fala de Mauro, vimos que a habilidade do surfista, o que está estritamente ligada ao seu condicionamento físico, acaba por inviabilizar o outro de surfar, ‘po, eles são muito fominhas, o Jorginho também é bem fominha, pegam todas as ondas’, porém essa “denúncia” de Mauro, vem junto com suas risadas, reconhecendo que tais praticantes surfam melhor [...] Como ia chegando próximo do meio-dia, vi que no mar estavam apenas eu, Flick e mais três pessoas, decidimos sair pela fome, falta de onda e cansaço.

Assim como ontem (11 de abril), decidimos entrar no mesmo lugar. Inicialmente passamos a arrebentação e as ondas demoraram bastante para entrar, enquanto não entravam as ondas fui observando quem estava ao redor. Na esquerda tinha umas cinco pessoas, e a direita tinham várias. As ondas não estavam *entrando* direto, notei que mais a direita formava-se um grupo com Patrick, Baiano, Robson e Jorge e como se sabe outras pessoas, mas esses em especial estavam juntos, remando mais a direita estava Roberto, Dente e uma menina que era amiga deles. Novamente, esses dois grupos são considerados, geralmente, uma unidade, mas hoje e ontem estavam separados, talvez a escolha estivesse nos *picos* diferentes, na escolha da onda. [...] (Diários de campo dos dias 11 e 12 de abril de 2011)

No segundo capítulo analisamos como o *ethos*, a visão de mundo, o *habitus* e os *projetos* individuais agem na classificação e hierarquização dos surfistas e das relações de sociabilidade entre eles na Vila dos Peixes. Nesse capítulo abordaremos principalmente a relação entre o surfista e o mar tentando responder a seguinte questão: como

ocorre a formação e a apropriação das territorialidades marítimas, assim como de suas fronteiras simbólicas, pelos praticantes do surfe?

Para essa questão trago o conceito nativo de *pico*. Primeiramente gostaria de enfatizar que esse estudo é realizado no que os surfistas chamam de *outside*, nesse caso, o lugar onde se posicionam os surfistas para praticar<sup>34</sup> o esporte. Bandeira e Rubio (2011) enfatizam em seu artigo a dificuldade e o significado que um surfista tem ao enfrentar o mar e chegar ao *outside* – lugar esse onde as ondas entram para os surfistas, onde há a sociabilidade na água e onde ficam sentados aguardando as ondas. A simbologia que “chegar ao *outside*” representa é muito bem analisada em tal artigo, cito o mesmo, pois as autoras trazem na vigésima oitava nota de rodapé três significados que o *pico* pode ter para os surfistas:

Porção do “lip” da onda que é primeiro propulsão. Nos casos ideais, a parede da onda se forma como um triângulo, o pico seria seu ápice. Note-se que pico também pode significar praia ou porção de praia onde quebram boas ondas. (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p.108)

O primeiro significado apresentado refere-se ao lugar onde o ápice encontra a parte “plana” do mar, nos termos dos surfistas onde a onda *quebra*. Isto é, onde a espuma surge com força para levar o surfista, ou como as autoras expõem o “ápice” da onda (nos termos nativos “eu *dropei* a onda no *pico*”). O segundo diz respeito ao *pico* como sinônimo de praia, como quando Jorge diz para o pesquisador o lugar que surfou, “ontem surfei lá no *pico*”, mencionando o Jardim das Dunas. Geralmente esse significado está diretamente relacionado com o terceiro, pois quando Jorge relata que surfou “no *pico*” imagina-se o espaço físico freqüentado pelo mesmo dentro de uma praia. Veremos nesse capítulo como esses três significados estão interligados, articulados e são criados em conjunto e em relação. Serão as relações entre os surfistas e as condições oceânicas que delimitarão a noção específica de *pico*.

---

<sup>34</sup> No primeiro capítulo expomos o *inside* e *outside*. No próprio *inside* há esse lugar que não quebram as ondas, como apresentamos na foto V dois *picos*, um no *outside* e um no *inside*.

### 3.1 A CRIAÇÃO DO *PICO*.

Para pensarmos no *pico* inicialmente é necessário compreender as características físicas do espaço. No Brasil, a maioria das praias é considerada como *beach break*, ou seja, as ondas são formadas e surfadas em bancadas de areias e a praia da Vila dos Peixes não é uma exceção a essa “regra”. Mas o que denota a praia da Vila dos Peixes ser um *beach break*?

Significa que a formação, a qual a onda terá, é resultado da bancada de areia (em toda a extensão da Praia da Vila dos Peixes) e influenciada pelas condições geofísicas<sup>35</sup> - tamanho da ondulação, tipo de vento, geomorfologia da praia, condições climáticas, fases da lua – que também afetam o fundo do mar (bancada de areia). Além disso, a extensão de um *beach break* pode proporcionar diversos lugares de prática, delineando múltiplos *picos* em uma única praia<sup>36</sup>. O fundo de areia proporciona a mobilidade do *pico* (com relação direta com as diferentes marés) e o próprio fundo também é modificado por esses fatores naturais (ondulação, maré e vento). Além disso, é o fundo quem dá a forma a onda (*gorda* e *cavada*, forte e fraca como vimos). Logo, o *pico* surge quando condições de surfe são criadas pelo mar (pelos fatores da natureza) para os surfistas.

Para quem está na areia, e não é surfista, dificilmente identificará os diferentes *picos* que surgem em uma única praia. Os mesmos não são estáticos e se transformam com o decorrer do tempo de prática, principalmente afetados pelas condições físicas (maré, vento, fundo, etc), fazendo com que não haja uma temporalidade bem definida e delimitadora do *pico*. Vimos no diário acima como foi a minha “busca” pelo *pico*: da areia não havia ficado tão claro a distribuição dos

---

<sup>35</sup> Utilizo aqui a própria linguagem dos surfistas da Vila dos Peixes para explicar como formam as ondas. Para uma linguagem mais científica do assunto ver o site [http://www.cem.ufpr.br/praias/pagina/pagina.php?menu=ondas\\_tipos](http://www.cem.ufpr.br/praias/pagina/pagina.php?menu=ondas_tipos) do Centro de Estudos do Mar da UFPR

<sup>36</sup> Tadeu expõe o seu posicionamento na praia apropriando-se de um dos *picos* “oferecido” pela praia do Jardim das Dunas quando argumento sobre isso: “Sim, é bem delimitado a coisa, é bem delimitado. No fundo é o local, eu vou lá, eu já tenho minha cadeira lá, por muito tempo de serviço, tu vê muito cara mais velho, que nem eu, que já é mais coroa, João, a galera tá ali, mais *nativo*, bem na direita lá no fundo, lá, por que tem três, quatro, *picos* ali né? Tem um mais embaixo, tem um na frente do bar, tem mais para baixo [...] mais fora que a gente fica, lá no fundão lá, que quebra as morras lá. Então, nos *picos* mais de baixo, tem a galera mais de fora, lá tem um espaço, tu senta, tu vê que é turma da área ali, eu quando surfo mais embaixo não conheço muita gente, por que a turma da cidade, não vai muito lá, fica mais no *reefzinho* de baixo”.

diversos picos daquele dia, conseguimos ver surfistas ao longo de toda a praia e nossa escolha estava no lugar onde aparentava existir mais pessoas surfando. No entanto, nesse percurso, do início da trilha até chegarmos ao *outside* (remando para a direita) o espaço físico modificou-se, moveu-se, denotando o caráter flexível e efêmero do *pico*, o que Arantes (2000) conceitua como territorialidades flexíveis<sup>37</sup>.

Mas tal flexibilidade e mobilidade ocorrem somente pelos fatores oceânicos e climáticos? Como os surfistas se relacionam no *pico*? Quem está no *pico*? Como dito anteriormente, a Vila dos Peixes é um *beach break*<sup>38</sup>, que proporciona diferentes lugares aptos à prática do surfe em uma extensão de aproximadamente trezentos metros de areia. No entanto, cria-se, subjetivamente no surfista, a imagem do melhor *pico* para sua prática e objetivamente na prática o lugar do *pico*. Essa imagem é influenciada pela quantidade de surfistas que ali estão, pela observação da onda que o outro surfa e pela noção individual da relação entre habilidade do surfista e condições oceânicas daquele momento (é nesse quesito que a atitude ou coragem individual também atuam). Tanto o *ethos*, como o *habitus*, são responsáveis por essa escolha, definindo o “melhor *pico*”<sup>39</sup> para a prática. Vale ressaltar que a quantidade de surfistas que está no *pico* age tanto para o incentivo de escolha de remar até esse lugar, como para repelir o surfista.

O “melhor *pico*” de uma praia (no nosso caso, a Vila dos Peixes), na maioria das vezes, é apropriado simbolicamente e fisicamente pelos surfistas *locais* (sejam eles *nativos* ou não), por *nativos* e pelos surfistas considerados como bons, caso esses ajam conforme as condutas, as regras e os comportamentos aceitáveis pelos *locais*<sup>40</sup>. Essa não é uma regra geral: no diário de campo apresentando, nota-se que os *locais* da Vila dos Peixes - nesse dia específico o qual as ondas surgiam ao longo de toda extensão de praia - encontravam-se espalhados pelo mar: existiam sociações temporalizadas nos *picos* que ali surgiram; com o decorrer do tempo e com a diminuição no número

---

<sup>37</sup> “Minha hipótese é que a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, lugares e não-lugares, que resulta na formação de configurações espaço-temporais mais efêmeras e híbridas do que os territórios sociais de identidade tematizados pela antropologia clássica [...]” (ARANTES, 2000, p.106)

<sup>38</sup> Roberto sobre a Vila dos Peixes: “[...]é um *beach break*, não tem muita definição da onde a onda *quebra*, isso, geralmente, ela tá *quebrando* mais aqui, depois *quebra* uma mais aqui, depois mais ali[...]”

<sup>39</sup> Muitos surfistas, ao invés de utilizar a terminologia *pico*, definem como *vala*. Como por exemplo, “vou surfar naquela *vala*”, apontando para onda, como se a mesma fosse estática pela incidência das ondas que naquele espaço surgiram.

<sup>40</sup> Ver capítulo 2 sobre o **respeito** para os surfistas

de *picos*, a maioria dos surfistas *locais* aproximou-se delimitando um território, onde, aparentemente, repeliu os surfistas de fora (*haoles*) para as fronteiras invisíveis do mar, isto é, para os lugares onde as ondas entravam com menor frequência e pior formação. A fluidez com que se delimita um território, um *pico*, é constante durante o dia de prática, por isso, tal configuração exige uma disputa, uma competição (SIMMEL,1983), por parte dos praticantes os quais se inserem- ou tentam inserir-se - nessas espacialidades.

As sociações, enquanto formas de sociabilidade, também são delimitadores e definidoras, dos *picos* que são formados na Vila dos Peixes:

**Pesquisador:** Dentro da água você acha que formam territórios ali?

**Roberto:** Dependendo de como estiver o mar forma, né? Se tiver *beach break*, e define um ou dois lugares, onde têm mais ondas, tipo uma galerinha tenta dominar um lugar.

**Pesquisador:** E quando tem onda em vários lugares?Tipo aquele dia que a gente estava surfando, semana passada, tinha bastante gente

**Roberto:** Tinha várias *valas*, né? [...] Acaba que quem tá sempre surfando junto sempre procura ficar na mesma *vala*, entendeu? A cara tá ali surfando, comentando, conversando.

**Pesquisador:** E você acha que o pessoal que não é dessa galera, acaba sabendo , acaba se afastando?

**Roberto:** É! Às vezes o cara tá ali vendo que têm quatro, cinco, conhecidos, já procura nem ficar por ali, porque vai ficar mais difícil de surfar, entendeu? Às vezes, até eu chego ali na praia e tem vários amigos surfando em um lugar, eu vejo outra onda, meio que pior e eu caio ali sozinho, às vezes eu faço isso. Às vezes eu surfo no meio da galera, às vezes,pode perceber, eu to numa *vala* que é pior, mas eu to meio que sozinho.

∞∞∞∞

**Pesquisador:** Como é que você acha que se dá isso (o agrupamento dos indivíduos)? Pela proximidade?

**Frederico:** Pela afinidade das pessoas em si. Pelo menos aqui na frente sempre tem, um grupo aqui, um grupinho lá, um grupo de outro estado embaixo, um pouco mais aqui, o cara acaba conversando, umas pessoas de outro estado ali e tal. O cara sempre vê isso, até mesmo pelo sotaque, tá todo mundo junto, conversando, ou mesmo só junto, aglomerado só por estar perto do conhecido, o cara acaba se agrupando.

∞∞∞∞

Essas explicações demonstram o caráter das sociações que acontecem, nos diferentes *picos*. Como vimos, essas sociações ocorrem por diversos motivos, entre eles estão: o pertencimento dos surfistas ao *pico*, as afinidades entre os sujeitos e a distância ao acesso a praia (na Vila dos Peixes normalmente as espacialidades com mais surfistas –

*crowdeada* – encontram-se próximo as trilhas). No *pico*, assim como o *pedaço* de Magnani (“o pedaço é o local dos colegas, dos chegados [...] todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer” (Magnani, 2002, p.21), os surfistas *locais* também sabem que na praia e no *outside* do mar encontrarão seus “chegados”, diferentemente dos surfistas *haoles* que ali estão esporadicamente. As relações entre esses surfistas no *pico* são fundamentais para sua delimitação, os diferentes grupos sociais se apropriam do lugar onde as ondas *quebram* constituindo os *picos*. Gostaria de frisar, que assim como o “melhor *pico*” é almejado pela identidade *local*, há também os *picos* criados por grupos de surfistas visitantes – os *haoles*<sup>41</sup>.

### 3.2 AS DELIMITAÇÕES DO *PICO*: “NOSSA RAÇA TÁ LÁ NO *PICO*”<sup>42</sup>.

Nas fotos abaixo (Foto VIII e IX) mostro como dois *picos* são criados próximos um do outro, diferente daqueles demonstrados na Foto V:

---

<sup>41</sup> Utilizo a mesma citação de Tadeu no capítulo 1 sobre a Vila dos Peixes: “[...]é um *pico* novo, a gente considera como um *pico* novo, e de repente ali ficou dividido. Um *pico* é *nativo*, depois de fora [...]”

<sup>42</sup> Título sugerido pelo prof.Dr. Fernando Bitencourt

Foto VIII: Em cima da prancha do lado esquerdo



Foto IX: Em cima da prancha do lado direito



Foto VIII: Em cima da prancha do lado esquerdo



Foto IX: Em cima da prancha do lado direito



Essas fotos foram tiradas no mesmo momento em cima da prancha, enquanto entrava uma onda no *pico* a minha esquerda. Nessas duas fotos mostra-se a existência de dois *picos* bem próximos. A minha esquerda foto VIII, situa-se um *pico* mais próxima a praia daquele na foto IX (a minha direita). No *pico* da esquerda entram ondas mais freqüentes e menores comparadas ao *pico* da direita - com as maiores ondas da *série*. Geralmente, os *locais* e os surfistas que surfam *bem* (os *locais* e não-*locais*) se posicionam no “melhor *pico*”, em dias como o da foto, os mesmos se distribuem mais ao *outside*, isto é, mais ao fundo para conseguir *pegar* as maiores ondas. No entanto, no momento da foto o *pico* mais ao *outside* era freqüentado pelos surfistas que estavam com melhor preparação física (foto IX), aqueles que estavam aptos a disputarem mais ferozmente as ondas.

Para tirar essa foto me posicionei na fronteira simbólica dessas duas territorialidades, como se estivesse em um canal (lugar onde não *quebram* as ondas): à direita (foto IX) as ondas *quebram* próximo àqueles surfistas, podendo esporadicamente *quebrar* mais a direita, ou até mesmo onde eu estava; à esquerda (foto VIII) é captado a onda *quebrando* para a esquerda. Patrick nos informa que ser *local* implica na escolha mais adequada para o seu surfe, decidindo o melhor *pico* para a prática e estando ciente de como as condições oceânicas agirão para a formação do mesmo:

Questionei Patrick como ele se posiciona no mar.

**Patrick:** Eu não falo nada, eu vou lá e entro em ação [risos alto] vou surfar *brother*, vou fazer o que eu sei fazer, me posiciono porque eu estou ali todo dia eu sei aonde a onda vai *quebrar*, eu sei aonde está a correnteza, por onde entrar, por onde sair, esse que é o *local*, ele conhece, sabe o que tá fazendo, ele não entra ali e tá cego, sacou? Os caras

[os *haoles*] entram e estão cegos, não sabe onde tá indo, o que está fazendo, estão desesperados, dando tiro. A gente não, tu ta ali todo dia, você sabe que aquele *pico* de *esquerdinha* ali, tu entra pela correntezinha [corrente marítima], ficava ali, pegava a *esquerda*, ela [a onda] vem ali toda hora. O cara [o *haole*] entra, o cara não está vendo isso, ele está vendo ummmm, a gente tá vendo, entendeu? Aquela situação ali, o cara está vendo, não é amplo, o cara está perdido, entra pelo meio do banco, toma tudo na cabeça, tá perdido, é assim que são os caras que vêm, entendeu? É diferente.

∞ ∞ ∞

Por isso o *local*, na maioria das vezes, posiciona-se no “melhor *pico*” da extensão de praia, condizendo com o saber local. No entanto, como esse *local* ou todos os surfistas agem quando estão no *pico*? Segundo Tadeu a diferenciação espacial entre um *pico* de *local* e *haole* está no posicionamento individual e coletivo no espaço físico e nas expressões corpóreas para estabelecer-se no *pico*.

**Pesquisador:** Você consegue ver essa diferenciação [no *pico*] de quem é *haole* e quem é *local*?

**Tadeu:** Sim, dá para ver, pela atitude assim. Se você está num *pico* de *local*, tem três, quatro, conversando ali, sempre está falando coisas do *local*, gritando, ‘uuuu vaii’ ‘não vai’, é mais festa, mais farra. Um *pico* que não é de *local* é mais quieto, tem um ali, mais um ali conversando quieto, mas você olha que não tem muito *local*.

**Pesquisador:** E se as pessoas não abrissem a boca, você saberia?

**Tadeu:** Eu acho que pela atitude, pela remada, se não tem muito barulho, se ninguém fala muito, não tem aquele burburinho [...] Você cumprimenta e o pessoal fica te olhando, ‘i quem é esse cara?’ ninguém liga muito para o outro. E no *pico* de *local* não, você vê um monte de gente te olhando aqui, o outro te olhando lá, a turma meio assim, remando para cima de ti, você rema e o cara em cima mesmo. O *pico* que não tem muito *local*, a gente não vê muito isso. Dá para notar bem, aqueles ali são *locais*, aqueles ali são daqui, pela atitude, pelo comportamento dele dentro da água. E assim, não quer saber muito do cara, não liga, ‘oooo’ já sai berrando. Enquanto não acontece, não são *locais* esses caras não são daqui, ou se são, não ta enraizado aqui. Enquanto tem *local*, tem muita gente [...]vou ali e já conheço todo mundo e a gente faz pressão, uma pressão psicológica a gente faz. Já que nós estamos ali, tem uns dez e quinze daqui, vamos conversar bastante um com o outro e quem está de fora está escutando o burburinho, como eu te falei. Se eu to aqui e não vi muita gente conversando um com o outro, eu parto para o psicológico, ai eu digo, ‘vamo ali falar bem alto’, o cara que ta ali do ladinho já fala ‘opa’, tu não é da área, uma posição mais psicológica.

∞ ∞ ∞

Tadeu apresenta como em um *pico*, onde há predominância de *local*, existe mais “barulho” pelas relações de sociabilidade entre os praticantes, no capítulo 2 mostramos como a conversação, pelo incentivo do grito pelo grupo no *pico*, age para estimular a apropriação

de uma onda pelo indivíduo. Essa conversação alta e o incentivo de um membro *local* ou grupo *local* para pegar a onda atuam também como delimitadores do *pico*. Tadeu expõe uma característica mais homogênea daquela apresentada nas fotos, essa dicotomia entre *picos*, homogêneos e heterogêneos, no que tange a classificação entre *local* e *haole*, caracteriza ainda mais a fluidez do(s) *pico(s)* e das relações sociais que acontecem nele(s).

Além da conversação, o olhar, o grito, o gesto e a remada são expressões corpóreas delimitadoras do *pico*, enquanto território, sendo consideradas relações de poder entre os surfistas, principalmente entre *locais* (*nativos* ou não) e *haoles*. Para Marcelo José Lopes de Souza (1995, p. 78) o território é “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”, são os indivíduos com a relação que estabelecem entre eles e com um espaço é que construirá esse território. No caso do surfe um território irá surgir quando um espaço concreto – uma praia - é ocupado por praticantes – surfistas, *bodyboarders*, banhistas, turistas e etc -, cuja ocupação reflete relações de poder, seja desses praticantes entre eles ou com pescadores ou turistas. A durabilidade de um território é dada pela identidade sócio espacial com esse grupo social – os *locais* da Vila dos Peixes -

[...] os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis- pois as fronteiras podem ser alteradas, comumente pela força bruta-, mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade sócio-espacial, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território, e por tabela, com o poder controlador desse território (SOUZA, 1995, p. 84)

A durabilidade do território do surfe, o *pico*, é algo extremamente relativa, tendo em vista a efemeridade das condições oceânicas, um *pico* pode estar situado no mesmo espaço físico por semanas, dias, como em poucas horas<sup>43</sup>. No entanto, a durabilidade, assim como o caráter cíclico (SOUZA, 1995), do território dos *locais* na Vila dos Peixes, ocorre principalmente pelas relações sociais desses

---

<sup>43</sup> A característica geográfica da praia da Vila dos Peixes, sem costões ou recifes, influencia diretamente na mobilidade do(s) *pico(s)*. Em praias com costões em São Pedro da Costa é nítida a imagem de o costão ser o *pico*, o território, dos *locais* (*nativos* ou não) daquela praia específica.

praticantes com a e na espacialidade (nesse caso as sociações dos *locais*):

Questionei Patrick sobre uma briga que o mesmo presenciou e ele comentou a relação dos indivíduos com o surfe:

**Patrick:** [...] por que com toda experiência que eu tenho eu vejo que é assim, o surfe é cíclico, poucos se mantêm, poucos ficam, muitos aparecem e ai tem que segui a vida deles, tem o trabalho deles, tem a família deles e eles somem e eu acho que fechou mais um ciclo da pessoa [...]

∞∞∞∞

Na entrevista de Tadeu chegou um momento em que decidi fazer uma questão sobre os “novos” *locais* das diversas praias do Recanto do Atlântico:

**Pesquisador:** Mas você acha vão construindo “novos” *locais* ou não?

**Tadeu:** Eu acho que vai cara, eu acho que vai, vai, mas aqui no Recanto do Atlântico já foi mais forte, sabe? Já teve mais gente brigando, já foi mais forte, por exemplo, tinha mais gente ali todo dia, mas um arrumou emprego, o outro casou, sabe? Teve que trabalhar fora, muita gente dispersou assim, que vê, tem uma fase que todo mundo tem dezessete e dezoito anos e está estudando, está todo mundo com adrenalina e daqui a pouco o cara casa, foi transferido, arrumou um emprego e tal, aqui no Recanto do Atlântico. Porra 60%, da turma do João, do Basílio, nunca mais vi os caras dentro da água, ficamos em minoria, só tem nós mais velhos e não agüentamos mais porra nenhuma, tentando resistir, diminuiu aqui cara. O Jardim das Dunas diminuiu bastante em termos desse *localismo*, dessa briga [...]

∞∞∞∞

Nessas narrativas evidencia-se que a durabilidade de um território do surfe tem relação direta com as relações sociais de seus frequentadores. Essas falas justificam não somente a fluidez das condições oceânicas delimitadoras do *pico*, mas a fluidez das relações de sociabilidade que acontecem no *pico*, a fluidez das identidades sócio-espaciais que acontecem no *pico*, na praia e no bairro. Relações essas fundamentais para a caracterização de uma praia.

No diário de campo iniciado nesse capítulo, as relações sociais marítimas são demonstradas pelo posicionamento dos surfistas no mar: no começo do diário os *locais* encontravam-se posicionados fragmentados na extensão marítima da Vila dos Peixes em diferentes *picos*, com o decorrer do tempo os mesmos se sociaram delimitando um território que repelia os demais surfistas. Esse “afastar o outro”, delineando e delimitando o *pico*, acontece por diversos motivos: citamos anteriormente como as sociações delimitavam e aqui nesse exemplo, o afastamento do outro surfista surge pelas habilidades e o condicionamento físico dos surfistas integrantes do *pico*.

### 3.3 O LOCALISMO NA VILA DOS PEIXES.

A “força bruta” (o “afastar o outro”) apontada por Souza (1995) é algo que pode mudar as fronteiras de um território, mas também manter coercitivamente os indivíduos no território. Nesse sentido a “força bruta”, enquanto característica mantedora do *pico* dos *locais* na Vila dos Peixes<sup>44</sup>, e praticada no *pico* (ou na praia) pelos surfistas *locais* de modo a demarcar o território é nomeada pelos surfistas como *localismo*.

Numa demarcação de territorialidade este localismo pode tomar a forma de violência, tanto simbólica quanto física, na busca de manutenção do poder (BOURDIEU, 1998), manifestando-se como um repúdio aos visitantes que não tem amigos ali; o surfista de fora e o iniciante são chamados de ráuli(haoli), sendo geralmente desconsiderados e muitas vezes até mesmo obrigados a retirarem-se do mar correndo o risco de sofrerem agressões corporais (SOUZA, 2003, p. 78)

Ana Souza (2003) na sua dissertação de mestrado, com o objetivo de estudar a relação das mulheres com o surfe, dedica um parágrafo para essa problemática e mostra a demarcação de territorialidade e manutenção de poder que o *localismo* em uma praia incide. Mas como os surfistas praticam o *localismo*? O que os surfistas consideram como *localismo*? Que “poder” os surfistas praticantes do *localismo* tem?

Comecei minha pesquisa interessado em estudar o conflito, como uma das formas de sociabilidade, e sabia que para analisar o conflito no surfe necessariamente teria que falar sobre *localismo*. Delineei a Vila dos Peixes como meu campo empírico de trabalho e quando estava no mar questionei os surfistas sobre o que seria o *localismo*: a maioria deles ao explicar essa prática o fazia comparando com outras praias, normalmente comparando ao Jardim das Dunas, ao Costão e outra praia do estado. Chegavam a afirmar que na Vila dos Peixes “não havia *localismo*” ou que “o *localismo* tem melhorado nos últimos anos” nessa praia, sempre enfatizando comparativamente a outro *pico*. O que

---

<sup>44</sup> O território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders)” (SOUZA, 1995, p. 86)

significa dizer que na Vila dos Peixes não tem *localismo*, tendo em vista que há *locais*<sup>45</sup> nessa praia? Deveria ir pesquisar uma praia com o *localismo* mais voraz e deixar de lado a Vila dos Peixes por ter um *localismo* menor?

Certamente não! Tentar compreender por que não existia *localismo* (ou pouco ou amenizado *localismo*) na Vila dos Peixes era ao mesmo tempo compreender quais fatores caracterizariam uma praia como “forte” *localismo* contrapondo-se a prática que acontecia naquela praia, pois como citado, na Vila dos Peixes havia *nativos* e *locais*. O *localismo* é a maneira como determinado grupo de *locais* se apropria de um *pico*. Dizer que não existe o *localismo* significa afirmar que nessa praia os *locais* não utilizam de violência – simbólica ou física – (SOUZA, 2003) como forma de se apropriar da onda, do *pico* ou da praia ou como “práticas hostis” ao outro surfista.

Ao longo das narrativas e da minha própria vivência, notei que o *localismo* na Vila dos Peixes era mais intenso nos anos anteriores. Os surfistas *locais-nativos* gritavam “fora *haole*”, “vai para a praia Y.” para os visitantes e discutiam quando ocorriam as *rabeadas*, *contornadas* e com os “surfistas fominhas”. O *localismo* na Vila dos Peixes é diferente comparado a outras praias: Souza (2003) apontou, através das narrativas das surfistas, praias onde os surfistas *haoles* são expulsos e praias que os esses não podem surfar por ser “de fora”; Adriano, e seu amigo, que estavam sentados na areia da praia conversando comigo sobre *localismo*[...]

[...] disseram que o pior *localismo* no Recanto do Atlântico é no Jardim das Dunas. Lugar onde acontece maior incidência de violências físicas e simbólica. Lá geralmente ocorrem discussões e brigas “só por [o surfista “de fora”] estar lá”, ou seja, só do surfista colocar sua prancha e sua pessoa no mar aparecerá alguém para reclamar da sua presença. Enquanto na Vila dos Peixes as brigas acontecem por *rabear* o outro ou por atingir a prancha no outro surfista. (Diário de Campo, 10 de janeiro de 2011)

### 3.3.1 A apropriação do *pico*: a utilização do corpo pelos *locais*.

Analisar o *localismo* é analisar a apropriação do mar pelos surfistas *locais*. Como se dá essa apropriação na Vila dos Peixes? E como essa apropriação condiz com as relações de poder? Aqui a delimitação é realizada pelo corpo: pela expressão corpórea, fala, forma

---

<sup>45</sup> Apresentamos no capítulo 1 e 2 alguns dos *locais* (*nativos* ou não) da Vila dos Peixes.

como se rema e pelo olhar. A fala é a primeira<sup>46</sup> “ferramenta” de apropriação e repulsão do *pico*. Assim como a fofoca, elemento usado pelos estabelecidos para estigmatizar os *outsiders* no estudo de Elias e Scotson (2000), os gritos são falas que agem para afastar os surfistas de fora do *pico*. Esses gritos<sup>47</sup> agem direta e indiretamente para com os surfistas na Vila dos Peixes. Diretamente foi citado no capítulo 2 quando o *nativo* grita para os *haoles* “aqui no costão só *nativo*” ou quando gritam “fora *haole*”<sup>48</sup> e “vão para lá, vão para a praia X.”. Indiretamente acontece quando dois surfistas, separados pelo posicionamento de outros, gritam para a conversação ou no exemplo de Tadeu ao remar em direção dos surfistas de fora e começar uma conversa – “vamos ali, falar bem alto”, ou seja, a fala não é direcionada diretamente para o surfista que não é dali, a conversa entre os *locais* acaba por espantar aqueles “de fora” que não se sente a vontade no meio da conversação alheia. A conversação age também para as sociações e interações de grupos que se estabelecem e delimitam o *pico*<sup>49</sup>.

---

<sup>46</sup> Não há uma ordem cronológica no que diz respeito ao apropriar-se do *pico*, separo aqui como forma didática de explicação.

<sup>47</sup> **Tadeu** explana como o mesmo se apropria do *pico*, principalmente pela fala e pela expressão corpórea, sendo contra a violência física: “Não é diferente, eu sou contra a violência, sou não a agressão, até então por que eu não tenho o porte físico para brigar [risos] e não é minha, é da maioria essa atitude de briga. Muita gente se coloca como *local*, eu me coloco como *local*, como eu te falei agora pouco, se tiver muita gente de fora, o que eu faço? ‘Vamo ai fala de nós, vamos falar alto aqui, nós somos da área’. Começa a dar umas piadinhas, ai o cara já escuta, essa é minha colocação, uma colocação psicológica Tenho mais idade, sou daqui e vou me impor no meu *pico* e eu me imponho. E como? Vou sentar ali no meio da turma de fora, eu fico na frente e tal, eu não digo nada, mas o cara já diz ‘esse cara é daqui, esse bicho é daqui’. [...]Eu não vou agredir ninguém, não vou pedir para ninguém sair dá praia, mas vou me colocar como um *local*, quero que eles me respeitam, só deixa eu pegar minhas ondas e não me perturbe aqui, então é uma colocação psicológica, eu me coloco como *local* [...] mas também não vou brigar, nunca briguei com ninguém de fora, não é a minha atitude, não gosto desse tipo de atitude, sou contra, mas tem gente que faz e não sei ,acho que alguém tem que fazer o serviço sujo, alguém tem que brigar de vez em quando mesmo, por que um cara como eu defensivo fica sem espaço. Cara, é meio antagonico essas posições, sabe?”

<sup>48</sup> **Patrick** me relatou um conflito em que se envolveu em uma praia e falou como os *locais-nativos* o repeliam. “[...]toda vez que chegava na área era cara feia, ‘fora *haole*’, xingando [...]” **Tadeu** (que não tem relação alguma com o conflito de Patrick) afirma também como é seu comportamento no seu *pico* e no *pico* dos outros: “É engraçado. Toda vez que eu vou num lugar onde alguém me rejeita, mesmo eu sendo daqui, eu penso em algumas atitudes, que eu também faço com outras pessoas, eu não agrido ninguém, mas faço uma posição, até certo ponto agressiva, eu reclamo, falo que o cara é de fora, chamo de *haole* [...] então toda vez que eu vou num lugar que a pessoa não me recebe bem eu penso duas vezes, para quando eu tiver no meu *pico* eu também não fazer isso com outra pessoa [...]. Então é uma maneira de ti refletir melhor, de tentar se colocar cada vez melhor no seu *pico*, fazer uma abordagem mais educada, no caso.”

<sup>49</sup> Ver capítulo 2.

A remada<sup>50</sup>, semelhante à caminhada de Michel de Certeau (2008), é também uma expressão corpórea de apropriação dos diferentes *picos*. A remada propicia duas apropriações: 1) a apropriação individual da onda, para praticar o surfe; 2) a apropriação do *pico* (individualmente ou coletivamente). A movimentação dos braços em cima da prancha faz com que o praticante do surfe procure a onda e mantenha-se no *pico*. A maneira como o surfista rema também tem suas simbologias: o surfista que rema em todas as ondas, demonstrando um “desrespeito” aos outros praticantes, é tido como “fominha”; o surfista que rema com grande quantidade parte frontal do peito para fora da água e com a cabeça muito erguida (famoso “nariz empinado”) pode ser considerado “metido”; o surfista que rema desajeitado ou que rema e não consegue entrar na onda como *haole*, entre outros exemplos.

Nota-se no diário que ao posicionar-se no *pico* o surfista tem que ter a visão de onde e como a onda *quebrará* para deslocar-se com intuito de conseguir *entrar* nela (“conquistá-la”). A remada e a visão do surfista são essenciais para conquistar a onda e são formas de delimitar um *pico*: no diário Mauro reclamou indagando que perto de Alexandre e Robson “não dá para ficar”, pois os mesmos “*pegam* todas as ondas”, isto é, “dentro” daquele *pico*, onde há uma competição interna, Mauro é repellido do “centro”, para as fronteiras simbólicas do *pico*, e aqueles com condicionamento físico e habilidades melhores (“remada mais forte”) delimitam os surfistas que pertencem ao *pico* e que participam da disputa de ondas que ocorre no mesmo. Como trouxemos anteriormente, muitos conflitos acontecem entre os surfistas habilidosos de fora (que tentam apropriar-se do *pico* ou de todas as ondas) e os surfistas *locais* (*nativos* ou não).

O olhar<sup>51</sup> também tem um caráter duplo no esporte: ele é o movimento inicial de apropriação da onda, quando a mesma se aproxima de um *pico*, atuando também na aprendizagem (como vimos no capítulo 2), e na observação dos *picos* existentes na praia (tanto fora como dentro do mar). Na demarcação do território o mesmo simboliza repulsão para com os surfistas de fora, sendo considerado como o primeiro sinal de hostilidade e uma das “ferramentas” do *localismo*.

Essas expressões e técnicas corporais – remar, olhar, falar e surfar – que ocorrem no mar, no *pico*, quando realizadas de maneira hostil,

<sup>50</sup> Ver também capítulo 1 sobre o remar do pesquisador.

<sup>51</sup> Patrick apresenta de que forma o seu olhar interpreta as ações dos outros: “[...]Agora, assim, é difícil dá pessoa enxergar isso. Eu já tenho uma sensibilidade grande, só pelo olhar do cara eu sei, ‘esse cara vai remar em todas’, ‘esse cara é mais calmo e tal’, só que a gente não pode confundir isso com mau caráter, com um cara que não pode ser seu amigo [...]”

reprimindo o surfista de fora, são identificadas pelos adeptos do surfe como *localismo*. Evidencio nessa pesquisa o *localismo*, ou o não-*localismo*, da Vila dos Peixes. Meus informantes demonstraram como o *localismo* acontece em outros *picos*, mostrando o caráter violento (fisicamente e simbolicamente) para com surfistas e também para bens materiais: “Por que eles trocam fundo de carro, eles viram carro, eles agridem muito. O que eu vi nesse tempo todo, foi tudo meio isso aí, eu já vi de tudo, sabe? Agressão, soco na cara, quebraceira, brigas, muita briga, muita briga, muita gente sendo expulsa da praia, muita briga [...]”; “Já vi gente sendo expulsa da água [...]”; “Fui surfar lá no X. e riscaram todo meu carro”; “Já vi briga na areia [...]”; etc. Como demonstrado o *localismo* acontece no *pico*, no mar, na praia, na rua etc para com os indivíduos e seus bens. Mas por que não existe, ou pouco existe, o *localismo* na Vila dos Peixes? Ou ainda, por que existe o *localismo*?

### 3.3.2 A preservação da prática do surfe *nativo/local* no *pico*.

Como expomos, falar em *localismo* é falar em práticas coletivas, rede de sociabilidade e pertencimento ao *pico*, à praia e ao município. Para os *locais* e/ou *nativos* da Vila dos Peixes, o *localismo* simboliza preservação. Essa preservação tem dois sentidos: o primeiro sentido é a preservação ambiental e a preservação da cidade (contra os problemas do crescimento desorganizado da vida urbana), nesse sentido há uma identificação grande com o lugar de prática. O que está em jogo é manter a cidade apropriada para a vivência dos moradores e conservar a praia limpa e adequada para a prática do esporte e para sua freqüentação.

O segundo significado de preservação que o *localismo* tem é a preservação da prática do surfe por parte dos *locais/nativos*. O objetivo principal dessa preservação é fazer com que *projetos* individuais de surfar aquele *pico* sejam obtidos. Falar em preservar a prática é falar em distribuição da riqueza marítima, isto é, questionar como se distribuem as ondas para os surfistas, analisando a “relação econômica” de oferta e demanda no mar.

A oferta é a quantidade de ondas que o *pico* tem a oferecer e a demanda o número de surfistas que estão no *pico*. Quanto mais onda tem no mar, a possibilidade de um conflito é bem menor do que quando há grande quantidade de surfistas para poucas ondas. Essa relação é que os surfistas chamam de *crowd*, que é a relação entre quantidade de ondas no *pico* x quantidade de surfistas. Nesse sentido, o conflito, podendo ser realizado pela prática do *localismo*, age como uma ação

reguladora para a ocorrência da própria prática, geradora de uma ordem que possibilita o próprio surfe, que “organiza” o *crowd* ou que afasta os indivíduos para que não haja o *crowd*. Vale ressaltar, que o *pico* marítimo é uma territorialidade de procura, de disputa, de competição<sup>52</sup> (SIMMEL, 1983), um campo de forças cujo objetivo é “conquistar” a onda para praticar o esporte, onde ocorrem essas “relações econômicas” e relações conflituosas.

Em uma das conversas que tive na água, Caio, frequentador esporádico da Vila dos Peixes, me aconselhou a compreender o conflito a partir da relação entre qualidade e o tamanho do mar (da onda) e o conflito. Segundo ele o conflito geralmente ocorre nos mares com ondas pequenas - de meio a um metro - onde há uma heterogeneidade de surfistas, desde os que estão aprendendo até os mais experientes, pois nesses dias a quantidade de gente na água, no mar, no *pico* é maior. O que de fato condiz com a afirmação anterior (menor oferta = maior probabilidade conflito) e complementa<sup>53</sup> (mar fácil de surfar = maior quantidade de surfistas = maior probabilidade de conflito). Portanto, o mar, enquanto sujeito, seleciona os surfistas com suas ondas, no entanto, tais formulações econômicas marítimas, até certo ponto positivistas, não constituem a única causalidade para as relações sociais conflitivas dos surfistas. Ao longo desse trabalho percebemos que os conflitos podem ser causados por diversos fatores: quebras de “regras”, condutas “desrespeitosas” e o próprio *localismo*.

### 3.3.3. Ciúmes, irritação e invasão: emoções entre os surfistas da Vila dos Peixes.

O *localismo* é também o resultado de expressões emocionais (VELHO, 1981) partilhados por seus praticantes. Mas que emoções são essas e como essas emoções aparecem no mar? Os surfistas abaixo relatam como as emoções agem como o indivíduo e com o lugar de prática:

Questionei Tadeu sobre o motivo das brigas no mar, ele me respondeu:

---

<sup>52</sup> Comparo a o surfe a segunda forma de competição que Simmel explora: a competição com intuito de meta (*pegar* a onda). “Nessa segunda forma de competição [...] a subjetividade da meta final e a objetividade do resultado final se entrelaçam de maneira mas fascinante [...] Cada parte combate seu adversário sem se voltar contra ele, sem tocá-lo, por assim dizer. A motivação subjetiva e antagonista conduz assim à realização de valores objetivos e a vitória na luta não é realmente o sucesso da luta em si, mas precisamente, da realização de valores exteriores a ela” (SIMMEL, 1983, p.137)

<sup>53</sup> Caio conclui sua fala com a afirmação “em mar grande eu nunca vi nenhum tipo de briga”.

**Tadeu:** Eu acho muito que é pela invasão do espaço, porque o cara daquele *pico* ali, se sente meio dono daquele lugar lá [...] muita gente vai surfar ali. Por exemplo, o cara tá ali todo dia ele pega chuva, pega vento, mar ruim, sabe? Tranqueira, mar que ele quase morre afogado e não vem ninguém, na hora que o mar tá bom, dá altas ondas vem todo mundo, entendeu? Então, ele se sente invadido, como tua casa, invadindo, imagina um monte de gente vindo acampar no seu terreno, nunca viu aquelas pessoas ali. E o surfe depende, quanto mais gente dentro da água pior é. Menos ondas sobram para as pessoas. Então o que tu sentes mesmo é uma invasão de pessoas, muita gente, número de gente no mesmo lugar. Então como eu te falei, quando tá ruim, não vem ninguém e quando esse mar fica *altas* ondas, dia azul bonito, vem todo mundo, vem a cidade inteira para cá, para surfar, e o lugar que eu to aqui com três, quatro sofrendo e na hora boa que eu quero aproveitar pegar onda boa vem um monte de gente e eu não consigo pegar onda e tal. É tudo um egoísmo, tudo um egoísmo do ser humano, o ser humano é egoísta, né? Quer tudo para si, não quer deixar para os outros, não quer dividir com os outros, essas são as deficiências dos seres humanos ele não é coletivo, ele é individualista [...] Eu acho que é por invasão mesmo, por quantidade assim, sabe? [...]

∞ ∞ ∞

**Pesquisador:** E como você definiria *localismo*? O que seria isso pra você? O que é *localismo* para você?

**Michel:** *Localismo* é tipo assim cara, o surfista *local*, de qualquer área/praias, ele tem um ciúmes muito grande da sua onda, tá ligado? Essa que é a parada. Então, pô, se tá ali surfando, ou tu chega e tem neguinho *pegando* sua ondinha ali, isso aí te deixa irritado tá ligado?

**Pesquisador:** Você acha que tem mais ciúmes ou posse?

**Michel:** Os dois como eu te disse. Posse, mas tu sentes ciúmes daquela onda ali, né irmão? Antigamente nós tínhamos ciúmes dessa onda que, olha, não podia chegar neguinho do lado mesmo, que nós endoidava [risos] aí depois nós fomos acostumando, tá entendendo? Muita gente, eu também não posso ter inimizade com as pessoas aí, eu tenho um negócio, tenho um nome para zelar.

∞ ∞ ∞

Questionei a Roberto se o *crowd* era o único fator que resultava nos conflitos:

**Roberto:** [...] às vezes vêm uns caras que não respeitam ninguém, entendeu? Surfa ali raramente e chega ali e tem umas ondinhas, chega e pega uma onda, pega duas, dá o *balão*[*contornar*], pega três, aí é chato né? Daí irrita [...] não respeita, não viu que tu tá ali já, tá assistindo ele surfar, daí é chato, né cara? Isso aí meio que irrita às vezes [...] Não! (*crowd* como único fator do conflito) Se tu tiver um *crowd* que todo mundo respeita, todo mundo saiba surfar, saiba se posiciona! Às vezes tu estas surfando e o *crowd* incomoda quando o cara tá voltando da arrebentação e rema para o lado errado, entendeu? Tu vai surfar uma *esquerda* [...] ao invés do cara remar para espuma, me irrita, as vezes tem um *crowd*, tá difícil de pegar onda, quando vem uma onda o cara está voltando, não faz o mínimo esforço para não atrapalhar, fica ali te atrapalhando e

depois acha que tu queria atropelar ele. Isso ai é essas coisas assim que incomoda e não o *crowd*, todo mundo tem direito né? Só que às vezes tem que respeita, né?

∞ ∞ ∞

Percebemos nas narrativas como os sentimentos surgem nos indivíduos: irritação, ciúmes, invasão e posse. Sentimentos heterônimos que influenciam o comportamento dos surfistas dentro da água. Como exposto no capítulo um, o bairro do Recanto do Atlântico é um dos mais populosos do município de São Pedro da Costa e recebe anualmente a vinda de moradores e visitantes de todo o país. Essa forte migração repercute em um aumento no número de surfistas em todo o bairro, inclusive na Vila dos Peixes. É nesse aumento que surge os sentimentos de invasão e ciúmes da onda ser usada pelo outro. Esses sentimentos, causados pelo aumento no número de surfistas e pelos “novos” *habitus* desses, muitas vezes emergem diretamente na prática do surfe e no cotidiano dos moradores – *locais* e/ou *nativo*<sup>54</sup>.

No capítulo dois, discutimos o que o não respeito, a quebra de regras estabelecidas e comportamentos inadequados simbolizavam para os surfistas incidindo em conflitos e emoções por como a irritação, também analisamos o sentimento de não conseguir realizar a prática-surfar. Sentir que algumas pessoas “invadem” seu *pico* (“extensão de sua” casa), sentir ciúmes da onda, “perder” a competição que acontece no *pico*, não conseguir surfar por causa do *crowd* (ocasionado pelos *haoles*) são sentimentos geradores, quando partilhado pelo grupo, da prática do *localismo* na Vila dos Peixes.

No dia 14 de janeiro de 2011, sentei na areia da Vila dos Peixes e questionei Garcia, um dos mais antigos *nativos* dessa área, como surge o *localismo*. De maneira simples e objetiva Garcia respondeu: “*localismo* só existe porque existem vocês (apontando para Adriano e eu), por que existe o pessoal de fora”. Ora, tal narrativa expõe resumidamente toda argumentação que tivemos até aqui: o *localismo* é a exteriorização hostil daqueles sentimentos “negativos” causados pelo comportamento do outro, que é “de fora”.

Portanto, defino *pico* no surfe como uma territorialidade móvel, fluida e flexível, que surge a partir das condições oceânicas e é delimitado pelas relações de sociabilidade entre os surfistas. O *pico* pode ser pensado como um território do vazio (CORBIN, 1988) que é criado e recriado por e pelas ondas e por e pelas relações sociais. O

---

<sup>54</sup> Com cotidiano, me refiro aos problemas que o crescimento desordenado causa em grandes municípios, como aumento no índice de violência, trânsito, falta de saneamento básico etc. Esses problemas acabam sendo muitas vezes relacionados com os “novos” surfistas migrantes.

*localismo* na Vila dos Peixes é a atitude e a ação coercitiva de pertencimento objetivada para a preservação da prática dos surfistas *locais* (*nativos* ou não) no *pico*, condicionada pela sociação desses surfistas que partilham de valores, códigos emocionais (VELHO, 1981), *ethos*, *visão de mundo* (GEERTZ, 1989) semelhantes.

## REFERÊNCIAS

ARANTES NETO, Antonio Augusto. **A guerra dos lugares**. In: Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

BANDEIRA, Marília Martins; RÚBIO Kátia. **“Do outside”**: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.25, n.1, p.97-110, jan./mar. 2011

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo (SP): Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2007.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petropolis: Vozes, 2004.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida**: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007

GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petropolis, RJ: Vozes, 1987

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-29, jun. 2002.

MAUSS, Marcel; LEVI-STRAUSS, Claude, 1908- 1908. **Sociologia e antropologia**. São Paulo (SP): CosacNaify, 2003

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo UNESP 1998 220p

SIMMEL, Georg; MORAES FILHO, Evaristo de. **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Atica, 1983. 192p

SOUZA, Ana Maria Alves de. **Evoluindo** : mulheres surfistas na Praia Mole e na Barra da Lagoa. Florianópolis, SC, 2003. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

\_\_\_\_\_. **O surf e os conflitos de grupos identitários em relação a disputa do território marítimo**: desavenças entre “locais”, “haolis” e pescadores. In: RIAL, Carmem; GODIO, Matias(orgs.). Pesca e turismo: Etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul. Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC, 2006.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território**: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1981.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3.ed Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003

WACQUANT, Loic. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará . 2002

**Sites consultados:**

**CENTRO DE ESTUDOS DO MAR UFPR.** Disponível em <[http://www.cem.ufpr.br/praiapagina/pagina.php?menu=ondas\\_tipos](http://www.cem.ufpr.br/praiapagina/pagina.php?menu=ondas_tipos)> Acesso em 4 de agosto de 2011

**WAVES.** Disponível em <<http://www.waves.com.br>>. Acesso em 25 de julho de 2011